3 1761 07149274 8

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/sempassarfrontei00pime

ALBERTO PIMENTEL

Sem passar a fronteira

1902

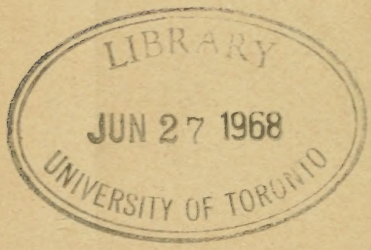
LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE CARVALHO, EDITOR

158, RUA DA PRATA, 160

LISBOA

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica,

178, Rua de D. Pedro, 184—Porto



DP
525
P5

AO LEITOR

N'um livro publicado em 1879 [1] escrevi estas palavras:

«Eu gosto principalmente de viajar no meu paiz, quizera, se isso fosse possivel, visitar todas as aldeias, por mais remotas e sertanejas que fossem; gosto de conhecer as tradições locaes, de conversar com os camponezes ao serão; de procurar os pontos de vista; não me esquivo ao incommodo de subir ao topo d'um monte, de atravessar uma serra cavalgando n'um burrinho; — mas quero que me cubra o ceu portuguez, o ceu sob o qual eu nasci e amei e espero morrer; quero ouvir fallar a minha doce lingua, vêr os monumentos da minha patria, sentar-me melancolico, no fim da tarde, á beira de um caminho

[1] *Viagens á roda do codigo administrativo.*

ou de um rio, podendo comtudo dizer á minha alma que não está só, que estou na minha terra, em Portugal...»

São passados vinte e trez annos desde que escrevi estas palavras, e parece-me que ainda agora acabei de as escrever, tanto ellas exprimem o meu gosto de viajar dentro do paiz e a nenhuma pressa de visitar nações extranhas, aonde nunca fui, e provavelmente já não irei.

É moda do nosso tempo correr mundo, agradavelmente, em comboios rapidos ou paquetes velozes. Até se pretende resolver o problema de viajar em balão. Os homens de hoje colhem o fructo dos trabalhos que os nossos remotos antecessores passaram para descobrir e explorar terras longinquas; para atravessar caminhos perigosos, infestados de assaltos, emboscadas e morticinios.

No seculo XIV foi mandado a Roma um portuguez para liquidar certa questão ecclesiastica. Diz um documento da epoca: «foi seu caminho com seu redondel curto de rosete e com seu capeirote e seu dardo como homem de caminho.»

Hoje é muito commodo e recreativo viajar sem dardo.

Por isso vae toda a gente ao extrangeiro, d'onde nos traz impressões, aventuras, e não sei se fábulas.

É preciso que fique alguem para fallar do nosso paiz. Tenho ficado eu, a tomar conta n'elle, mais que os governos.

E este livro, em que resumo lembranças de varias epocas, falla de Portugal, o que plenamente justifica o titulo com que o baptisei.

Lisboa, janeiro de 1902.

Alberto Pimentel

I

RIBATEJO

I

Rio acima

Algumas vezes, alongando os olhos, a perder de vista, pelas lezirias do Ribatejo, tem-me succedido pensar na suggestão que a linha recta da terra e da agua ha de exercer nos espiritos ali educados, dando-lhes o que quer que seja de expansão indeterminada, de sonho sem balisas, de pensamentos dilatados sobre um panorama infinito.

As montanhas agrestes, de outras provincias, poderão gerar ideias grandiosas mas severas; elevadas mas fortes e talvez duras como ellas.

Não assim a campina rasa do Ribatejo, onde a agua, mãe da fertilidade, brilha sob a luz do sol e parece cantar docemente um madrigal de voluptuosa preguiça, geradora de sensações mais suaves do que profundas, mais amplas do que vehementes.

Assim deve ser, realmente, e assim m'o testemu-

nharam dois livros que esta semana recebi do Ribatejo: *Através de Santarem*, do sr. João Arruda, redactor do *Correio da Extremadura*, e *Sonhando*, do sr. Sequeira de Carvalho, natural de Benavente.

No primeiro d'estes livros collaborei eu com um prefacio, que elle bem dispensava, porque o seu auctor tem-se adestrado litterariamente na faina do jornalismo, e só lhe falta porventura o estimulo que os grandes centros de população costumam despertar nos espiritos briosos para os obrigarem a attingir maiores progressos.

O sr. Sequeira de Carvalho é um novo, inexperiente e hesitante, que precisa ainda de um largo tirocinio e de uma longa preparação intellectual.

Mas ambos estes livros denunciam um certo caracter regional que plenamente confirma a theoria de Herder, da acção que o aspecto da natureza exerce no espirito do homem: são impressões que fogem sobre o papel n'um vôo ephemero e livre como o do olhar que atravessa rapidamente as lezirias e vae perder-se n'um horisonte sem fim.

Pelo que respeita á escolha dos assumptos, o sr. João Arruda é um pintor impressionista que põe nas suas pequenas telas um apaixonado colorido de vida local; o sr. Sequeira de Carvalho divaga pelos themas do amor, sem se preoccupar com o scenario da sua terra.

Pois faz mal, porque o Ribatejo tem ainda muito que explorar nos aspectos da sua vida laboriosa, na cadeia tradicional dos seus usos e costumes e até no

seu cancioneiro galante, onde ha trovas de um bello sabor extremenho, como esta:

Salvaterra, Benavente,
Jericó fica no meio.
As meninas de Samora
Bailam com muito aceio.

A geração litteraria que nos precedeu deu-nos em Garrett e Herculano o exemplo de que sabia ir procurar o pittoresco onde elle realmente existe.

Ambos esses grandes escriptores se occuparam do Ribatejo, de Santarem especialmente, e por signal que os escriptos de um e outro, além do seu valor descriptivo, teem subida importancia como documentação psychica.

Garrett, no primeiro capitulo das *Viagens,* revela a despreoccupação de um artista, que viaja disposto a colhêr a flôr da alegria e a graça da vida onde puder encontral-as. A reproducção do dialogo entre os campinos do Ribatejo e os varinos de Ilhavo, disputando entre si primasias de força physica, é um dos mais rapidos e mais profundos quadros de costumes portuguezes, que se teem escripto na nossa lingua com maior desenfado de espirito e *coquetterie* litteraria.

Vê-se, através d'essas paginas, a alma de um homem do mundo, que descarrega cuidados e preoccupações sobre as aguas do Tejo e quer desinfectar-se dos microbios da politica arejando-se na brisa fresca que sopra benigna.

Lembranças da sua vida passada, dos trabalhos soffridos na emigração, das pugnas azedas de S. Bento, dos golpes do amor malferido, dos desastres e victorias colhidos nos salões elegantes de Lisboa, ambições, soffrimentos, desillusões ou esperanças, o bom e o mau da existencia, tudo se varre do seu espirito no momento em que desenfadadamente, como artista de pura raça, surprehende esse dialogo travado entre homens que apenas conhecem como valor pessoal o prestigio da robustez e da saude do corpo.

Notemos agora o profundo contraste que resalta do confronto entre a organisação moral de Herculano e Garrett.

No verão de 1853, Alexandre Herculano, com alguns amigos, foi Tejo acima, n'um barco de vapor, visitar Santarem.

A narrativa d'essa viagem tem estado até hoje meio escondida no volume do «Panorama» correspondente a junho de 1854.

O aspecto das povoações ribeirinhas não deu a Herculano uma impressão que elle traduzisse embrincando palavras n'uma quasi infantil ligeireza de folhetim galante. Apenas notou que havia ahi uma serenidade que edolçurava as agruras da vida.

«Alhandra, Villa Franca, Alverca, Villa Nova passaram successivamente por nós com os seus edificios caiados, similhantes a grandes estendaes postos nas clareiras, e cuja alvura o sol esplendido da nossa terra quasi fazia scintillar. No Tejo cruzavam em diversas direcções dezenas de velas arredondadas pela bri-

sa fresca. As manadas de touros, parados gravemente pela margem, ou mettidos na agua por entre os caniços e juncaes, pareciam observar o movimento do rio, que alguns atravessavam, ora a nado, ora com agua pelos peitos, para o proximo mouchão, e nos seus meneios lentos, no seu olhar tranquillo ninguem lhes adivinharia a nativa ferocidade. Na limpidez do ceu, nas tintas cambiantes das terras calvas, nos verdes variados da vegetação, no murmurio do vento havia uma harmonia de paz; havia vida sem tempestade.»

Dilucida-se n'este trecho a alma severa do pensador, que raras vezes e só por momentos se sente alliviada do pezo esmagador de uma vida aspera.

Diz Herculano que elle e os seus companheiros de viagem iam rindo e motejando, mas este relampago de alegria, se o houve, durou pouco, como todos os relampagos.

O vapor parou á foz do canal da Azambuja, os outros passageiros separaram-se ahi, e Herculano, com um só companheiro de viagem, que designa pela lettra B, ficou esperando a «gondola» em que deviam, os dois, seguir viagem pelo canal até á ponte da Asseca.

Logo na Azambuja se apagou o ephemero relampago de alegria, que lhes tinha sorrido de relance. Acharam-se «sós, tristes, silenciosos.»

A «gondola» partiu e Herculano e B. foram sentar-se á ré, separados dos outros passageiros que não conheciam e que, como elles, tinham entrado na Azambuja, limite da viagem do vapor.

B., que levava saudades de Lisboa, deixou deslisar pelas faces duas lagrimas.

Então, vendo-o chorar, accordam em Herculano as pungentes recordações da sua trabalhosa mocidade.

«Levantei-me e bati-lhe no hombro, conta elle fallando de B.

—«Antes de ter a sua idade, disse-lhe, tambem eu deixei uma familia querida, não por alguns mezes, mas por um futuro indefinito, não para viajar tranquillamente entre concidadãos e amigos, mas para vaguear na terra extrangeira, pobre, só, abandonado. Reclinando-me doente, não sobre os coxins de uma gondola, mas sobre o duro pavimento da coberta de um navio, tambem duas lagrimas me rolaram nos olhos, mas sustive-as porque me envergonhei de mim mesmo; envergonhei-me de ser fraco.»

É realmente profundo o contraste entre as impressões recontadas por Garrett nas *Viagens* e as que Herculano deixou consignadas n'esta sua quasi ignorada narrativa de excursão a Santarem.

Em cada um d'esses notaveis escriptos está photographado moralmente o seu auctor: Garrett é o poeta, o folhetinista, o artista que viaja; Herculano é o pensador, o philosopho, que em toda a parte encontra motivo para marcar a fogo uma impressão melancolica.

Chegado a Santarem, o eminente historiador confessa lealmente a impossibilidade de fazer um livro que, tomando por assumpto a viagem, possa medir-se com o de Garrett e menos ainda supplantal-o; mas, a proposito de Garrett, espreme uma vesicula de azedu-

me, que mais accentúa a divergencia entre os dois espiritos.

«Para nós escriptores de profissão, depois das *Viagens na minha terra*, diz elle, Santarem é como um pomo vedado: pertence de propriedade ao auctor d'aquelle espirituoso e poetico livro; pobre auctor, a quem ahi insultaram e calumniaram de visconde! O grande poeta não o merecia. Camões morreu no hospital, e o poeta de *D. Branca* e de *Fr. Luiz de Sousu* morrerá com essa hedionda alcunha atada ao seu nome. Dar pão ao genio trajando-lhe o sambenito, equivale a deixal-o expirar de fome. Os vultos que se elevam tanto acima dos outros, e que se chamam Camões ou Garrett, deviam dispensal-os, não só de uma vida de miseria, mas tambem de passarem pela craveira dos agiotas, dos intrigantes e dos galopins eleitoraes. Estes governichos de Portugal serão, porventura, eternamente incorrigiveis?»

Depois Herculano descreve a famosa estalajadeira Felicia, de Santarem, o padre J. P., sacerdote illustrado e obscuro; todavia, fallando da Alcáçova, que visitou, escreve uma bella, mas severa tirada, fulminante de indignação, contra cada remendo, «cada dedada sebenta», que o vetusto edificio já tinha soffrido até esse momento.

Quem não conhecesse a biographia de Garrett e de Herculano ou quem tivesse nascido em época mais affastada do tempo de ambos, do que aquella em que vivemos, poderia, lendo com attenção as narrativas da viagem de um e outro, gravar em traços firmes e

exactos o retrato subjectivo, o perfil intellectual e moral dos dois escriptores tão oppostos entre si.

Esses dois grandes escriptores, descrevendo uma viagem a Santarem, Tejo acima, são como dois exemplares humanos das faunas polares, que partindo um do norte para o sul, outro do sul para o norte, viessem a encontrar-se sobre a linha equatorial, unico ponto de referencia commum a ambos, extranhando-se um ao outro, como habitantes de regiões diversas e longinquas.

Supponho que este confronto entre Garrett e Herculano, de que effectivamente resalta um profundo contraste, não será um dos filões menos interessantes a explorar na historia das viagens pelo Ribatejo.

II

Alcochête

Foi n'um dia da ultima semana que eu naveguei pelo Tejo acima em boa companhia de pessoas alegres, que é a melhor companhia d'este mundo.

Muitos leitores vão ficar surprehendidos com tão extraordinaria noticia.

— O que?! exclamará um. O homem teve a coragem de navegar!

— Enjoou? perguntará outro.

E um terceiro, de habitos muito pacatos, dirá talvez:

— Pois o senhor não sabe que o Tejo é só para vêr?!

Em verdade, para a maior parte dos lisboetas, o Tejo não serve para outra coisa.

Sendo grande de mais para metter dentro de uma redoma e pôr em cima de uma mesa, deixam-n'o estar onde a natureza o collocou, mas contentam-se em olhar

para elle de tempos a tempos como para o retrato de um avô illustre.

É um avô, o Tejo, do qual se contam façanhas gloriosas; portanto, um avô illustre, tambem.

Foi grande, muito maior do que hoje, na gloria e no tamanho, porque já passou a época em que o povoavam as naus da India e do Brazil, e porque lhe foram comendo um bocado para fazer o Aterro, um bocadão para as obras do porto, de modo que o pobre Tejo está dentado, ratado como os juros das inscripções e o nosso credito.

Tambem eu tinha a falsa idéa de que o Tejo, no seu estado actual, servia apenas para vêr. Mas um amigo meu, o sr. Dom Miguel Pereira Coutinho, disse-me que não era tanto assim, porque navegava algumas vezes até Alcochête, e que me fosse eu desenganar na sua companhia e de outros amigos seus e meus.

Ainda oppuz algumas duvidas, porque o portuguez d'agora é sempre timido antes de saír de casa, e affoito depois de ter saído.

— Mas não irá a gente, perguntei eu, metter-se n'algum vau, que nos enrasque?

Que não; que até Alcochête havia a agua precisa para um vaporsinho de recreio. E que nem sequer era necessario fazer testamento, porque estariamos de regresso no mesmo dia.

E então, resolvido a partir, dei-me ares de ir viajar muito longe, que é uma fumaça peculiar aos portùguezes.

Fui para a Baixa mais cedo, de modo que me vissem e eu pudesse dizer, com apparencias de muito sereno, que d'ali a momentos ia partir pelo Tejo acima a Deus e á ventura.

— Ora essa! pelo Tejo acima?!

— Sim, senhor, na direcção mais perigosa, porque terei de luctar contra a corrente, e sabe Deus o que acontecerá! Mas de isso mesmo é que eu gosto — do perigo!

Gesto de assombro do meu interlocutor.

— Mas então até onde? A Villa Franca? A Santarem? A Abrantes?

— Mundo infinito! A Abrantes ou Santarem é-me indifferente. Mas por ora resolvi talvez ir mais perto.

— Ao Barreiro?

Gesto meu de desdem.

— Nem tão perto. Ao Barreiro vae toda a gente e eu não me quero encontrar com toda a gente.

— A Montijo, buscar ostras?

— Nada, não. A respeito de ostras, tenho a seguinte opinião: que são ellas que devem vir ter comnosco... ao prato.

— Vae ao Samouco talvez?

— Que iria eu lá fazer, se elle, na sua qualidade de Sá mouco, não me poderia ouvir!

— E' então uma viagem arrojada?

— Pelo menos. Vou a Alcochête, que é uma terra aonde nem toda a gente tem ido. E o proprio rei D. Manuel, se a quiz conhecer, teve de nascer lá!

— Bem se vê que o senhor vae sendo um pouco antigo... em historia!

— Porque?

— Porque ainda sabe onde os reis nasceram; era o que de historia patria nos ensinavam d'antes.

— E mais tambem quantos meninos tinham tido.

— Ensinavam-nos um almanach!

— Mas agora nem isso dão a saber. Agora, o almanach de maior consumo, é o *Commercial*.

— Serio. Diga o que vae fazer a Alcochête.

— Vou vêr a terra, que é uma das coisas que mais gosto: vêr terras.

— Gastará n'isso tão pouco tempo, que terá de partir de lá talvez antes de ter chegado.

— Jantarei bem, que é uma excellente maneira de fazer grandes as terras pequenas.

— E terá com quem conversar, que é uma coisa indispensavel para comer bem?

— Oh! se tenho! Não ha pessoas mais amaveis para conversar do que a gente antiga, de boa raça, que soube o que era sociedade. Mas são horas de partir. Ás duas horas largamos do Caes das Columnas. Sabe porque Vasco da Gama não partiu tambem d'ali?

— Porque foi?

— Porque não havia ainda caes, nem columnas. Adeus, falle por cá a respeito da reforma concelhia, da *fornada* de pares, de tudo aquillo em que os senhores, na terra firme, gastam o tempo ingloriamente. Eu vou navegar. Sabe que mais?... modestia á parte. Vou descobrir Alcochête.

Isto da gente ter passado durante alguns annos pela litteratura põe muitas teias de aranha na cabeça.

Peguei a pensar no Garrett, mais nas suas viagens Tejo acima, e já no vapor, que ia cortando lindamente a agua, imaginei que estava vendo Lisboa pelos olhos d'elle

«Assim vamos de todo o nosso vagar contemplando este magestoso e pittoresco amphitheatro de Lisboa oriental, que é, vista de fóra, a mais bella e grandiosa parte da cidade, a mais caracteristica, e onde, aqui e ali, algumas raras feições se percebem, ou mais exactamente se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das chronicas.»

Pois é isto mesmo, pensava eu. Aqui vai correndo a meu lado a cidade moirisca, muito arabe ainda. E' o passado, a tradição, que resiste mais do que toda a guarda municipal. Agora chegam as hortas do Beato, de Xabregas e de Chellas, onde Francisco Palha ouviu cantar a *meiga* nora. Ainda são as mesmas do tempo de Garrett. Mas ha agora uma horta melhor para a gente fina... aos domingos. E' a Avenida da Liberdade, com cadeiras do Asylo e peixe frito que se come... com os olhos.

Depois a margem direita começa a ser árida, com uns longes africanos. Voltam-se os olhos para a margem esquerda, que é plana e quasi toda verde. Só a distancia se desenha o cêrro de Palmella e a serra da Arrabida. Aqui está Montijo com as suas ostras, mais para cima o Samouco, e já então principiam a

apparecer algumas manchas brancas por entre a verdura. São casas, algumas de boa apparencia. Avista-se, ainda a consideravel distancia, a Atalaya, e á beira d'agua Alcochête, que a um homem que deseja navegar, como eu, chega a dar zanga de ficar tão perto de Lisboa.

O dia está nublado, mas um clarão de sol cae em cheio sobre Alcochete, e as vidraças das casas lampejam fogachos que tremeluzem.

— E' que Alcochête, dizem a bordo, está em festa pela restauração do concelho.

— E poz luminarias de dia. Copiou a peregrina idéa que teve a camara municipal de Lisboa illuminando a fachada do seu edificio na tarde em que Mousinho d'Albuquerque o visitou.

— Nada d'isso! Alcochête tem mais juizo.

Vamos cortando uma grande largura de Tejo, que, de margem a margem, dizem que medirá trez leguas.

É bello, é grande, porque os homens ainda não fizeram ahi aterros, nem querem fazer portos artificiaes ahi.

Chega a gente a desorientar-se, parece que o rio está invertido, que navegando para Alcochête se vae avançando para a barra e que Lisboa, ligando-se a Cacilhas, fecha uma bahia sem sahida.

Garrett não mencionou Alcochête, e admira, porque foi uma terra nobre, e elle gostava tanto de boa gente de linhagem! Ali esteve a ares D. João I, por ser, diz Azurara, «logar fresco e de singular disposi-

ção para sua saude» e d'ali veio morrer a Lisboa. Ali teve residencia o infante D. Fernando, duque de Vizeu, e ali nasceu o que foi rei D. Manuel. Os fidalgos da casa do duque ali edificaram predios, que seriam bons, e já não são cousa nenhuma.

E' difficil o desembarque na ponte. Cousas nossas. A Trafaria tem andado ha não sei quantos annos a pedir uma ponte. Não sei se lh'a deram já. Alcochête tem uma, mas de pouco serve; de um caes é que precisava.

A casaria agrupa-se quasi á beira d'agua; parte sobre muralha. Uma chaminé, da extincta fabrica de phosphoros, rompe de entre a casaria. É um canudo do progresso n'uma terra que foi arabe, e ainda o é algum tanto.

Mal ponho o pé em terra vou com Nicolau de Brito — conversador d'aquella boa escola de Julio Cesar Machado, que ou escrevia folhetins ou os conversava — vou com Nicolau de Brito ver a povoação e a egreja.

Tudo arabe, uma e outra. Casas embiocadas em gelosias; cabeças de mulheres espreitando por entre as rótulas. O que quer que seja de melancolia semitica, n'um descahir de tarde na Arabia.

Na egreja matriz todo o ar de ter sido mesquita, embora D. Manuel a reconstruisse para lhe dar alguma feição christã. Uma torresinha e uma rosácea, que são um apetite. Uma porta lateral, em ogiva, que é outro apetite. E no interior do templo e ainda na faxa

interna do adro lindos azulejos hispano-arabes, puros, bem caracterisados, intactos.

E está visto Alcochête, de relance, que é a melhor maneira de vêr as terras, grandes ou pequenas, porque se colhe uma impressão e não se enréda a gente em pormenores cansativos.

As terras são como as mulheres. Vistas de repente, agradam quasi sempre; mas se a gente começa a observar as feições, uma por uma, sempre acha alguma coisa que valha menos.

Vae anoitecendo. O cair da noite é triste á beira dos grandes rios.

Mas o sino repica, estalam foguetes pela restauração do concelho.

Junto ao palacio dos marquezes de Soydos toca uma phylarmonica, que desvanece a impressão melancolica do anoitecer.

Nicolau de Brito diz-me que o povo está alegre de patriotismo, mas que nós precisamos comer, porque não nos mandaram de presente concelho nenhum; — e que como justa compensação o sr. Dom Antonio Pereira Coutinho nos irá dar um jantar excellente, como é seu costume.

No pateo do palacio ha muito povo, que solta vivas, que está contente e feliz porque cada um quer viver independentemente na sua casa, ainda que seja modesta.

Espera-se um momento, passado agradavelmente entre pessoas de boa companhia e boa raça; conver-

sa-se, olhando das janellas abertas para o Tejo, onde a agua se vae empastando na escuridão da noite.

Ouve-se tinir loiças, sente-se passar criados.

Abre-se uma porta, de que rompe um clarão festivo de luzes.

A musica, no pateo, principia a tocar um *allegro*, que abre o apetite.

E uma voz annuncia amavelmente:

— Meus senhores, vamos para a mesa.

II

CASCAES

I

No principio de uma época balnear

Um vento desabrido, a que talvez se pudesse chamar o «mistral de Cascaes», sacudia violentamente o toldo do Casino.

Dois lampeões, apenas, illuminavam escassamente a grande varanda de pedra, onde outr'ora a roleta afinava deliciosamente as serenatas de um sextetto.

Agora, só o vento, sempre o vento, gemia funebre agitando o toldo, e uma tristeza funda, em face do mar escuro e vasto, ao som de longos uivos eólicos, parecia invadir os espiritos enchendo-os de aborrecimento e treva.

Oito horas da noite. Não se podendo reagir contra o vento, era preciso luctar de algum modo contra o aborrecimento, que não tardaria a fazer cabecear de somno.

— E' preciso entretermo-nos com alguma coisa.

— Não ha meio nenhum.

— Talvez haja.

— Qual?

— A anecdota.

Não falha nunca este bom medico, mundano e jovial, que se chama — anecdota. Não receita, mas conversa: é a medicina mais efficaz que se conhece.

— Diga uma anecdota quem souber.

— Só se fôr a do inglez.

— Pois venha essa.

— Outro dia, no Estoril, uma familia inteira esperava na estação o comboio, que devia passar para Lisboa. Carruagens cheias; apenas dois ou trez logares vasios.

Entra toda essa familia: varias senhoras, algumas creanças, uma criada e um tótó.

Uma das senhoras quer sentar-se, mas, sobre o logar qua as outras lhe indicam, encontra um pacote volumoso, ao lado de um inglez que fuma tranquillamente olhando o mar.

— Faz favor de tirar isto, diz a senhora ao inglez.

Não obteve resposta.

— Tem a bondade de tirar isto?

O inglez encarou serenamente a dama, voltou a cara e continuou a olhar para o mar placidamente.

— Sr. revisor, faça favor de mandar tirar isto d'aqui.

E já as outras senhoras tinham exclamações pouco amaveis para o impassivel inglez, que não se mostrava disposto a incommodar-se.

Entra em scena o revisor, que vem da outra ex-

tremidade da carruagem obedecendo ao chamamento.

— E' para mandar tirar isto d'aqui.

O revisor dirige-se ao inglez, dizendo-lhe urbanamente:

— Peço-lhe o favor de retirar isto.

E o inglez, sempre tranquillo, olha para o revisor, olha para a dama, e responde:

— Mas isto não é meu.

E continúa a fumar tranquillamente.

Esta anecdota vale o retrato de uma raça: fallar pouco e só quando é preciso é, seguramente, uma das caracteristicas dos frios homens do norte, tão oppostos a nós outros, os do sul, que fallamos muito — e de mais.

O vento continuava a assobiar no toldo como nas enxarcias de um navio.

Oito horas e um quarto.

Se não saltasse logo outra anecdota, apenas restaria um dilemma: ir vêr jogar o *bluff* ou ir dormir para casa.

— Era uma vez um empregado publico.

Este introito agradou muito. Portugal é um paiz de empregados publicos. Todas as historias que fallem d'elles teem um cunho genuinamente nacional.

— Pois era uma vez um empregado publico.

Ninguem quiz saber de que repartição se tratava: um empregado publico, seja de que repartição fôr, é uma pessoa que toda a gente acceita.

— Chegou-se ao chefe da repartição e disse-lhe: Peço licença para me retirar por causa de um parto.

— Oh! isso é um caso de familia muito sério. Póde sair quando quizer; já, immediatamente.

Este bom chefe não tinha tido nunca um parto... em casa. Era solteirão. Mas, por isso mesmo, ouvia, cheio de terror, fallar de partos, como de um cataclismo desconhecido, que incommodava tanto as senhoras... como os maridos.

E ficou dizendo com os seus botões burocraticos:

— Que bem que eu fiz em não me casar. Um parto! Que bucha! Pobre rapaz! Antes elle quereria copiar dez officios.

E, esfregando as mãos, de contente, continuou a examinar papeis.

Oito dias depois, apparece-lhe o mesmo empregado a dizer:

— Sr. conselheiro, tenho hoje que sair mais cedo por causa de um parto.

— Ainda o mesmo?!

— Não senhor; — outro.

— Como assim?!

— Um parto difficil, laborioso.

Como não conhecia bem a materia, o chefe concluiu que havia certos partos como certas obras: em dois volumes.

— Ah! sim. Pode retirar-se immediatamente. Pois não! Immediatamente.

E, seguindo o empregado com o olhar, ficou dizendo:

— Mas que grande bucha! Um parto difficil...

duas creanças... em oito dias! Pobre rapaz! Nem eu sei como elle tem coragem para viver!

E continuou a examinar os papeis, repetindo:

— Que bucha! que grande bucha!

Passados quinze dias, entra de novo o empregado no gabinete do chefe, que se apressou a dirigir-lhe a palavra:

— Diga-me uma coisa: ambas as creanças vivem?

— Sim, senhor. São robustas e perfeitas.

— Valha-nos ao menos isso.

— Pois a segunda nem eu sei como escapou!

— Parto muito difficil?

— Difficilimo.

— E a doente?

— Já de pé, como se nada fosse.

— Oh! é assombroso. Dou-lhe as minhas felicitações.

— E eu que as recebo com muito gosto.

— Está bem de vêr que sim.

— Sempre é consolador.

— Pudera! E visto que já está mais tranquillo de espirito, vou-lhe dar um trabalhinho, que lhe tenho ali reservado. É um bom bico de obra.

— Para hoje?

— Seria bom. Mas se de todo em todo não puder ser...

— É que hoje...

— Diga; pode dizer á vontade.

— É que eu hoje tinha...

— Tinha o que?

— Outro parto.

— Outro?! Mas isso é de mais! Pobre senhora e pobre pae!

— O pae é rico, sr. conselheiro.

— Como assim?!

— É rico, mas, como a mãe é doente, inspira algum receio...

— E o que tem o senhor com o parto da mulher de um homem rico?

— É que minha mulher...

— Oh! santo Deus! Tenho medo de comprehender...

— Mas sr. conselheiro...

— Então o senhor não é o pae?

— Não, senhor.

— Mas sua mulher...

— Minha mulher é parteira, e emquanto ella vae tratar das suas clientes, fico eu em casa a olhar pelos pequenos.

O vento continúa ululando no toldo. São oito horas e meia. Os do grupo quedam-se a olhar no escuro para duas eternidades tremendas: a do mar e... a do tempo. Ouve-se o silvo de um comboio que chega, e todos prefeririam ouvir, em vez de um silvo, uma anecdota.

— Ora então...

— Viva lá! E estava tão calado!

— Coisa pouca.

— Não! Não! Falle o mais que puder: é o vento que nos dá o exemplo.

— Outro dia, uma saloia foi ali ao correio ver se lhe tinha vindo carta do Brazil. Tinha. Ficou toda contente e, como era natural, anciosa de saber o que a carta dizia. Mas no correio não havia tempo para lh'a lerem.

— Pudera! Um movimento de cincoenta telegrammas por dia, além da expedição das malas, que não são poucas!

— Desceu a mulher a escada com a carta na mão. Viu encostado a uma esquina um soldado da guarda fiscal e dirigiu-se logo a elle...

O orador interrompeu-se, porque um repellão de vento quasi arrebatava o toldo do Casino.

— Mas depois?

— Vomecê faz-me o favor de ler esta carta, que é de um meu filho que está no Brazil? O soldado pegou na carta com arreganho militar. Abriu o sobrescripto, sacudiu com a mão direita o papel e, de sobr'olho carregado, fixou as lettras. Momento de anciedade por parte da saloia. O soldado, muito attento, medita. De repente volta-se para a mulher e diz-lhe com desdem: «Olhe, tiasinha, eu com lettra paisana não me entendo.» E a saloia, caindo em si, responde-lhe humildemente: «Perdoará. Não me lembrava que vomecê era militar.»

Oito horas e quarenta minutos. Algum somno; muito vento.

— Hoje passou-se admiravelmente!

— Admiravelmente. Boa noite.

II

Os maridos

Quem se der a observar a vida das praias, reconhecerá facilmente que teem de ser classificados em varias categorias os maridos, que são obrigados á perpetração do que geralmente se chama «a estação balnear».

Passaremos a fazer uma classificação, que não reputamos perfeita, nem indiscutivel; mas que se funda, comtudo, nos factos por nós observados.

Entre os varios maridos que se impõem á nossa attenção poderemos distinguir:

I O marido roda-viva.
II O marido methodico.
III O marido plantão.
IV O marido rebelde.

Poucas palavras hão de bastar para justificar esta classificação, que respeitosamente submettemos á approvação da Academia Real das Sciencias, a fim de lhe dar alguma coisa que fazer.

O marido roda-viva é aquelle que todos os dias vae á sua repartição ou ao seu escriptorio, pretextando o rigor burocratico ou a affluencia de negocios.

Se está em Cascaes, nos Estoris, Oeiras, Paço d'Arcos ou Caxias, almoça ás 9 da manhã e parte logo depois para Lisboa, apertando dentro do wagon a mão dos seus collegas de horario, por ser gente conhecida que todos os dias encontra no mesmo sitio e á mesma hora.

Regressa ao fim da tarde para jantar, tendo sempre os mesmos companheiros de viagem.

Traz as noticias da Arcada, primeiro que os jornaes da noite; e espalha-as de graça, ás vezes com ares mysteriosos—*um caso grave—muito grave—dizia-se—fallava-se—era a grande noticia do dia.*

E envolve no fumo do charuto as reticencias, o mysterio da sua informação, dando a perceber que a não completa por querer ser discreto.

— Mas você sabe mais alguma coisa... dizem-lhe credulamente os que o escutam.

— Não sei; palavra de honra, não sei. Vejam logo as *Novidades;* vejam o *Correio.* Elles hão de fallar n'isso; e se não fallarem é porque foram pedidos para guardar segredo.

— Mas diga-nos quem é o homem...

Ou então:

— Diga-nos quem é a mulher...

— Não posso; não devo. São coisas muito serias.

Ás vezes trata-se de um boato inventado por um

dos companheiros de viagem, para ferir um homem, para ferir uma senhora, e acreditado de boa fé pela pessoa que o ouve e o divulga.

D'ali a pouco:

— Mas os jornaes da noite não dizem nada!

— Não dizem? Então é certo. Houve complicações: o negocio é grave. Comprehendem...

Ás 11 da noite o marido roda-viva vae deitar-se para recomeçar no dia seguinte, á mesma hora, a sua caminhada.

Diz elle em Lisboa:

— A minha familia está em Cascaes.

Diz a mulher em Cascaes:

— O meu marido foi para Lisboa.

Mas, quanto a elle, o marido, póde bem dizer-se que não está em Lisboa, nem em Cascaes: está sempre no caminho, que é o logar mais certo onde póde ser encontrado.

Arranja uma provisão de carvão e de pó, que ao cabo de quinze dias resiste á acção da escova.

No inverno dizem-lhe em Lisboa:

— Você vem melhor!

— É do ar do mar.

Qual historia! é do pó e do carvão, que elle apanhou, e que o bronzearam.

O marido methodico é aquelle que arranja as suas coisas de modo que só tem que ir uma vez por semana a Lisboa, sempre no mesmo dia.

O que vae elle fazer? É perguntar muito.

Regular negocios; comprar os charutos que fuma,

e que só se vendem no Neves do Rocio; comprar sabonetes para a senhora, chouriços para a cosinha, queijo para a sobremesa, e vêr se houve alguma novidade em casa.

Pergunta-lhe a familia, á volta:

— Então o que ha de novo por lá?

— As compras não me deram tempo para mais nada.

— Mas esqueceram-te os sabonetes?

— É que os teus sabonetes acabaram.

— E o queijo?

— O queijo era uma peste. Não o quiz.

— E os chouriços?

— Estão á espera de uma remessa de Castello de Vide.

— E a nossa casa?

— Essa é que está no mesmo logar.

— Então nenhuma novidade?

— Houve um incendio.

— Lá?!

— Não. Em casa da actriz Josepha de Oliveira.

— Mas isso já foi ha oito dias!

— Eu não tenho culpa de que os jornaes deem as noticias primeiro do que eu.

O marido plantão é o que, durante a temporada da praia, não sae de ao pé da familia.

Sabe tudo o que se passa em casa e fóra de casa.

— A sua mulher toma banhos? pergunta-lhe um recemchegado.

— Já tem 14 e poderia ter 22, se não perdesse 8 dias. Constipou-se.

— Mas passou?

— Costuma passar-lhe.

— E os seus rapazes?

— Esses não se constiparam. O Raul já tem 22 banhos.

— E o Zeca?

— O Zeca tem 22 e meio.

— E meio?

— Sim. Molhou outro dia os pés na praia. Foi uma boa partida. Eu lhe conto...

E conta logo, porque vê tudo; não larga a familia um instante.

— Diga-me uma coisa, ó Fulano: o Canavarro da Junta não está cá em Cascaes?

— O Canavarro? Pessoalmente não conheço.

— É um sujeito baixo, entroncado.

— De pêra e bigode?

— Tem só bigode.

— Ah! já sei. Sempre de chapéo branco?

— Talvez. Em Lisboa costuma andar de chapéo preto.

— Que desce as escadas sempre com o pé direito?

— Isso mesmo. Mas como reparou você?

— Tenho-o visto descer as escadas do Casino.

— Que faz elle por cá?

— Está no Central. Toma banho ás 8 horas, é freguez do Figueiredo, e joga á noite o bridge.

— E tem ganho? Elle é muito feliz.

— Outro dia estive ao pé d'elle toda a noite; e n'essa noite perdeu.

— Foi você que o encalistou.

— Qual! Amuou-se com o namôro ás 9 e vinte minutos da manhã na praia: estava nervoso e jogava mal.

— Mas como sabe você que elle se amuou com o namôro?

— É que eu vi o principio da scena; e a minha mulher viu o resto. Depois o Raul tambem nos contou tudo em casa.

— Mas você não deixa passar nada pela malha!

— Pudera! Estou de plantão em Cascaes. Vejo pelos olhos da minha familia e a minha familia vê pelos meus olhos.

— É muita gente a ver. Não admira que veja tudo.

— Que remedio senão entretermo-nos! A batota tem feito muita falta.

— Mas você é que não perde... pitada!

O marido rebelde é aquelle que vem buscar a Cascaes a folia, que n'este momento lhe faltaria em Lisboa. Trouxe a familia como bagagem. Pôl-a em casa e saiu logo para a rua. A familia que se divirta, que elle trata de fazer o mesmo.

— Não tenho visto seu marido, minha senhora.

— Pois elle por ahi anda sempre.

— Nem no theatro.

— Pois elle vae a todos os espectaculos.

— Nem na praia.

— Pois elle não falta lá.

Ouve-se rodar um trem, conduzindo o marido da infeliz senhora com trez pandegos seus amigos.

— Olhe! lá vae elle!

— Seu marido?

— Sim, n'aquelle trem, com uns amigos. Já passou. Tenho pena que o não visse.

É um marido que passa... tanto para a familia, como para os outros.

Querem-n'o mais rebelde ás leis reguladoras da assistencia matrimonial?

A estas quatro categorias de maridos podem corresponder outras tantas divisas, que as caracterisem syntheticamente, a saber:

Marido roda viva: *Ida e volta.*

Marido methodico: *Viva o velho!*

Marido plantão: *Parietária conjugal.*

Marido rebelde: *Vive-se só uma vez.*

A Academia Real das Sciencias, quando accordar em novembro, tomará a peito, certamente, discutir esta classificação, com a diligencia de que tantas e tão repetidas provas tem dado.

Quanto ás damas que nos lerem, prestamos de boa vontade o serviço de as habilitar a escolherem marido dentro da mesma classificação.

Mas o mais prudente de tudo seria que as meninas solteiras misturassem todas as quatro categorias, e depois lhes applicassem a receita que o dr. Thomaz de Carvalho aconselhava para tornar inoffensiva a

salada de pepino: «Preparar a salada e atiral-a pela janella fóra.»

E a rasão é simples: a solteira pode gosar a sua liberdade toda a vida; a casada, ainda que se dê mal com o marido, adquiriu o habito... de não ser solteira.

III

A calçada d'Assumpção

Passou esta semana o dia da Assumpção — uma das quatro grandes festas do anno.

Bella solemnidade essa com que a Egreja commemora a entrada da Mãe de Christo no céo. Lindo dia em que por voto especial soam festivamente os orgãos de todas as cathedraes portuguezas, e muitas povoações do paiz vestem galas e pompas de fervorosa devoção.

A procissão dos pescadores na Povoa de Varzim é um dos actos religiosos que, vistos uma vez, não esquecem nunca.

Aqui, em Cascaes, «Santa Maria d'agosto», como diziam os antigos chronistas, é o orago da matriz, e a calçada, que do largo d'este templo vem descendo até á Praça, tem o nome — d'Assumpção.

Pois é uma das ruas historicamente mais notaveis de Cascaes, e ainda hoje a nobilitam alguns vestigios heraldicos de sua passada grandeza.

No espaço comprehendido entre esta calçada e a cidadella ficava o castello e dentro d'elle o paço dos senhores de Cascaes — esses famosos Castros em cujo brazão brilhavam seis arruellas, de que elles tanto se ufanavam sobre todos os outros Castros.

Ainda hoje, quem gostar de contemplar pedras antigas pode observar, na muralha que corre a um dos lados da calçada, um persistente exemplar das seis arruellas dos Castros e tambem uma pequena setteira, que deveria servir para tiros de arcabuz.

Um arco aberto na muralha mostra ainda, na solidez e espessura, a sua antiguidade, sob a camada de tinta com que o modernisaram.

No predio n.º 26 da calçada d'Assumpção ha uma porta e janella de vêrga recortada, que devem ter procedido dos escombros do paço.

Mais alguns annos volvidos e as arruellas e a setteira terão desapparecido talvez. Cascaes é uma villa que se alinda de dia para dia, graças á iniciativa elegante do meu velho amigo Costa Pinto, que não ha reformador mais desvelado do que elle.

Estas minhas palavras, hoje, teem por fito conservar a memoria dos ultimos vestigios do paço dos senhores de Cascaes, para o caso de que alguns novos *chalets*, como tem acontecido no antigo recinto do castello, venham substituir a muralha.

Escrevi no livro que se intitula *Sangue azul* a biographia d'aquelle dos Castros, condes de Monsanto, que foi primeiro marquez de Cascaes.

Era um fidalgo espirituoso, do bom tempo em que

os havia; sentencioso no fallar, mordaz na satyra, mas sempre philosopho nos conceitos. Dizia verdades chistosas a toda a gente; até as disse a el-rei D. Affonso VI, atacando-o por balda certa.

Toda a gente sabe qual era a balda certa de Affonso VI: era justamente o que elle tinha de menos certo.

O amor foi na pessoa do primeiro marquez de Cascaes um habito refinadamente aristocratico, que fez d'elle um galanteador de salão, um gentil-homem prodigamente dissipador em aventuras de ante-salas realengas.

Indo a Pariz por embaixador, no tempo da Restauração, queimou incenso e dinheiro aos pés de Anna d'Austria, que era então uma viuva ainda fresca, de um *embonpoint* acirrante. Para a deslumbrar, deslumbrou Pariz. Depois teve um *flirt* dispendioso com a rainha de Inglaterra. Voltou a Portugal quasi arruinado, mas agora tem-se visto isso em fidalgos que no amor nunca subiram tão alto. Soube ser *galant'uomo* em todos os lances da sua vida — fallando, gastando e amando. Teve graça, teve coração e teve dinheiro: hoje seria o primeiro fidalgo portuguez; n'aquelle tempo foi um dos primeiros.

Ás vezes, como quem toma gosto a um assumpto, oiço rodar uma equipagem e volto-me sonhando que seja uma d'aquellas sumptuosas «carroças» doiradas que elle exhibiu em Pariz, deixando boquiabertos os parisienses do seculo XVII.

Nem se comprehende que o marquez de Cascaes

saisse á rua de outro modo na propria terra de que era senhor e onde tinha seus paços acastellados, com seis arruellas no brazão.

Volto-me, sim, e logo se desfaz o sonho, porque vejo um *dog-cart* ou um *phaeton*, que não fazem senão pregoar o adelgaçamento da riqueza nas casas nobres.

Tudo muito encolhido, agora.

Aqui, nas varandas do seu paço, sentir-se-hia bem o marquez de Cascaes, porque tinha deante de si o mar, de que elle procurava ser um simulacro na terra... pela grandeza dominadora.

Eram dois visinhos dignos um do outro, que deviam dar-se os bons dias de igual para igual.

Mas de toda essa antiga pompa de Cascaes apenas restam as seis arruellas, a setteira, duas pedras lavradas e... o mar.

Esse é que ainda hoje é o mesmo.

A feição moderna da calçada d'Assumpção salienta-se n'uma taboleta, que annuncia a mais elegante das industrias locaes, a de guloseimas destinadas a lisonjear o paladar de pessoas finas, que só comem bolos, por não serem bastante nutritivas as flôres, de que por galanteria desejariam alimentar-se.

Diz a taboleta fielmente copiada:

ANTIGA CASA

FAS-TUDO

ESPECIALIDADE EM BOLOS

REAES, JUANNINHAS E AREIA,

E OUTRAS QUALIDADES DE DOCES

É uma pequenina loja de confeiteiro, mas talvez o mais afreguesado e famoso estabelecimento commercial de Cascaes. Abre logo de manhã; fecha pela meia noite.

Dão accesso para elle alguns degraus de pedra, uma escadinha estreita, que tem sido pisada pelos mais delicados pés da aristocracia feminina.

A lista dos doces ali fabricados tem o que quer que seja de harmonioso com os vestigios heraldicos, que na muralha fronteira memoram ainda o esplendor do marquezado de Cascaes no seculo XVII

É toda uma nomenclatura freiratica, um vocabulario arrebicado de convento, segundo o estylo dengoso d'aquella época, em que o travêsso Cupido punha o avental branco de mirmidão para servir guloseimas aos vates, nas grades dos mosteiros, como recompensa de insulsas toantes á castelhana.

Copio textualmente parte da lista:

Bolos seccos

De Amor — De Amendoa — De Areia — Argolas — Argolas d'Amendoa — Argolas Cobertas — Esquecidos — Testinhas — Figos de Chocolate — Joanninhas — Lacinhos — Marmellada Fina — Palitos — Palitos d'Amendoa — Palitos d'Oeiras — Suspiros — Torradinhas —Boking.

Doces finos para meza

Barriga de Freira — Arroz de Bom Bocado — Arroz Dôce — Bolo Real — Bolo Inglez — Dôce de Gilla

— Fatias da China — Leite Creme — Pão de Ló — Pão de Ló d'Amendoa — Pasteis de Marvão — Peixe Dôce — Queijinhos d'Ovos — Sopa de Borrachão — Sopa dourada — Toucinho do Céo — Lampreias d'Ovos.

Os alambicados diminutivos — *Testinhas* — *Joanninhas* — *Lacinhos* — *Torradinhas* são linguagem propria do seculo mais freiratico que em Portugal tem havido. Cheiram a convento de freiras, não porque o houvesse em Cascaes, mas porque d'esta villa foi senhor um fidalgo que possuiu todos os defeitos e dotes do seu seculo, e que deixou tradição local.

O bolo *d'areia* pode parecer ridiculo pelo nome, pois que no calão moderno — *areia* — significa toleima, mas não deixa de ser proprio de uma praia, onde, de mais a mais, ha um pouco de isso...

Quanto aos bolos finos para mesa, a nossa curiosidade encalha logo no que se domina «barriga de freira». Comquanto ignoremos sua origem, tanto mais difficil de encontrar depois que não ha freiras, porque falta absolutamente o campo de observação, é certo, porém, que tambem rescende á gulodice galante dos conventos no seculo XVII.

Emfim, a calçada d'Assumpção, em Cascaes, se poucos vestigios archeologicos ainda conserva do tempo em que a villa foi marquezado e d'elle recebeu brilho e fama, tem na antiga casa *Faz-Tudo* o que quer que seja de caracteristico d'essa epoca, de ucharia e galanteio, nas doces *Joanninhas* que se comem, nas *Testinhas* que se beijam e mordem, nos *Lacinhos*

com que se enfeita o estomago, nas *Torradinhas* que dispensam manteiga, e nas *Barrigas de freira* a que uma pessoa toma o gosto sem offender os canones.

Quando se sóbe para o largo da egreja matriz, e junto a elle, tornam a apparecer mais vestigios de muralha e um mirante, que está hoje branco como a cara enfarinhada de um palhaço, mas que talvez fosse outr'ora um cubêllo da fortaleza, que defendia os paços dos senhores de Cascaes.

Possue hoje a villa a linda avenida Valbom, o bello passeio Maria Pia, o tranquillo jardim da Parada, o solitario Passeio do Visconde da Luz, mas nenhuma rua pode despertar mais interesse a um mysantropo, como eu, do que a calçada d'Assumpção, que tem pedras e doces que fallam do passado, de marquezes com marquezado territorial, de galanterias e bolos, de amores e conventos, finalmente, de freiras cuja belleza plastica ainda agora é celebrada em graciosos monumentos de assucar e amendoa.

Cada vez que subo ou desço a calçada d'Assumpção parece-me ter dentro da bocca um rebuçado.

É o seculo XVII.

IV

Os excursionistas

Logo que chega o estio principiam os jornaes a annunciar que tal povoação vae visitar outra.

Antigamente viajava uma pessoa; quando muito, uma familia.

Agora, na madrugada de cada domingo de verão, accorda uma população inteira ao mesmo tempo, por qualquer signal combinado; lava-se á pressa, veste fato de passeio, deita ração aos cães e aos gatos, fecha a porta e vae patuscar um dia inteiro com bilhete de ida e volta.

Pode acontecer que algum raro individuo que não lê jornaes — ainda os ha, felizarrões! — vá procurar este ou aquelle cidadão, que partiu com os conterraneos para uma excursão de prazer em comboio especial.

Vê todas as casas fechadas, as ruas solitarias. Dirige-se ao predio onde reside a pessoa que desejava

encontrar. Ninguem responde. Bate a outra porta para colhêr informações. O mesmo silencio. Vae batendo, successivamente, a varias portas, até que, do fundo de uma alcôva, lhe responde um paralytico:

— A população não está em casa.

Surprehendido com esta resposta, que chega a fazer-lhe medo, porque lhe dá a impressão de encontrar-se no meio de um deserto, aventura uma pergunta:

— Mas o que foi fazer a população?

— Passeiar.

— A Pariz?

— Não, senhor. Ao Pinhal Novo.

— Ha lá alguma exposição?

— Não, senhor. Foi pagar uma visita, porque o Pinhal Novo veio cá outro dia.

— E quando volta a população?

— Esta noite, se o comboio não descarrilar.

— Obrigado.

— Adeus.

Recolhe o homem á sua terra, aborrecido, e contrariado por ter de adiar um negocio, talvez importante. Conta á familia que não encontrou ninguem, porque a população tinha ido passeiar.

— Aonde é que ella foi?

— Ao Pinhal Novo, pagar uma visita de cerimonia.

Esta revelação não cae em terreno ingrato. Fica-se sabendo n'aquella terra que as populações costumam agora fazer visitas umas ás outras. O espirito de imitação — que é, principalmente, o espirito dos portuguezes — traça logo o projecto de organisar uma

excursão de prazer, segundo a moda. D'ali a dias tambem essa população parte patuscamente para um regabofes domingueiro, ficando apenas em casa os paralyticos e os animaes domesticos.

Quem por ali passasse, encontraria as ruas solitarias, as portas fechadas; e receberia a impressão de atravessar um cemiterio, se um gallo, senhor absoluto de qualquer quintal abandonado, não lançasse por cima dos muros o seu canto marcial de sentinella vigilante da capoeira:

— Cócorócó.

Não sei se já repararam que o canto do gallo afina, no vigor dos tons, pela côr da sua crista: parecem ambos vermelhos.

Ás vezes tem a gente a impressão de que é a crista que está cantando...

Como nós, em Portugal, costumamos andar sempre ao arrepio das nossas proprias conveniencias, a época adoptada para as excursões de prazer é o estio abrazador, quando o sol parece cravar na terra os seus raios como azagaias ardentes.

É lindo e doce o outono portuguez; dir-se-hia feita de ouro fôsco a luz que desce sobre os montes, enchendo-os de loira paz e branda claridade.

Os celleiros regorgitantes e os lagares effervescentes dão a agradavel sensação da abundancia e da riqueza da terra.

Os valles mergulham n'uma tepida placidez, que não é a preguiça, nem a molleza dos dias de estio, enervante e espapaçada.

*

Sente-se uma pessoa á vontade nos descampados; tem luz sem calor; respira um ar vivificante, que robustece os pulmões, em vez de os fatigar.

Mas, por isso mesmo que temos um outono encantador, costumamos viajar no verão, sob as grandes soalheiras deprimentes, por entre nuvens de pó e de moscas, para irmos regando a terra com o suor do nosso rosto.

Como se já não fosse pequeno incommodo, procuramos outros ainda maiores do que este, inherentes a uma viagem de relogio na mão, com bilhete de ida e volta na algibeira.

Domingo veio de visita a Cascaes, n'estas condições, a villa de Extremoz, que foi recebida pela camara municipal com a amavel gentileza, que é o timbre do seu actual presidente.

Era meio dia quando o vapor appareceu cortando mansamente o claro espelho das aguas dormentes, porque a bahia não quiz mostrar-se menos amavel do que a camara municipal.

O vento, que costuma ser brutal, não teve ordem de sair á rua logo pela manhã.

Foi uma acertada medida.

Desembarcaram os habitantes de Extremoz ao som de foguetes festivos.

Bons alemtejanos! ha quanto tempo eu os não via! Homens fortes, sadios, de boas côres e boas caras, respirando simplicidade e franqueza, que são as caracteristicas da provincia transtagana.

Gente habituada ao trabalho rude dos campos,

que é excellente escola para a disciplina do caracter e o melhor sanatorio conhecido para a hygiene do corpo e da alma.

Muito praticos: de alforge ás costas, ucharia portatil, que está sempre prompta; uma borracha com agua, outra com vinho; fato de saragoça, que absorve o calor e preserva do frio; chapéo de abas largas, que livra do sol.

As mulheres de chaile no braço para o que desse e viesse; fresco lenço de seda na cabeça; uma cestinha na mão, cogulada de queijos e fructos.

Pergunto a um dos alemtejanos:

— A que horas sairam de Extremoz?

— Á uma da noite.

— Que maçada! Tem somno?

— De madrugada senti algum; mas o ar do mar refrescou-me.

— Se se deitasse agora, dormiria?

— Na minha cama, com certeza.

Na sua cama! Um alemtejano, grosso e sadio, não podia condemnar em menos palavras a ingente estopada de se maçar alegremente.

A «sua cama» era como se dissesse — a sua casa, a sua terra, o seu descanso do domingo na paz da familia e dos campos.

Nós outros, os enervados da cidade, teriamos procurado logo um quarto de hotel, se não desmaiassemos antes, o que era muito provavel.

O homem robusto do Alemtejo foi, com os seus patricios, procurar a sombra do Passeio do Visconde

da Luz, para assentar arraiaes no chão e comer a merenda do seu alforge.

Mas confessou que dormiria bem, se tivesse ali a «sua cama»; e ainda dormiria melhor, se, além da sua cama, tambem tivesse ali a sua casa.

Comeram em bom portuguez, que os vi eu: em vez de *pic-nic*, chamaram á sua refeição — merenda.

Depois que li o Tolentino, pintor dos bons costumes portuguezes, não tinha ouvido pronunciar este vocabulo patriotico.

Em seguida ao repasto, uma das mulheres, encostando a cabeça ao tronco de uma arvore, foi cerrando os olhos doce e gradualmente. No seu olhar, que se apagava em suavidades consoladoras, parecia lêr-se esta phrase nostalgica: «Ai Extremoz! Extremoz!»

Um velho corpulento levantou-se do chão, sentou-se n'um banco, carregou o cachimbo de pau, accendeu-o; depois recostou-se, inclinou levemente a cabeça e pareceu meditar philosophicamente na triste semsaboria que dão as viagens alegres.

Entretanto, o vento, que não pôde resistir mais tempo a uma reclusão forçada, levantou-se de mau humor e começou a açoitar as arvores do Passeio e as aguas da bahia.

Perdi então de vista os alemtejanos até ás seis horas da tarde, que foi quando o vapor, que os tinha conduzido, deu o primeiro signal de partida, silvando.

De todos os lados surgiam homens e mulheres de Extremoz, correndo para a beira do mar. Os musicos sobraçavam os intrumentos e tratavam de embarcar,

já perdido o garbo marcial com que tinham entrado em Cascaes. Os botes baloiçavam violentamente; algumas das mulheres punham as mãos nos olhos, para não estontear. A bordo do vapor o vento arrepiava o toldo, sob o qual se viam empacotados n'uma grande massa negra os chapeus largos dos alemtejanos.

Dado o ultimo signal de partida, o vapor aproou á barra, aos galões, como um cavallo inquieto, que se diverte saltando.

Alguns dos excursionistas tomaram o comboio, partiram por terra, porque o alemtejano, que nasceu agricultor, gosta mais da terra que do mar.

D'estes, segundo contaram os jornaes, dois ou trez, que compraram bolos doces no Terreiro do Paço, sentiram-se, a breve trecho, envenenados.

— Envenenados, como?

Este numero não estava no programma e alarmou justamente a policia de Lisboa, que procedeu a varias diligencias.

Finalmente, descobriu-se como aquelles excursionistas de Extremoz tinham sido envenenados.

Sem veneno! Á primeira vista, não se percebe. Envenenados sem veneno! Mas se a gente deitar conta a que fóra de casa todas as surprezas são admissiveis, mórmente n'uma excursão de prazer, em que cada um se diverte o menos que pode, chega a comprehender que esteja reservado aos excursionistas, como remate da festa, um envenenamento platonico —para os divertir sem os matar.

V

O soneto de Cascaes

Cascaes é, na poetica das praias, uma especie de soneto.

Pode ter começado mal, mas acaba bem — segundo a lei dos sonetos.

Agora não sei o que lá se passa, a não ser pelos jornaes, que estão queimando girandolas de adjectivos ao noticiar a vida alegre e elegante que se vive n'aquella praia.

Mas sei, de sciencia certa, segundo a phrase dos tribunaes, como a vida balnear começou ali este anno, e não digo que fosse mal, mas por nenhum modo quero dizer que fosse bem.

O melhor de tudo é contar—tanto mais que aproveitarei o ensejo para fazer uma reclamação.

Cheguei a Cascaes este anno no dia 16 de julho; tarde serena de verão, em que tudo parecia tranquillo e dôce no mar e na terra.

Ao passar pelos Estorís como que tive n'essa tarde a impressão agradavel de folhear, a correr, o *Almanach das Senhoras.*

Pois não é verdade que desde S. João do Estoril até ao Mont'Estoril cada *chalet* é uma pagina de almanach, que enaltece e glorifica o sexo feminino?

Todos esses numerosos *chalets* da beira mar quizeram parecer-me outros tantos monumentos de ternura domestica, elegantes templos de amor onde a mulher portugueza recebe publica adoração prestada ao seu nome: villa Maria, villa Flavia, villa Guida, villa Aurora, etc.

Em verdade, um *Almanach das Senhoras*, aberto em face do mar, para desafial-o a que dobre a cerviz deante de frageis creaturas, que fazem genuflectir os gigantes e abalar os colossos.

Já uma vez, não sei quem, tendo tido a paciencia de lêr todos os nomes inscriptos nos *chalets* do Estoril, chegou ao *Hotel de Italia* tão preoccupado com a leitura, que pediu, por distracção, sopa Leocadia.

— Leocadia! exclamou o criado. Sopa Leocadia não ha. Só se quizer Juliana.

— Ah! sim, traga sopa Juliana. Aqui, no Estoril, confunde-se a gente com tanto nome de mulher!

Mas quando eu cheguei a Cascaes, a bahia parecia um lago azul, que estivesse namorando o lindo palmar que hoje contorna a cidadella.

Capacitei-me de que effectivamente o mar estava « tomando um gargarejo » com a cara levantada para

o Passeio Maria Pia, d'onde a palmeira gentil lhe correspondia em verdadeiro genitivo de galanteio nacional.

E uma vez pareceu-me que certa ondasinha voluptuosa tinha tentado escalar a muralha do Passeio para ir beijar a palmeira.

Perguntei a um maritimo que estava encostado ao parapeito da muralha:

— Póde dizer-me se conhece esta palmeira?

O homem do mar sorriu e respondeu:

— Ora essa! Conheço-as a todas desde que nasceram.

— Então deve estar bem informado. Não ha nada que dizer aos costumes d'esta palmeira?

— Aos costumes?

— Pergunto se ella sempre se tem portado bem.

E o homem do mar, sorrindo, respondeu com bonhomia:

— Não se me consta nada.

Então senti brotar da minha alma uma especie de hymno laudatorio das bellas palmeiras de Cascaes, tão bellas como puras, apesar de não terem quem as guarde de noite.

E, voltando atrás, perguntei ao maritimo:

— Acolá no antigo casino ainda servem jantares?

— Consta-se-me que sim.

— Adeus, muito obrigado.

Subi vagarosamente a escada de pedra do casino, como se fosse a meditar nos pequeninos pés que

tantas vezes passaram por ali, em noites de luar e sexteto, quando aquillo era casino a valer.

Mas, francamente, não me lembrei d'isso; ia perguntando a mim mesmo, em prosa culinaria: Depois da prohibição do jogo, que tal se jantará aqui?

Trez criados de casaca avançaram para mim como disputando a presa... d'uma gorgeta.

— Cáspite! disse com os meus botões. A respeito de criados está isto muito bem!

Emquanto me serviam o jantar, que não era mau de todo, vi entrar dois francezes que fallaram aos criados.

— Esses senhores querem jantar? perguntei.

— Não, senhor. São da companhia.

— Qual companhia?

— A companhia franceza que representa ás noites aqui no theatro do casino.

— Bravo! uma companhia franceza em julho! Então, em outubro, deve haver companhia de opera italiana. Olha lá!

E d'ali a um instante perguntei:

— Muita gente aos espectaculos?

O criado abriu os braços como se quizesse dizer: immensa!

Maganão de criado! que foi de algum modo o meu cabrion em quarenta dias de Cascaes.

Não veiu jantar mais ninguem, o que aliás não me importou muito, porque não tenho por costume andar atrás do mundo.

Quando me levantei da mesa, disse-me o criado:

— Não quer inscrever-se socio do casino? Joga-se o bridge, o bluff, o voltarete.

— Não jogo nada.

— Mas é aqui onde se reunem á noite todos os senhores que estão em Cascaes, e além d'isso os socios teem 50 % de abatimento nas entradas do theatro.

— Pois, sim. Serei então socio.

E fui inscrever-me pagando a quantia de 4$400 réis.

Um cavalheiro francez, gerente da casa, teve a amabilidade de me explicar que os 400 réis eram destinados a soccorros a naufragos.

— E os 4$000 réis, observei eu, a soccorros aos socios.

Elle concordou comigo, como eu tinha concordado com elle: não ha nada mais bonito do que encontrarem-se dois homens bem educados.

Á noite fui ao theatro para gosar o beneficio dos 50 %.

Havia na sala seis pessoas que se divertiam a lêr as *Novidades*. Eu, de vez em quando, contemplava o regente, de farta cabelleira preta, typo de artista incomprehendido, que, de batuta na mão, regia com o mais vivo *entrain* os cantores e... o piano.

Mas tinha gestos largos, braçadas de *maestro*, como se estivesse regendo a orchestra de S. Carlos.

N'um dos intervallos saí para ir tomar ar á varanda de pedra.

Vi dois sujeitos a jantar com bom apetite.

E um meu conhecido, que appareceu ali e tam-

bem quizera tomar ar por estar perdendo ao *bluff*, explicou-me que aquelles dois sujeitos eram os emprezarios do *restaurant*, os quaes, para não perder tudo, jantavam pelos hospedes... que faltavam.

Homens de espirito e de apetite! meditei eu.

Ora, logo no outro dia, começou a soprar um vento desabrido que arrepiava as palmeiras, a bahia e até os muros da cidadella, e que durou quarenta dias consecutivos — como o diluvio universal.

Mas, no fim de contas, honrado vento o de Cascaes, que incommoda, que traz areia e agua á cara da gente, sem que todavia constipe ninguem.

É n'isto, justamente, que está a sua honradez de vento forte.

Não podendo passear de tarde por causa da ventania, eu esperava encontrar á noite algum entretenimento na varanda do casino, protegida por um toldo e illuminada por quatro lampeões pouco brilhantes.

Durante os primeiros dias, esse criado, que havia de ser o meu *cabrion*, avançava para mim, muito azafamado, e dizia:

— O cavalheiro é socio? Queira mostrar o seu bilhete.

Grande ratão! Queria fazer suppôr que, sendo muito grande o numero de socios, elle não tinha tido ainda tempo de fixar a physionomia de todos.

Os socios não passavam de vinte e trez. Quasi todos jogavam. Raros vinham sentar-se na varanda, onde eu — rebelde ao sacrificio de tornar ao theatro

— passava as noites a vêr os pharoes da barra e a ouvir gemer o mar.

No dia seguinte, quando eu voltava á varanda, corria para mim o mesmo criado e perguntava:

— O cavalheiro é socio?

Tive de lhe dizer uma noite que se me tornasse a perguntar pelo bilhete, desistia de ser socio e mandava o casino ao diabo.

Chegava o varino gordo com os jornaes da noite e eu corria logo para casa, contente de os poder ir lêr entretendo-me algum tempo.

Quasi sempre ao recolher ouvia a distancia a voz aspera do *Pera assada* gritando o seu eterno estribilho:

Olá! Olá!
Cá está o Pera assada.
Viva a bella rapaziada.

Eram dez horas da noite.

Aproveitarei, como disse, o ensejo para fazer uma reclamação. Tendo dado 4$000 reis para firmar os pés, durante algum tempo, n'uma pedra da varanda do casino, julgo ter comprado essa pedra e reclamo-a como propriedade minha.

Espero ser attendido: porque não era natural que por tal preço m'a quizessem apenas alugar.

Finalmente, foi assim que principiou Cascaes este anno, que o vi eu e experimentei — sabendo-o, portanto, de sciencia certa.

Agora houve nada menos que uma semana de festas pomposas e a seguir uma toirada.

Quer dizer que vae acabar o soneto com chave de oiro e que effectivamente, na poetica das praias, Cascaes é uma especie de soneto.

Julho a outubro de 1900.

III

A CIGARRA

Nunca me pareceu que as fabulas fossem um proveitoso meio de educação.

Quando a gente as lê na infancia, não as encara senão pela graça que possam ter no exterior; não attinge a philosophia de que devem estar recheiadas.

Adeantada a vida, não são precisas fabulas, porque sobejam como lição as realidades.

A mais popular de todas as fabulas, a que certamente mais dá no goto das creanças, é a da cigarra e a formiga. Pois bem! considero-a perigosa para a infancia, em vez de ser moralisadora.

Deixa no espirito dos pequenos um certo encanto pela vida bohemia da cigarra, vadia e palreira, que não trabalha e passa o tempo cantando sem cuidados.

Essa agradavel impressão fica na memoria como a combater o aborrecimento da vida real, em que o trabalho é lei. Tem o valor de uma iguaria fina que apparecesse n'um jantar de Sparta, cujo *menu* diario era

apenas o caldo negro. Sente a gente vontade de se atirar á iguaria e de deitar pela janella fóra o caldo negro.

E quando já se passou o meio dia da vida e ouvimos cantar a cigarra na copa de uma arvore, quando já estamos fartos de trabalhar, cansados de viver arrastando migalhas para o celleiro, folga a gente de encontrar essa velha cigarra sempre moça, cantante e bohemia, que não tomou nunca a vida a serio e, comtudo, vai vivendo sempre.

A formiga faz-nos então lembrar um agiota, que facilmente se teria entendido com a cigarra, se chegassem a entrar definitivamente n'um ajustesinho de dez por cento ao mez.

A desgraça da cigarra veio de não ter offerecido juros taludos á formiga, porque logo obteria o emprestimo que desejava. Desgraça? qual desgraça! A cigarra continuou a cantar á porta do agiota, sem se importar muito com a recusa, e lá se foi governando de modo que nem ella, nem os seus descendentes morreram de fome.

N'um dia d'esta semana ouvi muitas vezes a cigarra e declaro francamente que senti uma agradavel impressão, semelhante á de ter encontrado um velho bohemio incorregivel, que eu conheci na minha infancia, e que continua a ser ainda tão alegre como eu proprio era então.

Comecei a ouvil-a nas quintas do Lumiar, ás sete horas da manhã, e confesso que atirei para trás das costas os cuidados da vida para me enlevar n'esse

canto estridulo e forte, que parece dar a convicção de que se não pode cantar assim sem se ser feliz.

Quando o trem descia a calçada de Carriche, pareceu-me que uma cigarra me dizia do alto de uma arvore junto á estrada: «Olá! és tu! Como estás velho! Tens então trabalhado muito, pateta! Tens saude? Não. Estás rico? Tambem não. O que lucraste em maçar-te? Eu estou nova e contente, continuo a ser feliz, a despeito da moralidade do sr. de Lafontaine e quejandos fabulistas. Manda-os á fava e canta como eu, se queres passar o resto da vida alegremente.»

Senti, é certo, uma tal ou qual inveja d'essa cigarra trocista, que dava piparotes na memoria de Lafontaine, e respondi-lhe com Anacreonte cantando por minha vez:

Feliz cigarra, invejo-te!
Pousada lá nos pincaros
d'estas folhudas arvores,
que bem que tu has de estar!

Gotta de orvalho minima
te sobra de Castalia;
que do Parnaso aos canticos
desbanca o teu cantar.

Por associação de ideias lembrou-me o velho Castilho, que traduziu do grego estes versos e que, tendo trabalhado afanosamente durante muitos annos, acabou por dar ouvidos á cigarra, cujo canto lhe aligei-

rava os fastios da vida, as desillusões e achaques da velhice.

Em 1853, Castilho recommendava o trabalho, como sendo a maxima felicidade do homem; até lhe consagrou um hymno, como se o fizera a qualquer divindade:

> Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
> é riqueza, é virtude, é vigor.
> D'entre a orchestra da serra e do malho
> brotam vida, cidades, amor.

Em 1862, quando já estava ralado de canceiras e desgostos, deliciava-se em ouvir cantar, n'um meio dia de julho, a primeira cigarra de Anacreonte na copa da sua olaia.

Quer dizer: tinha regressado em espirito á infancia, como eu, como todos os que se sentem fatigados de trabalhar, melhor ou peior.

E Lafontaine havia perdido o seu tempo como moralista.

Na Povoa de Santo Adrião, logarejo fertil e gracioso, que constitue uma freguezia do concelho de Loures, ia eu lendo um jornal, que vinha ensombrado de apprehensões sobre a peste bubonica.

— Safa! commentava eu. Morrer como um devasso, que se estragou por alcouces, deve ser a maior das semsaborias, porque a menor é decerto a morte sem bubões.

E, de repente, no arvoredo de uma quinta, respondeu-me uma cigarra cantando:

— Não leias jornaes, meu tonto. Eu não os leio nunca, e sou contente. Fez-me um grande favor a formiga em me recusar o emprestimo que lhe pedi, porque se m'o tivesse feito, talvez eu agora estivesse rica e caisse todos os dias com os meus dez réisinhos para lêr qualquer jornal, que sempre vem desconsolar a gente com a noticia de alguma desgraça. Assim, não leio e não me ralo. Pobrete, alegrete.

Fez-me bem o conselho. Atirei o jornal pela portinhola do trem e não tornei a pensar em peste bubonica.

Quando cheguei a Loures, villa cheia de lojas, onde deve haver muita gente que compre, visto haver tanta gente que vende, parou o trem para dar descanso aos cavallos, e apeiei-me por um momento no meio d'aquelle vasto emporio saloio, que envergonha todas as villorias dos arredores de Lisboa.

Não ouvi cantar cigarra nenhuma, mas encontrei um lojista a ler a *Patria* da vespera.

— O senhor vem de Lisboa? perguntou-me elle parecendo um pouco preoccupado.

— Agora mesmo.

— Já lá está a peste bubonica?

— Não, senhor. Está no Porto. Tem-lhe medo?

— A fallar verdade tenho algum, porque as epidemias são redes de arrastar.

— Olhe, respondi-lhe eu pagando uma caixa de phosphoros, disse-me ali uma cigarra que o melhor era não querer saber de coisas tristes.

O tendeiro de Loures ficou a olhar para mim, es-

tupefacto, julgando talvez que eu não estava em perfeito juizo.

Metti-me no trem, mandei bater, e todo o meu desejo era tornar a ouvir cantar a cigarra, que, effectivamente, parece ensinar á gente que não vale a pena ralarmo-nos com coisas tristes.

Mas a civilisação de Loures tem uma dilatada área de acção, que afugenta as cigarras e admitte os jornaes.

Só quando avistei o Zambujal, lindo grupo de casas e arvores reclinado n'uma encosta, foi que tornei a ouvir cantar a cigarra, e alegrei-me.

Estavam lavando n'um riacho algumas lavadeiras, que não me pediram noticias da peste bubonica.

Davam ouvidos á cigarra, que as ia divertindo, e não queriam saber de desgraças.

O sr. de Lafontaine mordia o beiço, despeitado.

Quando chegei a Bucellas, terra de bom vinho, já caía muita calma. Eram dez horas da manhã. Não ouvi cigarra nenhuma.

Atravessei rapidamente a villa, onde notei um corêto para musica levantado n'um airoso rocio.

— Ha aqui, disse-me eu, uma philarmonica, motivo por que as cigarras fogem de Bucellas.

Uma senhora de sombrinha branca ia em passeio. Disseram-me que era de Lisboa, e estava a ares.

Adquiri então a convicção de que Bucellas, em virtude do seu contacto com a civilisação alfacinha, era menos feliz do que as povoações que apenas gosam no verão a musica das cigarras.

— Não tarda alguem a perguntar-me pela peste bubonica, disse eu com os meus botões.

Fui almoçar, regando um frango assado com o bello vinho branco da localidade.

Foi a primeira vez que o bebi... na origem.

— Ora então, disse-me alguem na casa de jantar, como o sr. vem de Lisboa, ha de saber alguma coisa da peste bubonica...

— Ah! sim, sabia, mas já me esqueceu. Uma cigarra disse-me no caminho que não me ralasse com isso.

— Quem?!

— Uma cigarra. Não foi uma; foram duas. Não foram duas; foram muitas.

— O senhor está gracejando!

— Não estou. Pois já lhe constou que as cigarras deixassem de cantar para quererem saber o que vae pelo mundo? Bem fazem ellas!

— Mas o peior foi quando a cigarra quiz comer no inverno e a formiga não lh'o emprestou.

— Sabe se a cigarra morreu de fome?

— Isso não sei.

— Nem eu, mas creio que não, porque se lhe tivesse acontecido essa desgraça, as cigarras que lhe succederam não teriam vontade de cantar.

Quando eu vinha de retorno para Lisboa, fumando um cigarro, tornei a ouvir a cigarra. Apesar da calma, achei que a vida não era do todo má entre uma cigarra e um cigarro, porque ambos convidam ao sonho e a realidade da existencia não presta para nada.

Segundo uma superstição popular, a cigarra nasce da saliva do cuco; quer dizer, o estio succede á primavera. Um fio de baba prende uma á outra as duas estações mais alegres do anno. Prisão tenuissima, que o menor sopro de vento pode quebrar.

Tão fragil é a alegria na terra!

A cigarra tem carradas de razão para não tomar a vida a sério.

Agosto de 1899.

IV

O TERMO DE LISBOA

Esta expressão, Termo de Lisboa, tão vulgar nos tempos antigos, está reduzida hoje a fazer-se lembrar apenas no rótulo de alguma garrafa: *Vinho do Termo.*

Pois outr'ora ninguem se referia por differente modo aos arredores saloios da capital, vasta região campestre que, segundo Luiz Mendes de Vasconcellos, media dez leguas de comprimento, desde Torres até Cascaes, e cinco de largura; ou que, na opinião de João Baptista de Castro, ia desde Oeiras até Santiago dos Velhos, na extensão de nove leguas, medindo de largura pouco mais de trez.

O que é certo é que Lisboa sempre mostrou dar grande apreço aos seus amplos suburbios, hoje em parte cerceados pelo desdobramento da cidade, que se foi abairrando e dilatando á custa do arrabalde.

Frei Francisco Brandão, na *Monarchia Lusitana,* para encarecer os arredores da capital, diz, em trez ou quatro linhas, o mais que um historiador sisudo,

como elle foi, pode dizer: « Por todo este termo de Lisboa tinham os reis de Portugal suas quintas, e casas de recreação, convidados da bondade do sitio, que por todas as partes merece ser buscado, e habitado...»

O Padre Carvalho, na *Corografia,* em maior liberdade de acção, inflora louvaminhas que entram pelos dominios da Poesia, a saber: «Glorie-se embora Preneste, e Alexandria com suas rosas, Tunes com seus cravos, Persia com as açucenas, Babylonia com as suas boninas; que a esta cidade e *seu termo* deu a natureza em deposito todas as joias com que se enfeita a Primavera, quando a favorece o brando Zephyro, e a variedade de flores, com que pinta Flora seus tapizes.»

Apesar de não ser esta a época do anno em que, no sumptuoso salão da Primavera, Zephyro e Flora dançam o *Pas-de-quatre,* vamos, aproveitando o bom sol de inverno, dar uma pequena volta por a fecunda região de Bucellas, que não é o sitio menos famoso do celebrado Termo de Lisboa.

E, como ponto de partida, escolhamos o Freixial, para dar o seu a seu dono.

Porque em verdade o Freixial é de todos os logares da freguezia de Bucellas o mais gracioso e ameno. Vem descendo por uma encosta sob pittoresco arvoredo. Casas brancas sorriem á luz do sol, que as aquece e esmalta. Ao sopé da povoação, um riacho, muito enconchado entre sombras, serve de officina e soalheiro ás lavadeiras do logar.

Nos arredores de Lisboa, poucos sitios haverá tão

deleitosos e attraentes. Em pleno estio deve ser encantador. N'um limpido dia de inverno, como foi o de hontem, dava uma profunda sensação de felicidade campestre.

Que saudavel paz a de uma branca aldea solitaria para quem tem de viver, enfastiado, no seio de uma cidade populosa!

É como uma valvula de segurança, que de vez em quando é preciso abrir para respirar melhor e retemperar a vida.

Continuando a seguir a estrada que de Bucellas vai á Ericeira, encontro, mais alem do Freixial, o logar da Chamboeira, com a sua venda classica, a venda da tia Brigida. Um alpendre offerece resguardo aos machos dos almocreves, porque para os almocreves a caridade bem entendida começa pelos seus machos. E' como se se tratasse d'elles mesmos, salva a alma: são o ganha-pão, a ferramenta do officio, ou, como diria o sr. Carrilho, o orçamento da receita.

A tia Brigida, já durasia, mas bem conservada, vem fazer os seus cumprimentos ao medico que me acompanha.

Ficou-lhe grata por a ter curado de uma pneumonia grippal.

— Você não morreu, diz-lhe o medico, porque n'este sitio ninguem morre com menos de oitenta annos.

E, para justificar a sua asserção, o medico apeiou-se do trem, e foi ver um enfermo octogenario, que

terá de marchar d'esta feita, por já haver chegado á conta.

Depois seguimos jornada. Passados uns vinte minutos, disse-me o medico:

— Repare n'este casal pintado de azul, e n'aquelle homem que anda a concertar o muro.

— Porque?

— É o Casal do Coelho.

— Mas que tem de notavel?

— Já foi theatro d'um crime abominavel, que aquelle homem ajudou a praticar.

— Não sabia.

— Pois não leu nos jornaes a historia do assassinio de um brazileiro, que tinha relações amorosas com a mulher d'este Casal, e que ella attraiu aqui uma noite para o roubar de combinação com o pae e o marido? Mataram-n'o todos trez, e enterraram-n'o na horta.

— Tenho ideia, sim, mas pensei que esse crime havia sido commettido no concelho de Mafra.

— Justamente. O concelho de Mafra é, n'este sitio, limitrophe com o de Loures.

— Mas este homem, que foi cumplice no homicidio, já anda em liberdade?

— Comquanto o jury fosse mixto, absolveu-o. A mulher teve não sei que pena leve; o pae d'ella foi que apanhou maior condemnação.

E reparei que o homem do Casal do Coelho continuava, muito tranquillamente, a concertar o seu muro.

Se terá remorsos? Nenhuns.

O conselheiro Antonio d'Azevedo, director da Penitenciaria Central, contou-me uma vez que em dois mil presos que lhe teem passado pela mão, apenas encontrou um que manifestou remorsos... ephemeros.

Era um homicida. Na primeira noite de Penitenciaria começou a gritar. Dizia elle que em tal dia, a essa mesma hora, tinha praticado o crime: via o morto, ou o seu espectro perseguidor. Na segunda noite já dormiu bem, e na terceira ainda dormiu melhor.

O homem do Casal do Coelho contou, muito naturalmente, n'uma taberna de Bucellas, a historia do crime.

O brazileiro tinha relações com a sua mulher. Nunca o marido se incommodou com isso. Mas um dia achou que lhe conviria tirar o maior partido possivel d'aquella situação obnoxia. Feito com a mulher e o sogro, engodou o brazileiro; apanhou-o dentro de casa, no seu proprio leito conjugal: tirou-lhe todo o dinheiro que levava e, com o auxilio do sogro e da mulher, matou-o, e foi enterral-o na horta.

Pois na taberna, depois de absolvido, o homem contava isto como se se tratasse apenas da chacina de um cevado.

Tambem Antonio de Azevedo me disse um dia que, apresentando-se-lhe na Penitenciaria um criminoso recemchegado da provincia, lhe perguntára qual era o seu crime. O preso respondeu: «Roubo.» Antonio de Azevedo replicou «Não póde ser. A tua pena é superior a esse crime.» O criminoso, dando uma

volta ao barrete, explicou : « Não que elle houve resistencia.»

Quer dizer : o roubado reagiu, e o ladrão assassinou-o.

Tudo materia corrente, segundo a theoria dos criminosos : tão natural era o roubado reagir, como o ladrão matal-o. Não havia outra coisa a fazer.

O saloio é brutal no crime. A comarca de Mafra o tem provado, ultimamente, com uma eloquencia odiosa.

Deixei, pois, o homem do Casal do Coelho a concertar o seu muro, que a sua consciencia j . elle tem bem concertada. Sobre esse criminoso de hontem cahia um sol loiro e puro, o lindo sol de inverno, no nosso delicioso paiz. Mas não lhe penetrava a consciencia, que deve ser dura como um escodão de pederneira.

Chegamos ao Valle de S. Gião, que tem o que quer que seja de paizagem minhôta. Basto arvoredo ensombra *chalets* modernos. Cruzam-se ali duas estradas n'uma especie de rotunda elegante. Os accidentes do terreno, muito variados, dão vida e alegria ao sitio, sorriem aos olhos, deleitam o espirito.

Em geral, o concelho de Loures está bem servido de estradas, cuja conservação deixa, porém, muito a desejar, como acontece em todo o paiz.

Seriam precisos 4:000 contos de réis para reparar o descalabro da nossa viação publica. E, comtudo, o actual ministro das obras publicas, não obstante todos os seus bons desejos e esforços, apenas pôde dispor para

esse fim, no corrente anno economico, de 400 contos. Teve de reduzir-se á decima parte da verba necessaria. É uma gotta d'agua no oceano. Não se pode ser ministro com taes finanças.

Fomos subindo para a Cabeça de Montachique, onde se tem procurado conseguir o tratamento da tuberculose pelo ar. Mas o clima é humido, o terreno saibroso, e a altitude, em relação ao nosso paiz, não é sufficiente. Não subi á Cabeça, d'onde se avista, segundo me informaram, Lisboa e o Tejo. Atravessei, porém, a povoação, e vi de relance o hotel, que tem uma vasta cêrca annexa, mas a que certamente faltam condições seguras de prophyllaxia, sendo a localidade, como é, tão frequentada por tuberculosos.

Em todo o percurso avistei grandes manchas brancas, de roupa lavada seccando ao sol. Aqui véem parar, a este vasto dominio das lavadeiras saloias, todos os segredos da *toilette* alfacinha, todas as miserias visiveis das doenças occultas. Disse não sei quem, creio que foi o pae Dumas, que não havia grande homem nenhum que se não amesquinhasse deante do seu criado de quarto. Pois deante de uma lavadeira ainda é maior o aviltamento da especie humana: quem lava a nossa roupa tem na sua mão a chave dos nossos segredos mais reconditos.

A agua, tão abundante n'estes sitios, canta o hymno do trabalho saloio. Alimenta uma larga industria, que se mantem florescente, mas rebelde a todos os progressos da mecanica moderna. As lavadeiras, batendo a roupa no rio, estimulam a sua actividade sol-

tando de vez em quando gritos selvagens — *Ui, ui*—. Tudo é primitivo no exercicio d'esta industria, tão intimamente relacionada com a vida da população de Lisboa.

Não deixa de ser curioso que o vinho e a agua, inimigos irreconciliaveis, se dêem amigavelmente as mãos para beneficiar a região dos saloios.

Tem grande fama o vinho do Termo, o vinho produzido em toda esta mesma região, tão propicia á viticultura.

Exactamente aqui, a par da videira, rebenta a corrente: nascem rios de vinho e de agua. É esta a dupla riqueza do Termo de Lisboa, a origem das suas mais copiosas fontes de receita e prosperidade.

Abençoada seja a previdencia da natureza.

Passo n'um logarejo, que se chama a Torre da Bezoeira, e mais adeante encontro a povoação dos Casainhos, certamente diminutivo de casaes, que alem de serem pequenos, são poucos.

Ao sopé de um muro alto vejo sentadas em linha sete pessoas, tomando o sol. São cinco velhos e duas velhas. Por sophá o granito; por brazeiro o calor solar. Já provavelmente fizeram a chronica do dia. Mostram-se admirados de vêr passar duas pessoas desconhecidas. É mais um assumpto, dois assumptos talvez. Quem serão aquelles que ali vão? ao que vieram? d'onde vieram elles? Como o saloio é sempre desconfiado, ficaria pensando o soalheiro que era gente da justiça, que vinha para de algum modo inquietar o povo. O que fôr soará. O sol era bom, desannuveado,

apesar de estarmos em dezembro. E emquanto o pau vae e vem, folgam as costas. Pois d'esta vez pode folgar a vélhada de Casainhos, porque da passagem d'aquelles dois desconhecidos não virá mal nenhum ao logar.

Mais adeante, á porta de um casebre, uma creança, papuda e córada, com um lenço vermelho atado na cabeça, tomava o sol sentada no berço.

Os extremos tocam-se. A velhice e a infancia fortalecem-se com a mesma droga medicinal: a luz e o calor que vem do céo. Misture e mande: e é Deus que os manda. De mais a mais esta botica é gratuita e universal; e os saloios não gostam de pagar a ninguem, principalmente ao boticario e ao medico.

Foram sem conta os cães que, durante toda a excursão, arremetteram, sanhudos, contra a nossa carruagem. O cão saloio é uma fera em plena natureza. Ladra e morde, e ás vezes, em conformidade com o rifão, morde sem ladrar. É raro encontrar um saloio que não tenha sido já mordido por algum cão; mas dos cães bravos é que elle gosta. Se algum lhe mordeu, inspira-lhe confiança, porque morderá tambem as outras pessoas.

Um canzarrão assim é que convém.

Fanhões, que fica a pequena distancia de Casainhos, tem predios novos, alguns d'elles muito garridos. O nome d'esta localidade já chegou aos palcos dos theatros de Lisboa. Eu vi na Trindade *Um casamento em Fanhões*, mas em Fanhões não vi nenhum casamento. O que eu vi foi o enterro de uma creança. Fez-me

impressão ver morta aquella pequena creaturinha, cujos louros cabellos o sol fazia reverberar. Não pude nunca explicar ao meu espirito a morte de uma creança. É um livro que não passou do primeiro capitulo, e Deus não costuma produzir obras incompletas, nem imperfeitas.

É para sentir que esta povoação tenha um nome duramente nazal, sendo o seu aspecto agradavel. Outras localidades do Termo de Lisboa condecoram-se com nomes brandamente femininos: Friellas, Odivellas, Bucellas. Aqui sôa o mais aborrecido dithongo da lingua portugueza, e de mais a mais no plural. Francamente, o que eu achei de peior em Fanhões foi o nome da terra. Se a chrismassem, talvez me resignasse a viver lá.

Assim, não quero, porque não gosto.

A carruagem começou a descer na direcção do Tejo, e d'ahi a pouco tempo estavamos em Pinteus.

Este nome ganhou foros litterarios, porque durante alguns annos viveu em Pinteus a sr.ª D.ª Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Ali se reuniu, por vezes, uma côrte de poetas.

Ali cantou Thomaz Ribeiro em 1866:

Brindo á musa d'estes bosques!
brindo ao seu estro divino!
brindo ao próspero destino
que Deus conceda ao seu lar!
a seus pais! á irmã formosa,
coração de fina essencia!
á familia — providencia
dos povos d'este logar!

O palacete, onde a sr.ª D.ª Maria Amalia residiu, tem aspecto nobre, oito janellas de frente, brazão de familia, terraço, e portão.

Na encosta fronteira alvejam as velas de alguns moinhos de vento.

Entre o edificio e a encosta corre, saltando sobre calhaus, o rio de Pinteus, que as lavadeiras frequentam.

O logar é pequeno, insignificante, mas bem parecido na sua amena solidão. O seu nome, porém, já não esquece mais, por causa d'aquelle palacio, que poetas celebraram em homenagem á escriptora illustre que o habitou.

Descendo sempre, viemos ter alguma demora em S. Julião do Tojal, povoação que é aviventada pela fabrica de papel da Abelheira.

Ha dois Tojaes, Santo Antão e S. Julião.

Este ultimo tem o movimento que lhe provém da fabrica, porque as industrias solidamente creadas passam sobre as povoações como um sopro de vida, que se espraia ao largo.

O papel da Abelheira — quem me déra no tempo em que eu o ouvia apregoar no Porto por vendilhões ambulantes! — o papel da Abelheira, que deve ter feito muito mal á humanidade como todo o papel, fez bem ao Tojal, de S. Julião, ao Tojal, de Santo Antão e até ao Zambujal, onde tambem recrutou operarios e operarias.

O gerente da fabrica é inglez, e tem a sua casa de residencia junto ao Zambujal. Vivenda principesca,

com largas fachadas, e lindos jardins adjacentes. Sente-se o bom gosto britannico ali: na escolha do local, pittoresco e abrigado; na sóbria elegancia do edificio; no grave desenho dos jardins.

Assim, pode viver-se n'uma aldeia. Os inglezes sabem viver em toda a parte.

Com o cair da noite aguçava-se o frio. O nosso trem rodava agora para Bucellas, onde nos esperava o jantar. A estrada vae acompanhando a ribeira do Trancão, memorada n'um *Fado* saloio de que apenas conheço quatro versos:

Deu Bucellas ua facada
Na ribeira do Trancão.
Acudiu-lhe a Ponte Nova,
Camarate e Appellação.

E foi assim que, no dia de hontem, eu puz termo ao Termo, terminando.

12 de dezembro
de 1901.

V

MAFRA

I

Na placidez do arvoredo

Parecerá talvez que estando eu em Mafra, d'onde escrevo, não terei a dizer coisa que já não tenha sido dita e redita.

Pois não é tanto assim.

As terras são como as pessoas: a sua physionomia, posto que seja conhecida, nem sempre nos impressiona do mesmo modo.

Uma sombra de desgosto ou um clarão de alegria altera muito um semblante; assim tambem uma nuvem que passa no ar ou um raio de sol que desce do ceu altera consideralvemente o aspecto da paizagem e dos edificios.

Ha choupanas que, em determinado momento, parece sorrirem; palacios que em determinadas occasiões dão vontade de chorar. Pelo que respeita ás florestas, nem sempre nos causam a mesma impressão: umas vezes, quasi nos esmagam de melancolia; outras ve-

zes, convidam a uma doce meditação, que tem o que quer que seja de sonho...

Quando a gente chega a Mafra, não vê senão o real edificio. Esbarra com elle na rua ou á janella; os seus torreões são como duas bossas de pedra, que trazemos ás costas e cujo peso nos opprime. Quando nos sentamos á mesa do jantar, é preciso beber um trago de agua para engulirmos o real edificio, sem o que não poderiamos começar a comer. Quando á noite nos deitamos, temos o cuidado de fechar bem a janella para que o monumental convento não possa chegar ao nosso quarto de cama e asphyxiar-nos.

Pois bem! Outro dia dizia-me um cavalheiro de Mafra:

— Ha muitos annos que não vejo o real edificio.

— Como assim?!

— Não olho para elle; nem sequer me lembro de que existe.

Eu não cheguei ainda a esta afinação, mas vejo-o, durante o dia, de muitos modos differentes.

Se o carrilhão está tocando — o que n'esta epoca do anno acontece frequentes vezes, porque todos os dias aqui chegam visitantes — parece-me que a pedra do edificio é menos dura, sobretudo muito menos negra.

Ouvindo a valsa do *Fausto* tangida em varios sinos, dão-me os torreões a impressão de serem duas tartarugas que desatam a bailar com mais alegria do que elegancia. Tal é o poder da musica, que os antigos souberam representar nos mythos de Orpheu e Amphião.

Cuido então que D. João v chega, de grande cabelleira e casaca de seda, a uma das janellas, mostrando-se ao povo de Mafra sorridente e frascario, disposto a passar facilmente do minuette para a valsa.

Sinto-me tentado a perguntar-lhe cá de baixo:

— Vossa magestade fidelissima quer dançar?

E julgo ouvir em resposta:

— Quero, sim. A valsa é muito mais alegre que o minuette. Provoca, arrasta, embriaga, e para o meu temperamento não é preciso tanto. Mas falta-me a pratica de valsar. Precisaria uma dama com quem tivesse a certeza de acertar o passo. Olha, vae a Odivellas e dize á madre Paula que venha dançar comigo. Não te demores...

— Perdão, real senhor! Eu não sou d'esses que fazem recovagens amorosas.

— Mas tu conheces as minhas amantes, recenseaste-as escandalosamente n'um livro, que eu tenho deixado correr mundo sem te mandar cortar a cabeça. Mais que ninguem me deves obediencia.

— É verdade! real senhor. Já me tinha esquecido essa tolice que eu fiz, e que requer certamente uma grande expiação. Estou ás ordens de vossa magestade.

O carrilhão continua tangendo a valsa do *Fausto*, lançando do alto das torres uma onda de alegria mundana que inunda a povoação somnolenta e patriarchal. Ao fundo da rua *Serpa Pinto*, sobre o azul da «villa velha», os pinheiros parece ondularem docemente n'um rythmo de valsa. Os dois torreões andam á roda, acachapados como tartarugas, sob a suggestão impulsiva

da musica. E el-rei D. João v fica á janella desejoso de vêr-me partir para Odivellas e regressar em breve com a freira.

Quando o carrilhão não se faz ouvir, quando, principalmente, as meias tintas do crepusculo da tarde vão apagando os contornos do edificio, quando o arvoredo da Tapada principia a converter-se n'uma grande massa negra e informe, a gente, se tem de recolher-se a casa, volta-se muitas vezes para trás com receio de que o real edificio nos venha seguindo como um papão tenebroso.

E segue, porque é muito grande e parece estar em toda a parte dentro da villa.

— Fechem a porta depressa.

— Porque?

— Porque vem ahi o real edificio e pode querer entrar.

Desde, porém, que a gente consiga, á força de habito, como o cavalheiro a quem ha pouco me referi, perder o medo á grandeza do edificio, deve viver-se excellentemente n'uma villa onde o vento é uma forte vassoira aerea, capaz de varrer myriades de microbios, se elles tiverem o atrevimento de chegar cá.

Domingo, por excepção, gosou-se aqui uma noite serena, e algum tanto calmosa.

Á porta da *Havaneza* pôde conversar-se até depois das onze horas.

O sr. dr. Thomaz de Mello Breyner, que n'este ar purissimo pretende desfazer-se de umas sezões teimosas, exclamava:

— Isto parece a noite de S. João em Mafra!

Que importa que estivessemos a trez de setembro? O S. João, se tivesse vindo de Lisboa a pé, e encontrasse raparigas pelo caminho, não poderia chegar a Mafra mais cedo...

Trez de setembro, uma bella noite, serena e quente. A *Havaneza* illuminada, portas abertas de par em par, grupos conversando em cadeiras, ao ar livre.

O Garrett não acreditava na civilisação das terras que não tivessem botequim. A *Havaneza* não é propriamente um botequim; mas é mais do que isso e melhor que isso. Tem jornaes, refrescos, tabacos, *bijouteries*, publicações e baralhos de cartas.

A villa de Mafra deve tudo a dois homens, porque sem elles não poderia existir no passado e no presente. A el-rei D. João v deve o real edificio, primitivo nucleo da actual povoação; ao sr. Taveira Pinto deve a real *Havaneza*, menos pomposa é certo, mas não menos prestadia á vida local de Mafra.

Um edificio defronta o outro.

E é de vêr a galhardia com que a *Havaneza*, pequenina como um camarote de paquete, se perfila sem altivez nem baixeza deante do monumento, parecendo dizer-lhe com dignidade: «Os edificios são como os homens—não se medem aos palmos.»

N'um recinto da Tapada a que aqui dão o nome de *Cêrco*, e que não é outra coisa senão a antiga cêrca dos frades, ha longas ruas abobadadas de verdura, verdadeiros túneis de arvoredo onde o sol não consegue entrar, por mais agudas que sejam as suas flechas de

oiro. Assim as ruas estivessem mais bem tratadas, varridas e limpas.

As grandes arvores, formando extensas aléas, sempre me deram uma funda impressão de serenidade e paz. Não sei se ás outras pessoas acontece o mesmo. Mas estou capacitado de que o maior desgraçado obedece mais facilmente ao aspecto de uma floresta tranquilla do que aos conselhos de um amigo ou aos raciocinios de um philosopho.

É que as grandes arvores são grandes philosophos e excellentes amigos.

Todas as tempestades do mundo se quebram de encontro aos velhos troncos annosos, couraçados de musgo. A maior dôr humana é fragil vidro quando vae bater contra um cedro secular. Parte-se em bocadinhos, desfaz-se em pó e a gente, se levanta os olhos para o arvoredo, acha que tudo o mais é mesquinho e vil.

Aqui, no *Cêrco* da Tapada, a sombra é doce, porque é profunda. É mais consoladora do que um livro de moral. Chega uma pessoa a dizer comsigo mesma: «Se eu tivesse nascido arvore, seria mais feliz por certo.»

E a serenidade do arvoredo é tamanha, tão superior ás luctas do espirito humano, que as arvores nem sequer se dão ao trabalho de responder-nos affirmativamente. E, comtudo, no vasto arvoredo da Tapada Real tambem ha luctas tremendas.

Outro dia assisti eu a uma: dois milhafres perseguiam arteiramente um bando de gaios.

O milhafre, com uma só bicada na cabeça de qualquer passarinho, põe-lhe os miolos ao sol.

Dizia-me um caçador, emquanto eu seguia muito attento as rapidas manobras de defeza por parte dos gaios e de ataque por parte dos milhafres:

— Os estorninhos são de todas as aves as que melhor se defendem do milhafre. Enovelam-se, redemoinham, giram em turbilhão á roda d'elle, formando um compacto nucleo de defeza, que desorienta o milhafre.

O bando dos gaios, cortando rapidamente o ar, voou, fugindo, na direcção da segunda Tapada — porque ha nada menos de trez — e os dois milhafres, seguindo-os a grande altura, apenas esperavam o momento de cair a fundo sobre as suas victimas.

Outro caçador dizia-me:

— Aqui tambem apparecem algumas aguias, de arribação. O mez passado vi eu uma que levava um coelho pendurado no bico.

— Pouca vergonha! exclamei eu. De mais a mais, ainda então era tempo defeso!

Mas, reflectindo um momento, lembrei-me de que tambem entre os homens o direito da força esmaga a força do direito.

É a linguagem das grandes potencias a respeito das nações pequenas. Tu és coelho e eu sou aguia. Agora mesmo, n'este momento, o Transvaal está sendo um coelho, e pairando no ar, a Inglaterra, aguia dos mares, prepara-se para cair sobre a presa.

Sentado á sombra de um alto plátano ergui os olhos e perguntei a essa linda arvore:

— Que te parece, ó plátano: os boers saberão defender-se?

Caía com a sombra uma grande paz sobre o meu espirito.

N'isto tangeu de novo o carrilhão, para goso de novos visitantes.

— Diacho! exclamei eu. El-rei D. João V está á espera, e ainda não parti para Odivellas!

É que tudo o que não seja puro e innocente esquece á sombra dos grandes arvoredos.

II

D. João V e a velha do Casal

O meu despertador acaba de accordar-me. São cinco horas da manhã.

Ha dez dias que um enorme bando de pardaes, moradores na frondosa acacia que defronta com a janella do meu quarto, se encarrega de despertar-me, com a sua alegre chilreada, ao nascer do sol.

Não me incommodam nada, absolutamente nada, estes folgasãos visinhos, que não dizem mal de ninguem e parece dizerem bem de Deus ao romper da manhã e ao declinar da tarde.

O proverbio: «Se fores a Roma sê romano», dir-se-ia feito exclusivamente para meu uso. Não fui nunca um revoltado; accommodo-me facilmente ás circumstancias em que me encontro, ao trabalho ou á ociosidade, ao bulicio ou á solidão e não sei se diga tambem, porque supponho que é verdade, á abundancia e á parcimonia.

Tenho d'isso provas seguras, que me permittem estabelecer definitivamente a minha psychologia.

A visinhança de uma pardalada revôlta, que não pede licença a ninguem para fazer barulho, póde talvez horrorisar a distancia o leitor alfacinha, habituado a não ver amanhecer senão nas operas que em S. Carlos mettem aurora.

A mim, pelo contrario, agrada-me esta visinhança alegre, cuja vida observo de perto com vivo interesse. Creio que em Lisboa tambem ha pardaes... de chapeu alto. Mas os authenticos, que esvoaçam e chilriam, moradores n'uma arvore de que não pagam renda, só agora os tenho tido por visinhos e acho-os preferiveis ao piano lisboeta, que nos accorda com a marcha da *Cádiz* ás nove horas da manhã.

Hontem ao fim da tarde vi-os recolher a casa, quero dizer, á sua acacia frondosa, em grupos de cinco ou seis. Vinham de «governar a vida» nas searas dos lavradores, que são a mesa do orçamento dos pardaes. Voltavam alegres, cumprimentando-se uns aos outros com expansiva satisfação. Folgaram juntos, saltitando de ramo em ramo. Parecia dizerem cantando: «Boa noite, boa noite». D'ahi a pouco o sol desapparecia; e os pardaes adormeceram.

Quem tivera visinhos d'estes em Lisboa!

Agora, ao romper da manhã, primeiro que eu ouvisse o toque da alvorada na Escola Pratica de Infantaria, os ouvi a elles, que me diziam cantando do alto da sua copada acacia: «Bom dia, bom dia».

Ainda não houve n'este mundo despertador mais amavel!

E logo que eu abri a janella e mergulhei a cabeça no ar picante da madrugada, os pardaes, convencidos de que tinham prestado um serviço de boa visinhança, partiram para a sua vida, tambem aos grupos de cinco ou seis, em direcção ás searas, onde me parece que foram almoçar.

Bom apetite, visinhos. E comtudo a acacia frondosa, muito empennachada de plumas verdes, subindo sobre os telhados, parece-me uma casa deserta, chega a fazer-me tristeza.

Mas olhem lá... Que diacho virá fazer este pardal desgarrado que, suspendendo o vôo em frente da acacia, como que se mostra surprehendido de já não encontrar os outros?

Ah! é talvez uma visita que vem da Tapada Real.

Aproveito a occasião de ser amavel por minha vez, e grito para cima:

— Os senhores não estão em casa.

O pardalito canta e eu julgo entender que elle me diz:

— Sairam ha muito?

Respondo immediatamente, sentindo não o poder fazer por musica:

— Ha meia hora talvez.

Nova pergunta do pardal:

— Para onde foram, sabe?

Felizmente estou habilitado a dar uma indicação segura:

— Na direcção de noroeste.

E o pardal, muito ingenuo:

— Ah! já sei! E' uma boa seara. Agradecido.

— Não tem de quê.

Foram-se os pardaes por algumas horas e não tardarão a chegar novos enxames de vêspas, que nunca as vi em tamanho numero como n'esta nobre villa de Mafra.

Nos primeiros dias extranhei, mas já vou estando habituado ás vêspas, tanto é certo que facilmente me faço romano de qualquer Roma.

E, aproveitando as circumstancias, tenho reparado na estructura da vêspa, que é inquestionavelmente um animal elegante, de um primoroso desenho de formas, bonito até, embora possa morder a gente, o que aliás nos acontece ás vezes com outra especie de animaes bonitos...

A locução — cintura de vêspa — não é uma falsidade semelhante, por exemplo, ao canto do cysne moribundo. Tem propriedade e verdade. A vêspa parece, realmente, ter nascido para dançar a valsa com quaesquer animaes do mesmo tamanho, sendo facilmente cingida pela cintura. Anda sempre espartilhada, e o seu vestido, brilhante de reflexos de ouro, faz lembrar o de uma princeza que, nascendo na opulencia, é tão amimada, que só gosta de coisas doces...

— Mas qual será o chamariz de tantas vêspas? tenho perguntado eu desde que estou em Mafra.

— São as uvas.

Ah! são as uvas, porque teem assucar. E, com

effeito, sobre os cachos pendentes das latadas esvoaçam, zumbindo, numerosos enxames de vêspas, que fazem lembrar um rancho de princezas a saborear golos de creme em pequeninas taças de nácar.

Salomão disse coisas muito bonitas á Sulamite, mas esqueceu-lhe uma: se lhe tem dito que todas as vêspas deveriam querer mordel-a, haver-lhe-ia chamado a mais doce das creaturas.

Eu bem sei que muita gente só vê na vêspa o hymenóptero que nos pode ferir, causando-nos uma dôr aguda; que se chama vêspa a uma pessoa de genio intratavel; e que na antiguidade houve o terrivel supplicio de untar com mel o corpo de alguns padecentes, a fim de que as vêspas os procurassem e mordessem, d'onde proveio a locução — *me melem* — para auctorisar uma affirmação que se faz sem receio de ser punido ou desmentido.

Mas não procuremos apenas os defeitos de certas qualidades. Tudo tem compensações n'este mundo, e o querer encontral-as é meio caminho andado para sermos quanto possivel felizes. É certo que a vêspa nos pode dar uma ferroada — quem é que a não dá? — mas, em compensação, deu-nos algumas phrases, que enriquecem o nosso vocabulario:

Cintura de vêspa:

Ferroada de vêspa;

Me melem se eu...

Ha muita gente que nos morde mais e não nos deu ainda coisa nenhuma.

Que não nos dêem, mas que ao menos nos não ti-

rem nada: tal é a minha philosophia e a d'aquella velha, de que se conta uma lenda, que eu julgo receber da tradição oral em primeira mão.

Na segunda Tapada, sobre uma colina, vêem-se ainda hoje as paredes arruinadas d'um antigo predio. É o *Casal do Abbade*. Porque se chama assim, não sei, nem aqui o dizem. Mas as lendas são sempre mais attraentes quando envolvem um poucochinho de mysterio.

N'esse casal vivia em tempo de D. João v uma velha. Seria a ama canonica do abbade, que lhe sobrevivesse e d'elle herdasse um farto pé de meia.

Estava ella muito bem descansada no seu casal, ao qual a prendiam decerto recordações agradaveis da epoca em que o abbade florescêra na robustez da juventude.

Mas el-rei, a troco de ter successão, fizera voto de mandar edificar um grande mosteiro com muitas terras ao redor. Vel-o ali, o mosteiro colossal, que pôde resistir ao grande terremoto do seculo XVIII.

Essas terras tinham dono, e era preciso adquiril-as por meio de transacção amigavel ou expropriação forçada.

Um dia el-rei D. João v foi pessoalmente ao *Casal do Abbade* com o proposito de entrar em ajuste ácerca da compra.

A velha fartou-se de dizer «real senhor, real senhor», como quem quer doirar a pillula, mas não havia meio de a convencer a alienar o casal.

Tudo eram mesuras, gestos de humildade, palavras doces «meu senhor, real senhor», mas queria muito ao

seu casal para vendel-o a quem quer que fosse, ainda mesmo sendo o rei.

O senhor D. João v não era pessoa que recuasse em questões de dinheiro. Achava barato o que aos outros parecia caro: o carrilhão de Mafra, por exemplo. Portanto, deixando-se ir ao sabor do seu genio magnanimo, disse á velha, por ultimo:

— Vende-me o casal, que eu dou-te um barrete cheio de peças.

A velha olhou muito humilde para o rei e com um sorriso, que parecia tecido de ironia e doçura, respondeu curvando a cabeça:

— Pois, meu senhor, para que vossa magestade me não queira tomar o casal, sou eu capaz de lhe dar... dous barretes cheios de peças.

Não diz a tradição como o caso veio a liquidar-se: certamente seria por expropriação violenta, tão violenta que alguns proprietarios apenas foram indemnisados 30 annos depois.

Mas n'aquelle dia el-rei D. João v, o *Magnanimo*, ficou de cara á banda, porque uma velha lhe resistiu, quando as novas não ousavam fazel-o.

São sete horas da manhã. Um raio de sol bem claro cai sobre a minha janella, pondo uma poeirasinha de ouro no meu tinteiro de crystal. Como n'um coche doirado chegou n'esse raio de sol a primeira vêspa que hoje me visita.

Pensam talvez que vou perseguil-a para que me dão morda? Qual!

Vou admirar-lhe mais uma vez a cintura.

*

III

Um Papa em Mafra

Encontrei-me outro dia com um Papa.

— Quantos ha então? perguntará o leitor.

— Um só, que já lá vae o tempo dos scismas. Governa Roma sem Avinhão. Mas é certo que me encontrei ali abaixo, na *Villa Velha* de Mafra, com o Papa João XXI.

— Que trapalhada essa!

— Tudo se explicará conversando. Sabe o leitor que o Papa João XXI era portuguez?

O leitor — todo inchado como um academico da rua do Arco a Jesus:

— Sei muito bem, sim senhor.

— Nem outra coisa era de esperar... Tambem sabia decerto que nasceu em Lisboa, na freguezia de S. Julião, durante os primeiros vinte annos do seculo XIII.

— Levou então vinte annos a nascer?

— Perdão! respeitavel leitor, propenso á chalaça.

ıero dizer que nasceu na segunda década d'aquelle culo, sendo incerto o anno.

— Queira proseguir.

— Era filho do medico Julião Rebello; e depois de r estudado em Lisboa, foi a Pariz cursar medicina, mo o pae. Quando voltou á patria... Por que não i de eu agora imaginar aqui um romance?

— Se lhe dá gosto, imagine.

— Muito obrigado. Amores mal correspondidos em ıriz ou Lisboa — seria crivel este romance se o eu ıaginasse — fariam talvez que renunciasse á profis-o paterna e tomasse ordens sacras. O caso é que se denou e veiu parochiar a humilde egreja de Santo ndré em Mafra.

— A Villa Velha?

— Exactamente. Pode imaginar-se o que seria en-o essa modesta povoa, de origem mourisca. Desap-receram já todos os vestigios do castello: até o me de uma rua que lhe denunciava a existencia[1]. ıcrem alguns que a mesquita fôsse convertida n'um mplo christão, como em tantas outras partes. Se sim foi, não sei; mas o que ahi está hoje de pé é na pequena egreja de portas ogivaes, singela e gra-, que ao fim da tarde o sol poente doura com os us ultimos clarões. Foi ao subir os degraus do adro ıe eu encontrei o joven vigario.

---

[1] Era a rua chamada de Traz-do-Castello, que atraves-va da rua do Meio para a rua do Paço do Marquez.

Perguntei-lhe se estava contente com a sua parochia. Respondeu que sim: que não tinha mais nem maiores ambições. Sois protegido pelo bispo de Lisboa junto de el-rei — lhe disse eu — e portanto ireis a melhor destino.

— Mas tudo isso não passa de sonho... observa o leitor

— Pois é apenas sonhando que se pode conversar com os mortos. Eu perguntei-lhe se tendo nascido em Lisboa e vivido em Pariz, não sentia alguma hora saudades do mundo. Concentrou-se por instantes, como quem tem no fundo do peito um segredo intimo, e respondeu tranquillamente: «A solidão dá menos desenganos que o mundo; vive-se melhor na solidão.»

— Lá está você, exclama o leitor, a querer architectar o romance dos amores mal correspondidos!

— Que não será verdadeiro, mas é verosimil. Um rapaz, na flor dos annos, que podendo seguir outra profissão, para a qual estudou, muda repentinamente de rumo e se faz padre, é por força heroe de um romance mallogrado — um romance de amor desventuroso.

— Mas que disse mais o vigario?

— Que vinha de passeiar no *Alto da Vela*, que era o sitio, então solitario, onde hoje está edificado o convento. Talvez os moiros tivessem ahi construido alguma atalaya. Veja o que são os tempos! No seculo XIII os moradores da antiga Mafra vinham passeiar para a solidão da *Vela*, como os habitantes da villa actual, se querem encontrar a solidão, vão procurar a *Villa Velha*. E não é preciso chegar lá para uma

pessoa poder considerar-se triste e só. Quem descendo pela rua da Boavista subir pela rua de Serpa Pinto, terá feito a *volta dos tristes*, como aqui dizem hoje, apesar de transitar por entre duas filas de predios habitados. Mas o sitio é melancolico e silencioso e tem como panno de fundo o mar e os pinheiros, que são a expressão dolorida da paisagem portugueza. Pedro Julião disse-me que ia fazer a oração do *Angelus* e recolher-se depois ao presbyterio, porque as suas noites começavam quando o sol morria. Que boa noite vos dê Deus Nosso Senhor, respondi-lhe eu, mas sempre vos quero dizer que, joven e protegido, não vos demorareis aqui por muito tempo. Diz-me o coração que, com o auxilio do bispo D. Matheus e de el-rei Affonso III, ireis subindo altos cargos, ao cardinalato e ao pontificado, talvez. Pedro Julião sorriu incredulo e perguntou ironico: «E' uma prophecia?» Eu tornei-lhe de prompto: «Que duvida! Ninguem é propheta na sua terra, mas a minha terra não é esta.»

— E acertou!

— Acertei. Pedro Julião saiu de Mafra para ser thesoureiro-mór da Sé do Porto. Depois, perlustrando diversas honrarias ecclesiasticas, foi arcebispo de Braga, cardeal, e papa com o nome de João XXI. Se elle, no solio pontificio, se lembraria alguma vez da sua modesta egreja de Mafra? Sabe o leitor que ainda ha n'esta villa uma vaga mas errada tradição a respeito d'aquelle pontifice? Dizem que nasceu no arrabalde denominado Cabeços, quando é certo ter nascido em Lisboa.

— Viveria lá sendo parocho da Villa Velha.

— Eu sei! Mas tão longe da sua egreja! E talvez, porque as tradições teem sempre por fundamento alguma coisa de verdade, embora desfigurada. Não foi Pedro Julião, porém, o unico presbytero que, principiando a sua carreira em Mafra, chegou a uma elevada posição ecclesiastica. O patriarcha de Lisboa D. Ignacio aqui exerceu o cargo de capellão da ermida dos Mortaes. Mal poderia sonhar então com o chapeu cardinalicio, tanto como Pedro Julião com a thiara.

Ora n'aquelle dia, depois de me ter despedido do Papa João XXI, parei a olhar para o antigo paço do marquez de Ponte do Lima. Diz-se ainda que de uma janella do palacio, fronteira á porta da egreja, costumava o fidalgo ouvir missa. Achando a porta aberta, entrei. Percorri todas as casas; estive no quarto do marquez, que tinha alcova e fogão. O rodapé de azulejo está menos mal conservado ainda. Passei á capella, onde encontrei um retábulo em barro, que seria facil restaurar, e alguns santos mutilados, apeados no chão. Depois, pensando na decadencia das familias illustres, metti caminho abaixo, tomando gosto á solidão do sitio.

Apenas encontrei um saloio, em que fiz reparo.

Os saloios de Mafra deixaram perder as côres garridas dos seus antigos carapuços, que eram azues e encarnados: aquelles, tendo ás vezes uma orla de feltro vermelho; estes, de feltro branco. Hoje o barrete é geralmente preto e monotono, dando logo á pri-

meira vista a impressão de que, sob esse resguardo negro, funcciona um cerebro refractario a todas as ideias extranhas á concentração obstinada na ganhuça e na avareza.

A faixa tambem é negra e sempre foi.

As côres vivas, que são dynamogeneas, a que correspondem sentimentos fortes e pensamentos estimulantes, desappareceram absolutamente do trage saloio.

Outr'ora, qualquer que fosse a estação, na zina do verão ou no coração do inverno, o saloio usava, em todos os actos solemnes, um capote azul de capuz extenso.

Era a sua casaca de grande gala para casamentos e baptisados.

Quando no real edificio de Mafra esteve o Collegio Militar, um anno, pelo carnaval, os alumnos, que não seriam menos de duzentos, correram a ovos de cheiro e esguichos de bisnaga um bando de saloios, vinte ou trinta, que vinham assistir a um casamento.

A saloiada, para salvar os capotes, fugia a pés de cavallo n'uma grande afflicção de medo e os rapazes foliões, experimentando os seus brios militares, deram-lhes uma carga a fundo, varrendo o terreiro n'um momento, a ponto de se não saber mais dos noivos, dos padrinhos e convidados.

Calcule-se o desespero do saloio, se o bello capote azul apanhou alguma gemmada. Mas, no correr do tempo, o capote desappareceu sem ninguem o extinguir.

Ficou o carapuço negro, ficou a faxa negra, fica-

ram as calças esticadas, tão cosidas ás fórmas do corpo, que póde suppor-se que os saloios já nascem de calças.

O relogio do convento bateu sete horas, fazendo-se ouvir ao longe. Retrocedi, vim subindo para a Mafra moderna, e então deu-me de rosto o convento, que rebuçava o enorme vulto nas primeiras sombras da noite, preparando-se para dormir.

— O que vale o saloio vivo, perguntei eu a mim mesmo, ao pé do frade morto? Foi o convento que fez a villa actual: ella não é senão o que elle foi. Por isso o frade vive ainda e viverá sempre na memoria do povo de Mafra, porque o convento será eterno.

Tenho ouvido contar varias historias dos frades, nunca as procurei com tanto interesse como agora.

Quando elles aqui estavam, quem recebia as cartas no correio eram umas senhoras, a cuja casa os destinatarios iam buscar a correspondencia.

Tinha acabado de chegar a Mafra um frade novo, que foi ver se haveria carta para elle.

— Então, sr. frei José, perguntou-lhe uma d'aquellas senhoras, que tal lhe parece a nossa villa?

— Minha senhora, sempre é uma terra que principia por MÁ!

A resposta não agradou e o frade recebeu em troco este epigramma:

— Qual! O peior que ella tem é acabar em FRA!

Boa esgrima, não ha duvida.

Dos frades de Mafra conta lord Byron n'uma carta a sua mãe, que lhe perguntaram, mostrando-lhe a

bibliotheca do convento, se os inglezes tambem tinham livros no seu paiz.

Os escriptores deixam-se arrastar em toda a parte, até nas cartas familiares, pela mania de «fazer espirito.»

Lord Byron reconhece a illustração dos frades de Mafra, quando diz que fallaram com elle em latim, lingua em que se puderam entender com o seu illustre visitante.

Sabiam latim e ignoravam que na Inglaterra houvesse livros! Custa a engulir. Mas tambem, diga-se a verdade, não se engole mais facilmente aquella prosapia de lord Byron trazer o latim na ponta da lingua para o papaguear com toda a gente que não sabia fallar a lingua ingleza...

E, a respeito de prosapias, eu antes me quereria com os frades do que com os inglezes...

IV

A Tapada Real

Outro escriptor inglez, Thackeray, refere-se, n'um dos seus livros, á etiqueta seguida na tapada de Mafra quando aqui vinha caçar o marido da rainha D. Maria II.

Vai isto ha tão pouco tempo, que muito novo será quem puder dizer que não se lembra de ter visto el-rei D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha, alto, quasi esguio, de pera e bigode, cabellos negros e annelados, um allemão que o não parecia, porque nem era louro, nem branco, nem rosado, nem gordo.

O principe consorte, como lhe chamavam os documentos officiaes, interessando-se pouco pelos negocios publicos, porque era esse o seu dever e o seu temperamento, repartia o tempo entre a cultura das bellas artes, o *bric-à-brac,* o theatro de S. Carlos, o castello da Pena, que foi um producto da sua phantasia de ar-

tista, e a equitação, as caçadas e o amor clandestino, que o obrigava a certas cautelas, porque a rainha D. Maria II, comquanto fosse depositaria do cofre das *graças*, não era para graças em coisa nenhuma — especialmente no ciume.

Todo o principe tem obrigação de saber caçar, embora com mais apparato do que pericia. É uma tradição realenga, que vem, entre nós, do tempo de D. Affonso Henriques, o qual mandou construir no Louriçal uma torre para ahi se recolher quando monteava n'aquella região. O paiz não estava ainda arroteado, de modo que a caça brava era abundantissima por toda a parte. Havia ainda o urso, o *usso* como então se dizia, cuja carne os caçadores saboreavam com prazer.

D. Diniz esteve para ser victima de um urso em Beja.

Este rei foi dos que mais se dedicaram á caça; até no seu testamento se occupa de assumptos venatorios.

Affonso IV tanto se afervorou no prazer da caça, que lhe advieram d'ahi censuras e desgostos.

D. Pedro I foi grandemente inclinado a este exercicio, no que o imitou o filho, D. Fernando o *Formoso*, que, segundo a expressão de Fernam Lopes, era mui caçador e monteiro.

No principio da monarchia as caçadas podiam dizer-se combates perigosos, que requeriam muita segurança no ataque, principalmente na defeza; os habitos e costumes da côrte, ainda rudes e fragoeiros, não ti-

nham recebido o verniz da pragmatica, que foi a mãe do palacianismo requintado.

Mas, no decorrer dos seculos, as caçadas reaes perderam a sua primitiva aspereza, converteram-se em passatempos inoffensivos, e a etiqueta da côrte auctorisou o principio de que mais valia deixar escapar-se uma lebre do que ter um rei de atirar-lhe sem as devidas cerimonias.

A este facto allude Thackeray com a sua habitual ironia, escrevendo, segundo a traducção de Fernandes Costa:

«Houve alguem que me disse que, n'um reino onde o marido da rainha é de origem germanica,—deve ser em Portugal, porque a rainha d'esse paiz casou com um principe allemão, que conquistou a estima e a admiração dos naturaes do reino;—contaram-me, repito, que todas as vezes que o real esposo se entrega ao prazer da caça na matta de Cintra ou nas reservas de faisões de Mafra, vai acompanhado por um criado que lhe carrega a espingarda, como naturalmente deve ser, mas que esse guarda a apresenta em seguida a um fidalgo, official ás ordens do principe, e que esse fidalgo a entrega então ao mesmo principe, o qual depois de haver atirado, restitue a espingarda descarregada ao fidalgo, que a passa em seguida ao guarda, e sempre da mesma forma; mas nunca o principe pegará na espingarda das mãos d'aquelle que a carrega. Tanto tempo quanto fôr aquelle em que se deixem subsistir estas incriveis monstruosidades da etiqueta, tanto será o tempo em que ha de haver snobs,

porque as trez pessoas que desempenham cada uma o seu papel na scena que acabamos de contar, são, diga-se o que se disser, snobs.»

El-Rei D. Pedro v, respeitador das formulas constitucionaes, se bem que propenso por indole a um absolutismo temperado de bondade e melancolia, querendo seguir a esteira democratica do avô aboliu o beija-mão.

Á força de vontade e cuidado, procurou regular os seus habitos democraticos de modo a tornar-se popular, o que em verdade conseguiu, especialmente depois das epidemias. Sendo bom caçador, alterou de facto a pragmatica das caçadas, e o snobismo a que se refere Thackeray, desappareceu.

El-Rei D. Luiz, caçador habilissimo, seguiu o exemplo de seu irmão. A verdadeira paixão venatoria não consentiria a nenhum caçador ter de esperar pela espingarda para atirar a uma peça de caça. E aquelle bondoso rei era caçador de «*aficion*». Tanto zelava a integridade das suas regalias cynegeticas, que rarissimas vezes concedeu auctorisação a um extranho para caçar nas Tapadas da Corôa. Uma d'essas auctorisações honrou a pessoa do marquez Oldoini, ministro de Italia em Portugal. Não sabemos de qual diplomata, que obteve concessão identica, se conta em Mafra o seguinte:

O carregador, indicando-lhe uma peça de caça, passava-lhe a espingarda. O diplomata punha a luneta, pegava na arma e, quando ia a mettel-a á cara, dizia-lhe o carregador:

— Já lá vai!

Muito gravemente, o diplomata exclamava:

— Foi o que lhe valeu!

El-rei D. Carlos, actual soberano, tendo levado a democratisação da Corôa ainda mais longe que os seus immediatos antecessores, e sendo um cultor apaixonado de todos os generos de *sport*, especialmente da cynegetica e da halieutica, caça com o *entrain* de um verdadeiro caçador, que não desaproveita um momento nem uma peça para os sacrificar a coisa nenhuma, especialmente á etiqueta.

O director das caçadas reaes em Mafra é o sr. Hemeterio de Barros e Vasconcellos, atirador perito.

Elle e seu irmão Eduardo de Barros e Vasconcellos são caçadores ao serviço effectivo da Casa Real.

El-rei, que possue a memoria feliz de todos os Braganças, sabe o nome dos caçadores e até o dos cães que elles costumam trazer ás caçadas.

Mais ainda, lembra-se do *pedigree* de cada cão, sendo frequente ouvir-lhe dizer, por exemplo:

— A tua cadella, ó Bento Lopes, não chega aos calcanhares da mãe.

Um dos caçadores auxiliares, o Zé Quintas, da Murgeira, certo nas caçadas de Mafra, tem um estribilho grosseiro para annunciar cada peça de caça.

As caçadas de caça meuda realizam-se na 1.ª tapada.

Disposta a linha dos atiradores, el-rei, collocado ao meio da linha, é seguido por dois carregadores e

mais trez homens que conduzem os cartuchos de chumbo e bala.

Esses dois carregadoros alternam-se no serviço de carregar as espingardas de el-rei, armas de calibre 16; uma que el-rei dispara, outra que entretanto lhe preparam.

Na 2.ª tapada e na 3.ª abunda a caça grossa, mas o terreno da 2.ª é mais grato aos caçadores.

Para este ultimo genero de caçadas, costuma el-rei ir de carruagem até ao Celebredo, sitio magnifico para *espera*.

Sua magestade apea-se ahi. Os caçadores, de antemão dispostos em circulo, vem apertando o cordão, batendo a caça, logo que el-rei chega. O senhor D. Carlos espera nos azerves a passagem dos veados. Não atira ás gamas, e não gosta que os outros caçadores lhes atirem.

Quem percorre a tapada em carruagem, o que é permittido a todos os visitantes, póde por seus proprios olhos certificar-se da grande copia de veados que ali ha; muitas vezes acontece irem correndo em ar de folia adeante dos trens ou saltarem de um para outro lado da carreteira, por susto ou folgança. Fóra da tapada, quem desce em carruagem pela linda estrada que de Mafra conduz ao Gradil, vê dezenas de cervos empoleirados sobre os rochedos, como a espreitar curiosos o que se passa extra-muros.

Ultimamente vieram de algures para Mafra nove porcos montezes, para aclimação e reproducção. O javali é por emquanto novidade em Mafra: um casal

está isolado em pocilga, a pequena distancia do real edificio.

Antes de sair para a tapada ou no regresso costuma el-rei subir aos terraços do convento para atirar aos pombos, que ali fazem creação nos respiradouros das sentinas. O signal de alarme é dado por um chocalho, que vibra dentro dos pombaes e faz sair os pombos alvoroçados.

Os que morrem, e são muitos, abastecem nos dias seguintes o rancho dos sargentos da Escola Pratica de Infantaria

Estas caçadas tornam-se necessarias para a conservação das searas, cujos proprietarios costumam repellir os pombos a tiro.

Ainda ha pouco me disse alguem ter encontrado perto da Ericeira, isto é, a 13 kilometros de distancia, um grande bando de pombos, que regressavam a Mafra com o papo cheio.

Pareciam syndicateiros!

Setembro de 1899.

VI

CARTAS DA ERICEIRA

I

A Ericeira, onde estou, é das praias mais pittorescas e beatificas do paiz.

Aqui, a par de um amplo horisonte maritimo, de um bello espectaculo de *ribas* alterosas e de *furnas* gigantescas, que fazem lembrar os destroços de um palacio de cyclopes desmoronado por um cataclysmo formidando, reina uma innocencia de costumes quasi patriarchal, uma simplicidade primitiva de habitos e distracções, que nos purificam de quaesquer paixões ruins porventura adquiridas na vida pôdre de Lisboa.

Amanhece? O mar, lucido e magestoso, encimado por um ceu formosamente crystallino, convida a procurar nas suas ondas franjadas de espuma a saude, o aceio, a reacção salutar que subjuga os nervos e abre o apetite.

Emquanto os banhistas mergulham no oceano, n'uma ligeireza de *toilette* que, uma vez por outra, vem affirmar a innocencia de costumes dominante na praia, porque não escandalisa ninguem, fazem-se ao largo os barcos de pesca, que recolhem ao fim da tarde triumphantemente carregados de peixe fresco e saboroso.

O sol desabrocha, abre, e os banhistas vão procurar a sombra das arvores do *Jogo da bola,* o rocio nobre da villa, onde, não obstante a evidencia do logar, cada um de nós póde amezendar-se n'um banco, tão real e perfeitamente como se estivesse em sua casa.

A praça tem hoje outro nome, chama-se da — *Princeza D. Amelia,* mas, á semelhança do que acontece em Lisboa com a rua Garrett, que ha de ser sempre conhecida pela sua antiga denominação de Chiado, o rocio da Eiriceira continúa a ser, para os da terra e para os de fóra, o *Jogo da bola*, não obstante o seu recente chrisma municipal.

A camara de Mafra não foi inteiramente gentil n'este presente que fez á duqueza de Bragança; deu-lhe uma praça de que aliás a tradição de longos annos se havia apossado. D'aqui resulta que as pessoas mais sinceramente monarchicas, que em nada desejam prejudicar os principes, vão insensivelmente esbulhando sua alteza da posse nominal da praça, a que continuam chamando pelo seu antigo nome.

Deveu certamente jogar-se aqui, outr'ora, o jogo da bola, tradicionalmente arreigado nos costumes populares.

A simplicidade d'este jogo inculca que a sua origem deve remontar aos tempos mais afastados. Em Homero, tanto Nausicaa como a sua comitiva recreiam-se jogando a bola. Mas tanto na Grecia como no Egypto este divertimento tinha um caracter excessivamente comico: as damas que acertavam no alvo assentavam-se no dorso das que cincavam (não encontro maneira menos rude de dizer a coisa) e, em virtude d'este costume, as damas que perdiam eram cruamente denominadas *asnas* e tinham que obedecer humildemente ás que ganhavam a partida.

Dupla *partida,* n'este caso...

Terra de maritimos, homens robustos e saudaveis, a Ericeira não escaparia á febre do jogo da bola que, durante o seculo XVI, tão predilecto era do nosso povo.

N'esta praça, a cujas arvores gozamos agora a sombra do meio dia, jogariam os maritimos de ha trezentos annos a sua partida de jogo da bola, nas longas e tranquillas tardes dos domingos.

«O jogo da bola, diz Rebello da Silva, não escapou á comminação das *Ordenações* de el-rei D. Manoel, que o prohibiram aos fidalgos e cavalleiros nos domingos e dias santificados antes da missa, e aos officiaes mecanicos e aos homens de trabalho em toda a semana.»

Tão popular como o jogo da bola era o jogo da péla. Ambos elles são citados por João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal:*

«Os jogos da péla, tabolas, *bola,* e cartas entretem

os muito ociosos e ás vezes passa a occupação cheia de damnos e perigos. Nas academias ou casas publicas d'estes jogos é costume dar barato, ou alguma porção do lucro aquelle que tiver ganhado, aos que estão em roda vendo.»

Acontecia que tanto o jogo da bola como o da péla davam logar a rixas e conflictos sangrentos, não só entre os mecanicos, como tambem entre os fidalgos.

Em 1656 esteve preso na Torre Velha o conde de S. João, cunhado do conde de Vimioso, porque, recreando-se com outros fidalgos no jogo da péla, tiveram os dois condes renhida altercação, do que resultou o de S. João ferir mortalmente o cunhado. Foram tambem presos por essa occasião, e encarcerados em differentes fortalezas, o irmão do conde de Vimioso, o conde de S. Lourenço, Castello Melhor e Ruy Fernandes d'Almada.

Para a maioria da geração actual, depauperada de forças physicas, seria incomportavel o jogo da bola. O leitor sabe, decerto, que o celebre filho do capitão-mór de Faro jogava a barra com o casco de uma bomba, que pesava trez arrobas e vinte e seis arrateis. Não ha hoje brutos que tenham pulso para barras de trez arrobas, ou só excepcionalmente os ha. Mas, não obstante o enfraquecimento da raça, os homens, cuja profissão lhes permitte maior desenvolvimento de forças, e n'este caso estão os maritimos, ainda se entregam ao jogo da bola, e outros jogos que por egual exigem rijeza de musculo.

Desalojados da praça onde antigamente jogavam,

e que foi destinada a rocio elegante da povoação, os maritimos da Ericeira vão agora jogar a bola, uns domingos por outros, junto á ermida de S. Sebastião, logar pittoresco, d'onde se abrange um largo horisonte. Estando o dia muito claro, avistam-se as Berlengas, jurando na fé dos referidos maritimos, que nos affirmam que uma tenue sombra, poisada sobre o mar, são effectivamente as Berlengas.

Devem ser, se os maritimos não mentem, e a geographia tambem.

Na Ericeira não ha riquezas de vulto, mas ha proprietarios remediados, todos elles antigos embarcadiços, que nos fallam das suas viagens, e que nos dão interessante noticia de tubarões, de baleias, jacarés, e mais fauna maritima.

Muitos d'elles voltaram-se para a terra, para os seus campos, as suas vinhas, o seu commercio, e parecem esquecidos do mar, que aliás lhes sôa constantemente aos ouvidos. Outros sentem ainda uma profunda nostalgia da vida de bordo, e vão sentar-se ao anoitecer nos bancos de pedra da capella de Santo Antonio, espraiando a vista saudosa pela vastidão do oceano. Um d'elles, velho e jovial, disse-me ha dias:

— Agora tenho que contentar-me com o *Brigue Firmeza,* que é este, e que não faz viagem, porque apodreceu na amarração.

Indicava-me o banco de pedra em que estava sentado.

O pequeno porto da Ericeira, que apenas comporta barcos de pesca, é difficil e arriscado. As *foci-*

nhadas, como elles cá dizem, isto é, os catraios, entram de arremettida na onda, vindo varar na areia impetuosamente, parecendo que effectivamente *afocinham* contra a terra.

Esse espectaculo, como o de toda a lide maritima, attrae sempre curiosos e, diga-se de passagem, tambem gulosos.

As mulheres dos pescadores descem á praia com os cabazes e canastras em que o peixe, depois de arrolado pelo fisco para pagamento do respectivo imposto, deve ser arrematado ou conduzido á villa.

D'aqui vae muito para Lisboa, e não pouco para Cintra.

Ha mezes, uma unica *focinhada* recolheu cem duzias de pescadas durante uma só noite.

Mas, em compensação, saiu ha dias um enxame de botes para a pesca da sardinha e, por uma cruel ironia do mar, toda essa numerosa flotilha voltou com trez sardinhas apenas.

A arrematação do peixe é um dos espectaculos mais interessantes na lide maritima da Ericeira.

Anno passado, uma senhora que esteve aqui a banhos, quiz comprar uma pescada; foi arrematal-a.

De boa fé, elevou a 200 réis o primeiro lanço.

Teve logo por competidora uma mulher mal vestida, que parecia á primeira vista não offerecer concorrencia. Pois não foi assim. Essa mulher cobriu immediatamente o lanço com mais um pataco. Finalmente, a pescada chegou a quinhentos reis, preço por que a senhora a quem nos referimos teve de a comprar.

Finda a arrematação, quiz a dama saber quem era a sua competidora.

Perguntou a um rapazito, que lhe respondeu:

— É a mulher do pescador.

A não ser d'estes pequenos logros, não ha outros na Ericeira. Tudo aqui é innocencia, acreditem. Não ha terra moralmente mais lavada pelo mar. Não ha politica, não ha jogo de azar, e de maledicencia apenas o *quantum satis*. Ás vezes chega um banhista, diz-se alguma coisa, pouca, da sua biographia; e se se torna a fallar d'elle é só, talvez, depois que se vae embora. Vejam se ha, se póde haver outra terra como esta, em que, segundo todas as probabilidades, apenas se falla mal dos extranhos duas vezes: quando chegam, e quando partem!

Oh! innocentissima Ericeira! paraiso terreal á beira mar plantado!

II

A minha primeira carta mereceu, n'esta praia, alguns reparos amaveis.

Duas ou trez senhoras mais contemplativas, e não menos contempladas, extranharam que não desabrochasse da minha penna, sêcca e aspera como um graveto do monte, um unico pensamento que se perfumasse da poesia do mar, do espectaculo grandioso da natureza, ou, pelo menos, do romantismo mythologico de tritões e nereidas.

Accusaram-me ss. ex.as, postoque amavelmente, como era proprio do seu sexo, por ter consagrado meia duzia do linhas á pesca da sardinha, e outra meia duzia de linhas á historia de uma pescada.

Defendi-me respondendo ás minhas gentis censoras que a unica poesia de que faço actualmente uso não ultrapassa o apertado limite de uma boa posta de pescada fresca, com a poetica e respectiva concomitancia de batatas cosidas, cebola, e môlho de azeite e vinagre. Nem sequer a velleidade de substituir a pescada pelo atum, que é certamente um peixe eminentemente romantico, me é tolerada pelo estomago. Devo dizer entre parenthesis que faço do atum este elevado conceito, desde que uma romanesca dama, que ha muitos annos conheci tocando primorosamente Chopin n'uma praia de banhos, esteve para morrer com uma famosa indigestão de atum. Tinha jantado bem, passou toda a noite a moer *Nocturnos* do seu *maestro* predilecto, e nem assim conseguiu esmoer o jantar!

Se infelizmente tivesse morrido, eu haver-lhe-ia decerto escripto o epitaphio, fallando mais de Chopin que do atum, e isto por uma simples impressão pessoal: aquella romanesca menina poderia ter morrido de uma indigestão de atum, mas eu estive para morrer de uma indigestão de Chopin.

A lição do mundo, a desillusão que vem com os annos tem-me posto n'esta dieta lyrica de pescada cosida com môlho de azeite e vinagre. E ao fim da tarde, quando o sol, como um principe moribundo, se amortalha grandiosamente n'um lençol de purpura

(permittam-me ainda, por amor da antiga poesia, a liberdade de inventar um lençol vermelho); quando o mar, n'uma placidez dormente, que deve convidar á meditação, parece um lago de crystal, levemente mosqueado aqui e ali pelas ligeiras sombras dos barcos de pesca, um pensamento sublime vem cravar-se no meu cerebro como a azagaia de um zulu: «Teremos nós peixe ámanhã?»

— Mas isso não póde ser! — gritam indignadas as minhas amaveis censoras.

E eu contesto humildemente:

— Não póde ser! Ah! vv. ex.as não querem que eu coma peixe? Pois bem, minhas senhoras, terei que voltar-me resignadamente para o *beef*.

Quanto á mythologia dos tritões e das nereidas, admittindo que as nereidas sejam um simples tropo, fundado na relação de semelhança que possa haver entre as banhistas da praia e as nymphas da Fabula, eu peço licença para dizer a ss. ex.as, as minhas leitoras, que o gato escaldado da agua fria tem medo. (Não deve admirar que eu introduza um gato em tão etherea chronica como esta que estou escrevendo: na Ericeira todo o dia se falla em *Gatos* — que são os alquilés de maior fama n'esta paragem balnear.) A citação do gato tem historia. Eu estive n'uma praia — onde isso vae, santo Deus! — e lembro-me bem de que cheguei ao cair da tarde, com a minha roupa branca e o meu estilo, tudo dentro da mala. O estilo, por *deslavado,* era menos aceiado do que a roupa. Logo outros estilistas da minha polpa (gente que ainda não

pagava decima nem tinha buço), appareceram, pelo faro de collegas em rethorica de praias, a convidar-me para ir á noite ao Club. Alleguei que não era socio. E elles, candidamente, allegaram que tambem o não eram. Caí então das nuvens, mas os bondosos moços insistiram no convite, dizendo-me que tinham sido apresentados na noite anterior, e que não duvidavam promoverem-se de apresentados a apresentantes. Este engenhoso sophisma, aliás pouco desculpavel, abriu-nos as portas do salão. N'aquelle tempo os rapazes, em vez de se fazerem banqueiros na rua dos Capellistas, dedicavam-se a sophismar a lei regulamentar dos clubs nas praias, e a estafar a rhetorica amavel nos salões dos mesmos clubs. Tudo isto por que? Oh! verdade das verdades: tudo isto por falta de dinheiro!

Os apresentados da vespera, que foram meus apresentantes, tiveram a amabilidade de recommendar-me á benevolencia de uma senhora com quem dancei. Era de Castro-Daire. Uma belleza! Tinha dois pecegos na cara. Não supponham que era aleijada ou que tivesse nascido pecegueiro. Quero eu dizer que tinha as faces polpudas, rosadas e velludosas como dois pecegos. Dava tentações de mordel-a. Eu, comquanto mais propenso então a mulheres que tivessem por destino a ilha da Madeira do que Castro-Daire por berço, gostei da raparigaça, chamei-a para os dominios do sete-estrello e da via-lactea, fallei-lhe do azul e dos astros. Quando eu lhe fallei da via-lactea, ainda córou mais, talvez por imaginar que ousadamente me estava referindo ao

valle de neve que dividia as duas montanhas do seu peito. Longe de mim a intenção: o relevo do vestido, o Cabo Bojador do seu espartilho, esse estava mais perto de mim do que a intenção. A proposito do azul e dos astros, disse-me s. ex.ª que era de Castro-Daire, e que dançava muitas vezes, porque tinha na sua terra um abbade muito patusco, o qual tocava viola franceza para as ovelhas dançarem. Ovelhas metaphoricas, entenda-se. «Não faz ideia, dizia-me ella, da graça que tem o abbade!» E ria-se muito, parecendo que os pecegos das faces estoiravam de riso. Eu, embasbacado, contemplava-a; parecia-me divinamente bella. E acudiram-me á imaginação exaltada estes dois versos de Camões:

O pomo que da patria persa veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

Sim! O pecegueiro viria da Persia, mas aquella linda menina, que parecia enxertada em pecegueiro, estava ali decerto mais florescente e entroncada do que os seus collegas em Pomona nos vergeis de Teheran.

No dia seguinte escrevi para um jornal de provincia as minhas impressões d'aquella noite, e, deixando-me ir ao som da rhetorica, chamei sylphide á dama de Castro-Daire, ovelha do abbade patusco. Mal suppunha eu que pudesse chegar ao seu conhecimento a minha prosa de torna-viagem. Pois chegou! A gloria é pérfida: prepara ás vezes crueis surpre-

zas. Não foi precisamente ao conhecimento da dama que a minha correspondencia chegou, mas veio a dar na mesma. Foi aquelle mal-aventurado jornal de provincia parar ás mãos de um morgadote de Arouca, que chegou á praia, por amor da dama, trez dias depois de mim. E como lêsse a correspondencia, e visse que eu chamava sylphide á sua bella, veio pedir-me contas por a ter offendido, dizia elle, com um nome feio. Esteve o caso muito serio. Foi preciso reunir um congresso de banhistas, no qual tomaram assento trez academicos em férias: o congresso decidiu por maioria que eu não tinha offendido a dama.

Serviu-me esta lição, e desde então tenho-me abstido systematicamente de fazer estilo com as damas que estão a banhos. A pescada, minhas amaveis censoras, é menos perigosa que o estilo; e, indigestão por indigestão, antes de pescada com batatas que de estilo com sylphides.

Cheguei a esta decadencia egoista e prosaica. Mas oxalá não chegue nunca a outra decadencia peior...

Portanto, fica explicada a razão da minha abstinencia de lyrismo balnear, e do tenaz proposito com que, á beira-mar, me obstino em não perpetrar apóstrophes ao oceano, e prosopopêas que figurem nymphas saindo do seio das ondas.

Vejo a Ericeira pelo seu lado positivo e pratico, estudando os costumes dos seus habitantes, do que sempre poderá resultar algum proveito, ainda que pouco, para os ethnógraphos, e tratando, por um natural impulso do instincto de conservação, de saber a

como sai o peixe com que os pescadores chegam á praia.

Sentirei muito, minhas gentis censoras, que vv. ex.as me não leiam, mas eu já não posso transformar-me a ponto de vêr azul o mar quando elle está sombrio, e nereidas onde só realmente ha pescadas.

Entre os banhistas, a conversação que mais me agrada é aquella em que ouço contar anecdotas, embora seja tambem obrigado a contar algumas, porque as anecdotas divertem e não obrigam a raciocinar.

É o meu ideial.

Entre os habitantes da Ericeira divirto-me a ouvil-os contar memorias das suas antigas viagens, historias da sua vida passada, e tambem um ou outro caso alegre que lhes tenha acontecido com os banhistas, que todos os annos invadem a praia.

Por exemplo:

Dizia uma vez certo banhista a um ericeirense:

— Isto aqui, no inverno, deve ser medonho! Não sei como os senhores podem cá viver!

E respondia o ericeirense:

— É que nós, no inverno, não vivemos cá.

— Não! Para onde vão então os senhores?

— Eu lhe digo. Logo que os banhistas se retiram, contamos o dinheiro que elles nos deixáram, e vamos todos gastal-o em Pariz. As portas ficam fechadas, e a villa deserta. Pois então que pensa?... Nós cá tratamo-nos...

O' poesia vaporosa do oceano, ó musa phantasista de ondinas e nereidas, perdoa-me, se pódes, este des-

garrar-me prosaico por anecdotas e pescadas. E vós, minhas amaveis censoras, tapae os ouvidos, que eu continúo.

III

A villa da Ericeira está dividida em dois bairros, o do *norte* e o do *sul*, cada um com sua praia de banhos. As alterosas ribas que dominam a *praia do peixe*, á qual aportam os barcos de pesca, marcam para assim dizer a linha equatorial que separa os dois bairros.

Nas terras em que ha esta divisão de bairros, costumam os respectivos habitantes tratar-se como extranhos e ás vezes até como adversarios. Em Thomar o rio Nabão corta a villa em dois burgos, que rivalisam entre si. Em Alemquer ha um certo espirito de acrimonia entre os habitantes da *villa de baixo* e os da *villa de cima*.

Na Ericeira a rivalidade entre os moradores do *norte* e os do *sul* não se tem accentuado aggressivamente nos adultos, mas os rapazes de um bairro não vão brincar impunemente para o outro.

No *norte* habitam principalmente os maritimos, se bem que alguns, poucos, residam no *sul*. Parece-se n'isto a Ericeira com Setubal, onde a classe piscatoria povôa um bairro, o de Troino. Algumas familias, de classe superior, moram no *norte*; mas os chefes d'estas familias só excepcionalmente vem ao bilhar do Club, que fica no *sul*. Frequentam habitualmente o bilhar do Antonio Elisiario, situado ao *norte*.

Os banhistas habitam indistinctamente os dois bairros, se bem que o maior numero afflua ao *sul*, que possue melhores predios. De mais a mais a *Praça da princeza D. Amelia*, o rocio elegante da villa, e a rua do Correio, o Chiado ericeirense, acham-se no bairro meridional. E a proposito vem dizer que ha n'esta rua um excellente estabelecimento de commercio, o do sr. Antonio Bento, que bem se póde chamar o armazem *Printemps* da Ericeira.

É aqui, na rua do Correio, que palpita a arteria commercial da villa: lojas de fazendas, de loiça, de calçado, de alfaiate, e tambem o *coiffeur du grand monde* ericeirense, mestre José Fino, o mais amavel e obsequiador de todos os *Figaros*. Elle representa no pequeno theatro da villa quando é preciso, elle faz parte da charanga ha annos installada pelo dr. Cardoso, elle attráe á sua loja, onde ha sempre *cavaco*, uma boa roda de freguezes.

Na Praça da Princeza D. Amelia, antigo Jogo da Bola, encontra-se a *Casa Havaneza* que vende, além de tabaco, refrescos e licores. Muito concorrida tambem pelos banhistas conversaveis.

Como se vê é no bairro do *sul* que lateja a vida elegante da Ericeira. Mas, Deus louvado! a elegancia ericeirense não obriga a requintes de *toilette:* vive-se á portugueza antiga, *sans façon*.

Por isso lhes dizia eu, na primeira carta, que a Ericeira era o paraiso terreal á beira-mar plantado.

Tambem não ha jornal... Que paraiso! que paraiso!

Para o effeito de annunciar, o jornal é vantajosamente substituido pelo pregoeiro, que percorre as ruas gritando o seu pregão n'uma prosodia muito parecida com a syntaxe dos annuncios publicados nos jornaes. Para o effeito de noticiar, a lingua substitue a penna... tambem vantajosamente, pelo menos quanto á velocidade da *reportage*. Quasi sempre se sabe de vespera o que ha de acontecer no dia seguinte. Um tudo-nada de maledicencia, á *chegada* e á *partida*, dá á gazeta verbal da Ericeira uma feição de critica moderada, muito apreciavel principalmente para quem está habituado a dar e levar beliscões pela mão de Guttenberg. Quanto a politica... não ha. Ó paraiso trez vezes ditoso! O que tem graça é que em alguns jornaes de Lisboa vieram publicadas correspondencias ácêrca da futura eleição por Mafra e Ericeira. Uma noticiava que se apresentavam por este circulo quatro ou cinco candidatos. Achei pouco, e só vi um, que veio aqui de passagem. Mas o certo é que ninguem falla em eleições, nem em carneiro com batatas. Deliciosissimo!

Os passeios que a Ericeira offerece não são poucos nem despiciendos: para o norte, o de S. Sebastião, dominando o mar; para o sul, as Furnas e a estrada de Cintra, que será o salvaterio da Ericeira pela facilidade de communicação que estabelecerá com Lisboa.[1] O que torna maçadora a viagem de Lisboa á Eri-

---

[1] Já está concluida esta estrada, que foi um beneficio, sem comtudo ser um salvaterio.

ceira é a distancia a que ficam d'esta villa tanto a estação da Malveira como o apeadeiro de Mafra. Ora a estrada de Cintra está principalmente dependente da conclusão da ponte sobre o rio da Senhora do O' do Porto, que é o mesmo que tem de atravessar em Chelleiros quem de Bellas jornadea para Mafra. A inauguração da ponte foi agora annunciada para setembro.

O rio da Senhora do O' do Porto abre a sua foz a pouco mais de trez kilometros da Ericeira. O logar é pittoresco. Na margem esquerda alveja a povoação da Carvoeira. Um anno, por occasião da festa da Senhora do O' na sua egreja parochial, que fica á beira do rio, pegaram-se os rapazes de Fonte Boa com os da Carvoeira, de que os da margem direita não gostam, e um mocetão de Fonte Boa foi assassinado no conflicto.

O sitio da ponte, que é de trez arcos de cantaria, tem belleza que farte para competir com as mais formosas paisagens do paiz. As duas vertentes do valle verdejam pittorescamente. Em baixo o rio estorce-se em torcicollos. E o mar, de que se descobre a amplidão, recebe-o por entre o areial, que branqueja. As vinhas abundam tanto na estrada como nas encostas; são baixas e defendidas por pequenos muros de resguardo que as protegem contra o vento. É que o vento, n'esta região batida pelo mar, não conhece meio termo. Dizem-n'o os numerosos moinhos que sobrancêam a Ericeira. Um d'elles assenta no *Alto da forca*, onde, segundo a tradição local, eram outr'ora justiçados os delinquentes.

*

Para além da foz, sobre o mar, apinhôa-se a freguezia de S. Julião, d'onde, segundo aqui dizem, era natural aquelle *falso D. Sebastião*, que na historia de Portugal é conhecido como sendo propriamente da Ericeira.

Já que fallei das vinhas, fallarei do vinho, que é baratissimo aqui. Magnifico vinho de pasto, a pataco o litro, e quanto se queira.

A praia do *sul*, que é, como já sabem, a mais concorrida, não é, como praia, boa nem má, porque uns dias é má e outros boa. Na do *norte*, que não é melhor, os banhos são comtudo mais fortes, o mar é mais batido.

Na praia do *sul* ha uma pequena casa que serve de barraca aos banhistas pobres. Pobres é um modo de dizer. Eu quizera dizer antes *economicos*. Tomam banho n'uma especie de caneiro formado pelos rochedos da praia, e antemurado por elles.

Em qualquer das duas praias, o mar não é para graças. Ha annos morreu na do *sul* um inglez, que confiou demasiadamente nos seus recursos natatorios. Vivia em Lisboa, onde tinha loja de negocio ao Corpo Santo. Este deploravel acontecimento ficou celebre nos annaes da Ericeira.

Serviço de salvação para naufragos não ha nenhum, nem para os banhistas nem para os pescadores. Falta imperdoavel, que é preciso remediar quanto antes.

Eis aqui uma promessasinha que viria muito de

geito no programma do sr. candidato... ou de todos elles.

São os banheiros, são os maritimos que se atiram ás ondas, quando é preciso salvar alguem. Por isso ha muitos condecorados. O banheiro Piloto, que é um homemzarrão muito sympathico, exhibe ás vezes a medalha com que foi condecorado pelos seus serviços humanitarios.

Ha ainda outro passeio, que é o da estrada que conduz a Mafra, em cuja Tapada costumam os banhistas ir celebrar os seus *pic-nics*.

IV

O *folk-lore* da Ericeira não dá para vasta exploração. É escasso e restricto. Todavia consagrar-lhe-hei esta carta, a qual, por isso mesmo, ficará sendo a unica de algum prestimo, postoque diminuto.

Como todas as povoações maritimas, que vivem em permanente lucta com o oceano, a Ericeira é profundamente religiosa. As mulheres, especialmente, entregam-se á devoção, concorrendo em grande numero á egreja, ás procissões e ás missões dos padres do Varatojo, que quasi todos os annos aqui vem. Anno passado os missionarios vieram no inverno, e á frente d'elles o cardeal patriarcha, que foi recebido com piedoso alvoroço. O nome de frei Antonio das Chagas, o famoso converso que no seculo XVII reformou o Varatojo, encontra no coração das mulheres ericeirenses

um écco de exaltada fé. No mez passado fez-se aqui a procissão do Sacramento, e atraz do pállio seguia uma enorme multidão de mulheres, que enchia de lado a lado as ruas do transito.

As festas populares que teem aqui maior relevo são o S. João e o S. Pedro.

Na noite de 23 de junho de 1887 estive na Ericeira pela primeira vez. Crepitavam as fogueiras em quasi todas as ruas, mas faltavam os cantos que tanto animam aquella noite nas provincias do norte. Suppuz então que a alma popular na Ericeira seria indifferente ás musas; enganei-me, porém, como logo direi.

Por occasião do S. Pedro os pescadores pintam e embandeiram os seus barcos para celebrar festivamente o dia d'esse grande luminar da sua classe. Como o leitor sabe, esta tradição piscatoria não é exclusiva da Ericeira; pelo contrario, encontra-se generalisada no paiz.

No dia de Finados costumam as creanças ericeirenses fazer o peditorio do *Pão por Deus*, que tambem é commum a varias terras do paiz. O enxame infantil percorre as casas da povoação fazendo larga colheita de dinheiro e guloseimas.

Disse eu que me tinha enganado suppondo que o povo da Ericeira não cantava. Já recolhi, n'uma primeira exploração, cincoenta e nove quadras populares; umas que se cantam nos bailaricos saloios dos arredores, outras que se cantam propriamente na villa.

Algumas d'essas trovas são conhecidas, andam ha

muito na circulação nacional. Outras são toponymicas, privativas da Ericeira.

Como em toda a parte, o amor é de todos os sentimentos o que na Ericeira mais inspira a musa do povo.

Vamos dar alguns *specimens*, por nós recolhidos:

Fui á aula de dezenho
Perguntar ao professor
Com que tinta se pintava
Esse rosto encantador.

Se eu porventura alcançasse
D'esses teus olhos as luzes,
Mais de quatro ficariam
Na bôca fazendo cruzes.

És o meu bem que eu adoro,
És a minha adoração.
Tu és o meu oratorio,
Aonde eu faço oração.

Trocaste-me a mim por outra,
Paciencia, não me importa.
Ainda espero perguntar-te
Quanto ganhaste na troca.

Toma lá meu coração,
Aperta, dá um nósinho.
Coração, que é de nós ambos,
Quer-se bem apertadinho.

Em qualquer pinguinha d'agua
Nada a cobra, brinca o peixe.
Emquanto o mundo fôr mundo
Não te temas que eu te deixe.

Se amor dura além da morte,
Eterno amor te hei de eu ter.
Se amor dura emquanto é vida,
Amo-te emquanto viver.

Toma lá a minha mão,
Aponta palma com palma.
Entra dentro do meu peito,
Toma posse d'esta alma.

Em muitas das trovas populares da Ericeira espelha-se a profissão habitual dos ericeirenses: a vida do mar. Respira-se n'essas trovas o perfume agridoce da saudade pelos embarcadiços que se ausentam, pelos namorados que vão, em terras longinquas, procurar fortuna. Umas vezes é o amor que chora; outras vezes é o despeito, o resentimento, o ciume que explue na estrophe.

Já lá vae pelo mar fóra
Quem no meu leito dormia.
Deus o leve, Deus o traga
Para a minha companhia.

Já me vou, já me aparto,
Já largo as velas ao vento,
E não tenho quem me diga:
— Deus te leve a salvamento!

Tenho um navio no mar
Com vinte e cinco varandas.
Hei de subir á mais alta
Para vêr onde tu andas.

Eu hei de subir ao alto,
Que eu do alto vejo bem.
Todos vejo vir á vela,
Só o meu amor não vem!

Vae, amor, por esse mundo
Procurar maior riqueza.
Se a não achares, volta atraz,
Torna-te á minha pobreza.

Á America, tanto do norte como do sul, afflue grande numero de rapazes da Ericeira. Ainda ha pouco tempo se encontraram uma tarde vinte ericeirenses no botequim da Praça da Harmonia, no Rio de Janeiro. As recordações da America abundam nas trovas d'este povo de homens do mar.

Se fores a Pernambuco,
Leva as contas de rezar.
Pernambuco é purgatorio
Onde as almas vão penar.

Purgatorio de saudades para aquelles que deixaram a patria, e na patria o coração...

Já fui a Montevideo,
Já passei por Maldonado.
Ó minha santa Catharina,
Rio Grande está tomado.

Ás vezes, raras vezes, o coração prende-se longe da patria, e a saudade punge mais o coração do maritimo no regresso á terra natal, do que no momento

de levantar ferro para ausentar-se da sua pittoresca Ericeira.

Adeus, ó ilha das Cobras,
Cercada d'agua salgada:
No meio tem agua doce,
Onde o meu amor se lava.

Das cantigas propriamente locaes vou tambem dar alguns *specimens*. Sente-se ahi pulsar esse ardente enthusiasmo que cada um nutre pela sua terra natal. Conta-se a anecdota de um serrano da Gralheira, que viu Lisboa, e, ralado de saudades pela sua montanha natal, exclamára: «Lisboa é coisa boa; mas a Gralheira!... a Gralheira!...» N'esta anecdota consubstancia-se toda a sublime verdade do amor patrio.

S. Pedro da Ericeira
É a minha freguezia.
Não troco o meu S. Pedro
Por S. Lucas da Freiria.

Adeus, villa da Ericeira,
Mal de ti nunca direi.
O mundo dá muita volta,
Não sei se p'ra lá irei.

Adeus, villa da Ericeira,
As costas te vou voltando:
Minha bôca se vai rindo,
Meu coração vai chorando.

Adeus, villa da Ericeira,
Tens um pinheiro a cada canto;
Tens um arbusto no meio,
P'ra ninguem te dar quebranto.

Adeus, ó praia de banhos,
Que do *sul* tens appellido.
Adeus, ó sitio das *Furnas*,
Que no verão és concorrido.

Adeus, praia da Baleia,
Adeus, rua do Caldeira.
Adeus, largo de S. Sebastião,
Adeus, villa da Ericeira.

Das villas que tenho visto,
Da Ericeira mais gostei.
P'ra cá com mil regosijos,
P'ra lá triste retirei.

S. João de Riba-mar
Tem uma rosa no punho.
Quer que se lhe faça a festa
A vinte e quatro de junho.

S. João de Riba-mar
Tem as pontas d'azeviche.
Tambem podia-as ter de oiro,
Viradinhas p'ra Peniche.

Se fores a S. João,
Traze-me um S. Joãosinho;
Se não puderes com um grande,
Traze-me um mais pequenino.

S. João de Riba-mar fica ao norte da Eiriceira, a uns dez kilometros de distancia.

Nos bailaricos dos arredores são frequentes os *descantes*, isto é, os desafios entre dois cantores de diffe-

rente sexo. Supponha o leitor que está ouvindo um rapaz e uma rapariga do Sobreiro ou de Fonte Boa cantarem ao desafio:

Ella

Muita chamma e pouco lume
Faz a lenha da figueira:
Se vens cá por chibantão,
Pódes arrear bandeira.

Elle

Eu hei de arrear bandeira?
Só se o mastro me faltar.
E se tens a vela rôta,
Trata de a ir arranjar.

Ella

Annel de moeda d'oiro
Ninguem o tem como o meu.
Hei de rir, hei de zombar,
Palha dar a quem m'o deu.

Elle

Annel de moeda d'oiro
Meu dinheiro me custou.
Os beijinhos e abraços
Tudo o teu corpo pagou.

Ó innocencia primitiva dos costumes campestres!... onde é que tu estás? Nas trovas dos serões saloios, não, porque ahi a pornographia decota-se até... á

nudez. E se ha véo metaphorico é de tarlatana muito transparente. Os poetas gongoricos do seculo XVII tinham ao menos a virtude de recorrer á decencia... tropologica; mas os saloios do seculo XIX dizem as coisas *p-á-pá* Santa Justa. Ahi vai um exemplozinho... decente:

A pulga é um bicho negro
E tem dentes de marfim.
Fica á noite com as moças.
Quem me déra ser assim!

Esta transmigração desejada pelos saloios não é tão brutal que Petrarcha ou Lamartine deixassem de ambicional-a; mas tambem não é tão innocente como uma canja.

Aqui para nós, que ninguem nos ouve: a innocencia só existiu... no *Genesis*. Fóra da Biblia é uma patranha, e dentro tambem.

V

Ainda temos que fallar de alguns edificios, posto que os não recommende nenhuma grandeza architectonica. Mais propriamente deveria dizer-se que ainda tinhamos que fallar d'algumas ruinas. Na Ericeira acode logo á lembrança perguntar pelo solar dos condes d'este titulo, entre os quaes avulta o terceiro, D. Luiz de Menezes, auctor do *Portugal restaurado*. Ha uma vasta praça que se nobilita com o nome do *Conde da Ericeira*, e á qual os ericeirenses dão geral-

mente a denominação bem menos caracteristica de — *Avenida*. N'essa praça, dentro de um muro fechado, conservam-se ainda de pé as ruinas do paço dos condes da Ericeira, as paredes de uma casa, nem grandiosa nem grande, com duas janellas por fachada. O *Occidente*, no seu numero de 15 de outubro de 1878, reproduziu em gravura as ruinas d'este palacio, mas, no decurso de onze annos, o aspecto das ruinas modificou-se pela maior devastação do tempo. Desappareceu toda a cal das paredes e, pelas janellas despidas de caixilhos, vê-se o ceu azul — este bello ceu azul da beira-mar.

Eu supponho, com o auctor do *Portugal antigo e moderno*, que o paço do conde da Ericeira não chegou nunca a concluir-se. Mas se chegou, o que resta de pé é apenas um dos corpos do edificio. Fidalgo tão qualificado como foi D. Luiz de Menezes, general, deputado da junta dos trez estados e védor da fazenda, não podia accommodar, n'aquelle pequeno edificio que lhe sobreviveu, a sua familia e criadagem.

Segundo a minha hypothese, de que o solar ficou incompleto, toda a lenda cai por terra. Já ouvi dizer na Ericeira a pessoa illustrada que D. Luiz de Menezes escrevêra ali o seu *Portugal restaurado*. Ora eu não quero crêr que o terceiro conde da Ericeira, tendo em Lisboa o excellente palacio da Annunciada, onde poderia trabalhar com commodidade, e perto dos archivos que naturalmente precisaria consultar, viesse escrever a sua obra de maior folego n'este solar de provincia que nunca se acabou.

A lenda não deixa de ser nobilitadora para a Ericeira, tanto mais que padecendo D. Luiz de Menezes grandes ataques de melancolia, poderia a gente imaginal-o a vaguear, nos sombrios lazeres do seu trabalho litterario, á beira do oceano; parando a espaços no alto das ribas ou nos penhascos negros das *Furnas*, com o olhar triste absorvido na contemplação saudosa do mar...

Mas — e as minhas leitoras da Ericeira bem o sabem — eu não estou em monção propicia para nortear o meu batel através das vagas caprichosas da phantasia. Vou escrevendo terra a terra, muito costeiro com a realidade. Sinto-me até desastrado: quando não falo da sardinha e da pescada, ataco as lendas romanticas implacavelmente.

A Praça do Conde da Ericeira representa um melhoramento louvavel, mas o sitio, fechado por muros e casas, carece da largueza de horisonte que é um dos maiores encantos da beira-mar, e, praça por praça, a do *Jogo da bola*, comquanto seja mais pequena, tem a seu favor a confluencia das principaes ruas da villa, e a sua tradição elegante de rocio nobre.

Ha na Ericeira, junto ao hospital da Misericordia, um pequeno largo denominado do *Pelourinho;* mas o monumento que lhe deu nome, desappareceu. E querem saber como desappareceu? Oh! Santo Deus! desappareceu porque o enterráram no mesmo largo. Deitaram-n'o á valla, cobriram-n'o de terra, abaúlaram-lhe a sepultura, e deixaram-n'o sotterrado e es-

quecido. Lisboa não só conservou, mas ainda ha pouco tempo restaurou, o seu *Pelourinho*. Cintra, a villa elegante, não se envergonha de exhibir na sua melhor praça um monumento d'essa especie. Mas a Ericeira mandou apeial-o e enterral-o. Oh! senhores, pelo amor de Deus, façam resurgir o Lazaro, tornem a pôl-o de pé, tanto mais que os senhores vão vendo desapparecer dia a dia os escassos vestigios que da antiguidade lhes restavam.

E a proposito direi que tambem o fallecido conde d'Anadia, Manoel Paes do Amaral, aqui possuiu casa de habitação na rua de S. Pedro, a qual, segundo vejo de uma carta civel de arrematação, tinha annexa uma adega e quintal. Este predio foi arrematado pelo sr. dr. Agostinho José de Figueiredo Cardoso, que o transformou e n'elle reside.

A casa do marquez de Ponte do Lima tambem aqui tinha propriedades: são os terrenos que, na estrada de Cintra, se encontram, do lado do mar, logo á saída da Ericeira.

Em toda a villa ha ainda um palacio arruinado e brazonado, o da familia Monteiro Gorjão, que seguiu a politica de D. Miguel.

E, exceptuando o forte, que está na extrema decadencia, poucas mais pedras, ou nenhumas, fallam do passado.

É tudo novo, e banal.

Faz pena! Pois o pobre pelourinho enterrado!...

Eu não trouxe comigo o excellente livro do sr. Miguel Martins Dantas, *Les faux Don Sebastien*,

nem me lembra com segurança até que ponto chegaram as investigações do illustre diplomata, relativamente ao D. *Sebastião da Ericeira*. A tradição local diz que elle era natural de S. Julião, povoação que se avista ao longe, e que foi justiçado no *Alto da forca*, proximo á Ericeira. Lembrou-me que no archivo da Misericordia encontraria algum documento que, pela piedosa intervenção da irmandade na execução dos condemnados, pudesse fazer alguma luz no assumpto. Sendo aquella instituição de beneficencia fundada pela rainha D. Leonor, viuva de D. João II, presumi que já em tempo de D. Sebastião ou do cardeal D. Henrique houvesse sido introduzida na Ericeira.

Enganei-me redondamente. Acontece isto tantas vezes a quem procura!

A Misericordia da Ericeira foi instituida um seculo depois.

Eis o que eu apurei na minha busca ao archivo:

«Aos 29 de dezembro de 1678 ao som de campa tangida se fez uma reunião nos paços do concelho da Ericeira declarando Francisco Lopes Franco, cavalleiro do habito de Christo, e morador em Lisboa, no bairro de S. Thiago, que pela *boa vontade* que sempre tivera a esta villa e seus moradores e por serviço de Nosso Senhor queria fundar casa da Misericordia na ermida do Espirito Santo, a qual tinha resolvido dotar com mil cruzados de renda em propriedades equivalentes, de que daria escripturas ou padrões que bem o valessem.

«Pelos mestres dos barcos foi dito que se obrigavam

a levar em cada barco uma rede para o que ganhassem com a dita rede ser para a Misericordia, devendo elles dar conta todos os mezes ao escrivão e thesoureiro em presença do provedor e mais irmãos. Isto começaria a vigorar desde o dia de S. João de 1679.

Os homens de mar e de terra declararam que fundaria cada qual uma esmola, segundo suas posses.»

Por alvará regio de 7 de julho de 1697 foi approvada a fundação da Misericordia da Ericeira.

E, tirante isto, só encontrei uma noticia, aproveitavel, da antiga procissão dos *fogaréos*, commum a varias povoações do paiz, mas que ha sete para oito annos deixou de fazer-se, por haver sido prohibida pelo cardeal patriarcha.

Diz a noticia, que d'um manuscripto do archivo copiei fielmente:

«Quinta-feira de Endoenças se costuma juntar a irmandade para visitar em procissão o Santissimo Sacramento exposto, e as mais egrejas da villa, e com esta demonstração exterior espertar o povo christão ao devido sentimento da Paixão de Christo Redemptor nosso, que a egreja celebra n'este santo tempo, e juntamente mover a penitencia dos fieis christãos que confessarem seus peccados e por sua satisfação se quizerem mortificar, e assim o Provedor e irmãos da mesa tomarão tempo conveniente para apparelharem as cousas necessarias.

«Sahirá a procissão da Misericordia pelas seis horas da tarde em ordem conveniente; irá a bandeira

adiante, que levará um irmão nobre, e de auctoridade, e seguir-se-hão as seis insignias da Paixão de Christo com intervallo competente, as quaes levarão trez irmãos nobres, e trez officiaes, e na mesma fórma as tocheiras, e as lanternas, que hão de ir aos lados, e outros dois com varas pretas para governarem a procissão. Seguir-se-ha a irmandade, e entre as tochas costumadas irá o crucifixo, que levará o escrivão da casa. Irão os capellães rezando a ladainha, e no fim a insignia do Senhor morto.

«Os irmãos irão vestidos com as vesteas da irmandade, e levarão vellas os que se não destinarem para outra cousa, e sendo necessario. Irão fóra da procissão dois *fogaréos* para darem luz, e não levarão os irmãos pagem ou criado de maneira que fiquem dentro da procissão pela indecencia que n'isto ha.

«A mesa e Provedor elegerão os irmãos, que houverem de levar bandeira, insignias, varas, tocheiras, e mais cousas, avisando-os antes, para que tendo impedimento se nomeiem outros, e não haja falta, o que se poderá fazer, chamando-os a mesa dia de Ramos á tarde.

«A procissão em sahindo da egreja da Misericordia irá á principal da freguezia, d'ahi á ermida de Santa Martha, e recolher-se-ha pela Boa Viagem á Misericordia de onde sahiu.»

Isto que ahi fica poderá de futuro aproveitar ao auctor ou refundidor de algum diccionario chorographico.

Ha aqui duas celebridades populares, cujo perfil

desejo esboçar: dois typos excentricos, talvez dois desgraçados, porque eu pendo hoje a crêr que a excentricidade de alguns individuos não é senão uma desorientação da desgraça.

Ali, no pequeno porto da praia, como já descrevi, elevam-se alterosas as ribas, parecendo cortadas á faca, talhadas na rocha, certamente em virtude de algum cataclismo geologico.

A povoação, construida sobre as ribas, domina o porto e o mar. Para descer ao porto, isto é, á *praia do peixe*, como aqui se diz, toma-se pela ingreme ladeira, que resvala desde o antigo forte, desmantelado e abandonado.

Pois bem. Desçamos a calçada e lá em baixo, ao sopé das ribas, cava-se na rocha uma pequena gruta, que o mar, na maré cheia, invade ás vezes.

Essa estreita gruta é habitada: não por uma fada azul, não por uma nereida, mas por um homem.

Typo originalissimo, em verdade. Chama-se José da Silva, mas é geralmente conhecido pela alcunha de *João Brandão*. Quer esta alcunha dizer que elle seja um criminoso? Não. Desde que aqui está, pelo menos, não fez mal a ninguem. Não se sabe d'onde veio, é certo, nem d'onde é natural. Mas a ninguem inspira desconfiança; pelo contrario, toda a gente tem pena d'elle.

É um velho alto, ossudo, esqueletico, muito inclinado para deante, a ponto de parecer que vae cair a cada passo que dá. Não obstante, anda com ligeireza.

Veste-se de andrajos; o seu fato são umas calças e uma jaqueta feitas de retalhos e remendos.

Carrega sal, quando ha barcos á descarga. Outras vezes serve de pregoeiro, anda annunciando pelas ruas da villa que em tal parte se vende vinho barato ou peixe salgado. Se não tem absolutamente nada em que ganhar a vida, pega n'um bordão, vae pedir pelas aldeias proximas.

Com o bordão defende-se dos cães que lhe ladram quando o vêem aproximar-se dos casaes. O cão é um animal bem pouco democratico: arremette contra os pobres, os mal vestidos. Aos ricos, aos bem trajados, apenas parece ladrar por dever de officio.

João Brandão habita na gruta da praia; só de lá foge quando o mar o enxota, pondo em risco a sua vida.

De resto, noites de inverno ou de estio, de temporal ou de luar, ali as passa solitario, dormindo ou velando — quem sabe! — muitos metros abaixo do nivel da povoação.

O seu unico visinho é o mar. Não ouve outra voz senão a do oceano. Não recebe outra visita senão a das ondas.

Em compensação, não paga renda de casa nem décima; não atura o senhorio, não se dá mal com os visinhos, porque os não tem.

Já conheci outro homem nas mesmas condições de domicilio. Era o *José Maria,* um paranoico religioso que habitava a gruta de Santa Margarida na serra da Arrabida.

Ali viveu muitos annos, resando ininterruptamente durante o dia, sempre com os braços abertos deante do altar da Santa.

Ás noites dormia sobre palha, e as ondas, umas vezes por outras, faziam-no recolher-se para o fundo da gruta, o que realisava facilmente, pegando no seu feixe de palha, deitando-se de novo, e adormecendo a resar...

Morreu ha annos, se das pessoas que vivem assim se pode dizer que morreram quando deixaram de viver...

João Brandão é pois um dos typos mais excentricos e, por isso mesmo, mais notaveis da Ericeira.

Póde ser que haja escondido na alma d'este homem algum drama de lagrimas. E' mesmo provavel que seja assim. Mas elle guarda sobre a sua propria existencia o mais absoluto silencio. Se alguma revelação faz, não é aos homens, que poderiam denuncial-a; é ao mar, que religiosamente a guarda.

Outro typo muito original é o Achilles, do *bairro do norte*.

Comquanto viva no povoado, não convive com os homens. E', a bem dizer, um anachoreta, que não tem por companheira uma pomba, como os antigos anachoretas, mas sim uma rola, que conversa com elle dizendo-lhe coisas que ninguem mais percebe.

Vae a gente bater á porta do Achilles a pretexto de fazer-lhe alguma pergunta.

Falla-lhe da sua rolinha portentosa, e manifesta o

desejo de querer saber, por seu proprio testemunho, se é verdade o que se diz: que a rolinha e elle se entendem muito bem.

— E' verdade, sim, senhor; a rolinha falla, e eu entendo-a, mas isso é cá entre nós dois.

— E é aquella a rolinha?

— Aquella mesma.

— Se ella fallasse agora para eu a ouvir...

— Ella tem vergonha de fallar deante de pessoas extranhas.

O Achilles acaricia a rolinha, passa-lhe meigamente a mão pelas pennas.

A rolinha começa a rolar.

E o Achilles, voltando-se para a gente, observa:

—Cá está ella fallando. Diz que tem vergonha de v. s.ª

E beija ternamente a sua rolinha querida, como se fosse uma creança a quem elle quizesse muito...

Idiota ou desgraçado? Não sei. Ambas as coisas talvez.

VI

Fallemos agora do theatro, por cujo palco acabam de passar o Valle e o Silva Pereira, n'uma recita realisada ante-hontem

O theatro da Ericeira não póde competir certamente com o de S. Carlos, nem mesmo ainda com... o

do Rato. Não passa de ser... a suspeita de um theatrinho. Faz lembrar o estojo de um dedal. Os executantes e os espectadores mettem-se ali dentro resolvidos a dobrar acrobaticamente a cabeça com os pés e, quando o espectaculo acaba, toda a gente, espectadores e executantes, sente a desoppressão agradavel de um gymnasta, que tendo feito uma evolução violenta, volta á sua posição natural.

Como não ha sobrado, todos os artistas que passarem pelo palco do theatro ericeirense são... impateaveis. Taborda canta n'uma das suas scenas-comicas, não sei qual, este *couplet*, que, na Ericeira, não teria razão de ser:

Olá, senhores, olá,
Não façam combinação
De metter as mãos nos bolsos
E bater co'os pés no chão.

Nada mais inutil, para o effeito de dar pateada, do que bater com os pés no chão, no theatro da Ericeira.

As cadeiras são de pinho... em osso e, portanto, incommodam ou deixam de incommodar segundo os achaques de que os espectadores padeçam. Pessoas ha que preferem o pinho ao estofo. A razão da preferencia é facil de explicar... pathologicamente. Mas não são poucas tambem as pessoas que saiem do theatro queixando-se amargamente... *das cadeiras*, com *calembour* e tudo.

No theatro da Ericeira ha uma orchestra de con-

trato, como em S. Carlos: é o mar. E' o mar que se faz ouvir a despeito de tudo e de todos. Por mais que os instrumentos desafinem, por mais que os artistas berrem e os espectadores conversem, o ruido do mar sobreleva todas as fifias e todas as vozes.

Mas a gente, ao cabo de meia hora, habitua-se a ouvir aquillo, como se poderia habituar ao rúmor de um busio.

Em Lisboa ninguem teria a coragem de permanecer durante dez minutos dentro d'esta boceta incommoda, cheia de terra e de... mar.

Mas na Ericeira ainda ante-hontem aconteceu achar-se o theatro repleto de espectadores, especialmente damas. Mais de cem pessoas ali estiveram respirando em plena zona torrida, comprimidas entre o tropico porta e o tropico palco.

Vai para quinze dias que o actor Valle chegou á Ericeira; e dias depois veio o Silva Pereira. O leitor desculpará a rima, mas a culpa não é precisamente minha. Que culpa tenho eu de que um actor, que se chama Silva Pereira, viesse rimar com uma villa, que se chama Ericeira?!

Logo que elles chegaram, pensou-se em organisar um espectaculo, mas o mais difficil não foi organisar o espectaculo, foi organisar... a platéa. Havia espectadores, e não havia logares. Quatro dias se passaram na discussão d'este grave problema: metter o maior numero de pessoas no menor numero de logares. Fizeram-se calculos, gastou-se papel e lapis, sommou-se, multiplicou-se, diminuiu-se, dividiu-se, e, no fim de

contas, chegou-se a esta luminosa conclusão: que era preciso um logar para cada pessoa. Pois assim mesmo é que foi: todas as pessoas tiveram o seu logar, não havendo aliás logar para nenhuma! A boa vontade é muito mais elastica do que a mathematica.

Valle fez duas scenas-comicas. Silva Pereira recitou a *Minha familia*. E ambos elles desempenharam a comedia *Os dois candidatos*. Mas, como sempre acontece na provincia, tanto nas scenas-comicas como na comedia foram incluidas varias *piadas* de occasião. Assim, por exemplo, Silva Pereira, quando o chamaram depois de ter recitado a *Minha familia*, addicionou-lhe um estrambote de innocentes allusões locaes e pessoaes:

Quem no banho pinchos dá,
É papá.
Quem o chama de manhã,
É mamã.
Quem ao *Piloto* dá a mão,
Meu irmão.
Quem nada sem barbatana,
É a mana.

Piloto, já sabem, é um dos banheiros mais caracteristicos da praia.

Outras allusões eram pessoaes, mas de nenhuma d'ellas resultou duello. Isto não é terra para sangue. Eu tambem fui contemplado:

E quem gasta mais papel,
Pimentel.

Ao meu lado estava o sr. Joaquim Fiuza, que tambem apanhou:

Quem de equitação mais usa,
O Fiuza.

E, assim como estas, outras allusões palpitantes d'opportunidade.

Algumas pessoas da colonia balnear coadjuvaram os dois artistas. Era a maior novidade do espectaculo. Cantou deliciosamente uma das mais distinctas *amadoras* de Lisboa, e um dos medicos mais considerados da capital provou exuberantemente que a *virtuosidade* não faz damno aos doutores. Outro medico, distincto clinico na Ericeira, e muito conhecido no mundo litterario, recitou duas das suas mais delicadas poesias. Um *sportman* geralmente estimado fez a rabulasinha do estalajadeiro nos *Dois candidatos*. E uma pequena pessoa, que tem o meu nome, molhou a sua sopa nas allusões locaes, recitando estas quintilhas bastante hydroterapicas:

Disse-me alli o *Alturas*...
Ora adeus! eu já sabia!
Isto de banhos do mar
É tudo uma hypocrisia...
Eu não me deixo enganar.

As meninas... têm nervoso.
É o costume... é sabido!
Banhos! mais banhos do mar!
Mas fica alguem convencido?
Isso sim! Veem p'ra valsar.

Os velhotes co'o voltarete
Misturam, e têm razão,
Quanto os possa remoçar.
Lá vai o seu camarão. . .
Chegaram ; querem voltar.

Os rapazes dão á perna,
Fazem o seu pé d'alferes.
Elle é bem mau namorar !
E se hão de fazer colhéres,
Tomam seu banho de mar.

As viuvas, na seccura
Em que as deixou o marido,
Não podendo já chorar,
Vestem de banho o vestido
E lá se vão refrescar.

Os sujos querem lavar-se,
Os limpos maior aceio.
Outros gostam de nadar.
Conveniencia ou recreio,
Lá vai tudo para o mar.

Mas dizia-me o *Alturas*
Muito particularmente,
Que só se lembra de dar
Banho a um unico doente
Desde que elle entra no mar.

O *Alturas* é, como já o leitor terá comprehendido, outro dos banheiros da praia.

Acabo de dar succinta noticia da recita de antehontem.

Alguns outros divertimentos estavam projectados, mas circumstancias extranhas aos desejos da colonia balnear impediram a sua realisação. Um d'esses divertimentos era a regata, que estava annunciada para domingo passado. Mas a nevoa espessa que, ao meio dia, começou a cair, tornou impossivel o realisal-a. E assim tiveram os banhistas que contentar-se com musica, fogueiras e foguetes. Projectos não faltam. Ha até quem se lembre de celebrar pomposamente o centenario de Silva Pereira.

VII

Ai! adeus! acabaram-se os dias,
Que ditoso vivi...

Que ditosos vivemos ao lado uns dos outros n'esta patriarchal Ericeira, fallando muito, pensando pouco, e trabalhando ainda menos.

Esta carta é uma verdadeira acta de encerramento das côrtes balneares da Ericeira.

O presidente Oceano vai cobrir a cabeça gigantesca com o seu amplo chapeu feito de espumas e algas, e prepara-se, ha dias, para levantar a voz roufenha n'esta troante phrase final:

—Meus senhores, está encerrada a sessão.

Ah! quantos corações não se sentem atormentados a esta hora pelo doêr suave da saudade! Que de recordações agridoces! Que de memorias pungentes das

valsas delirantes do Club! Cada dia, a cada hora, parte do *Jogo da Bola* um *char-à-bancs* carregado de malas e pessoas, de bagagens e familias. Rostinhos chorosos, como rosas de abril emperladas de lagrimas matutinas, espreitam por entre as cortinas de oleado, enviando o extremo olhar da despedida aos ultimos abencerragens da praia, que, apesar do frio e do vento, teimam em ficar.

Ha quarenta e oito horas que todos os chefes de familia andam na Ericeira á procura dos Gatos — esta grande dynastia dos Gatos que possue o maior numero de trens d'aluguer para o serviço da villa.

Uma pergunta terrivel sôa a todos os ouvidos:

— Onde está o Gato?

O Gato está em casa do sr. Fulano a receber ordens; em casa do sr. Beltrano a carregar bagagens. Não chegam para as encommendas, os Gatos!

Nas lojas de commercio, especialmente na do Antonio Bento que, como já tive occasião de dizer, é o *magasin Printemps* da Ericeira, vai uma faina de todos os diabos.

Todas as senhoras querem comprar um lenço ou um chaile para dar á mulher ou á filha do seu banheiro. Os homens liquidam as suas contas, pagam as suas dividas: e adeus, até ao anno.

Através das vidraças da loja as meninas, emquanto as mamãs compram o lenço ou o chaile, espreitam para os seus valsistas do Club — como quem se está despedindo por um óculo.

Dão-se então episodios magnificos.

Diz a mamã ingenuamente para o caixeiro da loja :

— Não sei se a mulher do *Piloto* (supponhamos que o banheiro é o *Piloto*) gostará d'esta côr.

E a filha, voltada para a porta da loja, responde:

— Decerto não.

A mãe, hesitante na escolha do lenço, replica:

— Achas que não, Lili? Deixe-me então vêr outros.

Mas a verdade é que a menina estava respondendo a uma pergunta do seu parceiro de valsa, que lhe perguntára da rua :

—Ainda vai hoje ao Club ?

—Decerto não, respondia ella.

Decerto não! Que tristeza n'estas poucas palavras ! Que dolorosa duvida a de ir ou não ir aquella noite ao Club dar a ultima volta de valsa, fazer a ultima *promenade* em roda do salão ! *To be or not to be* : estafemos a phrase mais uma vez, promettendo-lhe um anno de férias, a titulo de recompensa.

Como acontece sempre nas praias, foi nos ultimos dias que a Ericeira esteve mais animada. Era o canto do cysne, o crepitar da chamma prestes a apagar-se.

As quadrilhas no Club duravam uma hora —pelo menos.

A pianista (pois que este anno tivemos uma pianista) chegava a cair extenuada, mas acudiam-lhe logo dois, trez, quatro auxiliares, e a quadrilha, que tinha começado a duas mãos, acabava a quatro, a seis, a oito mãos — ou ainda mais.

Nunca vi tantas mãos disponiveis para tocar um só piano !

Havia sempre um cavalheiro que se encarregava de marcar as danças, fosse em francez ou portuguez. E assim algumas vezes a palavra *promenade* foi substituida pelo vocabulo *passeiata*, e a palavra *révérence* pelo vocabulo *contumelia*. A alegria fazia prodigios de invenção e de choreographia. Justino Soares, se aqui viesse, não conheceria a terminologia revolucionaria da Ericeira. Mas o patriotismo triumphava em toda a linha — com *calembour* e tudo.

Não veio cá o Justino Soares, é certo, mas tem aqui estado o não menos famoso Pedro d'Alcantara, que voltou doente de Pariz, e procura restabelecer-se com o ar do mar.

Andavam a invejar-lhe a felicidade os que contavam que elle, tendo ido a Roma com desezeis libras, regressára a Portugal com dezesete.

Pois d'esta viagem a Pariz voltou o pobre Pedro d'Alcantara doente, e decerto ninguem agora lhe invejará a doença.

Outro dia perguntaram-lhe:

—O' Pedro, como entendias tu os francezes?

E elle, muito bem sentado n'um banco do *Jogo da Bola*, respondeu:

—Eu ás vezes é que não queria entendel-os.

Como estejam aqui alguns distinctos amadores de photographia, Pedro d'Alcantara tem sido retratado de varios modos.

Ha um retrato em que elle figura com o seu fato de viagem, rodeiado de malas.

Parece Stanley ao partir para uma das suas expedições africanas.

A photographia, repito, teve este anno grande voga na Ericeira; e os albuns tambem.

No Club fervilhavam retratos e albuns. Mas, quanto aos albuns, não chegavam a ser maçadores: estavam em branco. Tambem é a unica maneira de se tolerar um album.

Foi n'uma praia, supponho que em Cascaes, que Mendes Leal, segundo elle me contou uma vez, vendo-se muito impertinentado com albuns, resolveu despachal-os todos n'um dia, variando mais ou menos esta quadra:

Que escreverei n'este album,
Que não seja trivial?
Escrevo: José da Silva
E depois: Mendes Leal.

Thomaz Ribeiro, quando era ministro do reino, escreveu em certo dia de abril no album d'uns noivos:

Eu não conheço nada mais sinistro
Que um vate que é ministro.

E não conheço nada mais gentil
Que uns noivos em abril.

Consta-me tambem que um dos rapazes aqui a banhos escreveu no album de uma menina solteira esta quadra popular:

Pirolito que bate que bate,
Pirolito que já bateu.
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta d'ella... sou eu.

Tem graça, e não offende.

Quanto á necessidade de ter pensamentos sublimes, isto estava peior que na torre Eiffel.

Mas tudo acabou ou tudo está para acabar, o bom e o mau, as festas e os albuns, por este anno, na Ericeira.

Não sei se em Lisboa ainda teem calor. Aqui, o frio vai-nos mandando embora.

Portanto, encerro com esta carta a minha correspondencia da Ericeira e, puxando do meu lenço branco, agito-o em face do mar dizendo adeus ás pescadas e ás nereidas... como compensação de me não terem pedido um chaile do Antonio Bento.

Agosto a Outubro de 1889.

VII

AVEIRO

Estive ha dois dias em Aveiro e devo dizer, francamente, que voltei de lá com boas impressões e... com sapatos.

Desde a ultima vez que ali estivera, tinham passado uns bons vinte annos. Não me atrevi, por isso, a perguntar por algumas das lindas pessoas, senhoras ou tricanas, que então me haviam ferido mais a imaginação e os olhos. Devem ir envelhecendo como eu, e de uma gentil dama aveirense ouvi dizer, sem o perguntar, que já tomava rapé. Eu ainda não cheguei a isso, ao rapé, mas Deus sabe quanto me vão attraindo os cómmodos privilégios e egoistas lazeres da velhice, que vem rapidamente avançando.

Apesar de todas as recordações saudosas, que eu esperava encontrar em Aveiro, e que não falháram, trouxe de lá, mais uma vez o confessarei, agradaveis impressões, principalmente devidas a melhoramentos, que eu desconhecia.

Uma das novidades mais salientes foi a estatua de José Estevam, erecta em frente dos Paços do Concelho.

Esculpturou-a Soares dos Reis, o mallogrado artista, e isso deveria bastar como recommendação.

O grande merito d'esta estatua não está apenas na semelhança physionomica, que os contemporaneos do grande orador affirmam, aliás, ser perfeita e completa; mas tambem, e principalmente, na expressão caracteristica da *pose*, na attitude viva, que, logo á primeira vista, revela um orador politico, inspirado e ardente, surprehendido, *d'après nature*, em flagrante delicto de eloquencia.

Quem visitar Aveiro sem ter a menor noção da existencia do famoso tribuno e da sua gloriosa passagem pelo parlamento portuguez, ficará comprehendendo, ao olhar para a estatua, que o homem que ella reproduz não foi um jurisconsulto, nem um philosopho, nem um actor, nem um litterato eminente, mas um orador politico, de palavra pittoresca e arrebatada, vibrante de enthusiasmo e calor peninsular nas mais accêsas refrégas de S. Bento. É pois a isto, a esta alta qualidade artistica, que eu chamei a expressão caracteristica a *pose*, a attitude viva, na falta de melhor locução.

Sabe-se, olhando para a estatua, o que José Estevam foi e como foi. Está ali, n'uma cópia de bronze, não só o seu talento, mas toda a maneira de ser do seu talento. Parece estarmos ouvindo um d'esses vehementes rasgos de eloquencia parlamentar, que fizeram a glo-

ria de José Estevam como orador politico. Vale mais hoje a estatua de Aveiro do que os discursos impressos de José Estevam, que, lidos na frieza morta de um livro, nos parecem muito inferiores á fama, á celebridade tradicional do grande orador aveirense.

No conjunto do monumento ha talvez defeitos, especialmente no pedestal. Mas a estatua satisfaz o espirito mais exigente; é, sem duvida alguma, uma das melhores que Portugal possue.

Outra das novidades que eu fui encontrar em Aveiro é a fabrica de loiça da Fonte Nova, uma empreza arrojadamente tentada ha alguns annos pelo sr. Carlos da Silva Mello Guimarães.

O que ali está é a realização, já muito completa, de um sonho de artista cheio de coragem e audacia.

O inicio d'essa fabrica representa um esforço de vontade individual, a affoiteza de um homem que, sem largos capitaes e apenas com o auxilio de alguns artistas inscientes, conseguiu dotar a sua terra com uma empreza industrial que a nobilita, posto tenha sido para o seu fundador um tormento glorioso.

Os pratos, as jarras, as amphoras, as talhas, os azulejos accusam já hoje um fabrico primoroso, que tem sido conquistado á força de tentativas e de experiencias.

Caminhou-se ao acaso, quasi ás cegas, até se chegar ao grau de perfeição que já hoje attingem os productos ceramicos da Fonte Nova.

Foram-se educando os artistas a si mesmos, creando escola, adivinhando quando não sabiam, caminhan-

do por conjecturas e por inducções, e hoje, aquella fabrica, se não é, nem pode ser a primeira do paiz, porque para isso lhe faltam elementos de pujante vitalidade, é com certeza uma das que mais confirmam e engrandecem a iniciativa particular.

O leitor lisbonense pode verificar a verdade das minhas asserções, se se dér o incommodo de ir á loja do Caetano, na rua Nova do Carmo, examinar as faianças, ali expostas, produzidas na fabrica da Fonte Nova.

Eu, com lealdade o confessarei, cheguei d'esta vez á rua Nova do Carmo fazendo caminho por Aveiro, o que deve valer o mesmo que ir a França por Tavira. Quero com isto dizer que, parando sem reflexão deante da *montre* do Caetano na rua Nova do Carmo, só agora, em Aveiro, dei aos productos da fabrica da Fonte Nova a attenção que elles merecem.

A este respeito dizia-me hontem, na Assemblea de Espinho, um sujeito da provincia:

— Vocês, em Lisboa, não conhecem senão o Chiado, a Avenida, a Arcada do Terreiro do Paço, S. Bento e S. Carlos.

É um pouco verdade, isto...

Cérro aqui o capitulo das novidades. Perdão! Quero ainda mencionar outra — o novo *Hotel*, que, se não estou em erro, se chama *do Vouga*.

Casa ampla, clara, em boa situação, com boa mesa, a dois passos do centro da cidade, o *Hotel do Vouga* satisfaz as moderadas exigencias do viajante portuguez, que, sem conhecer os grandes *hoteis* lá de

fóra, estava habituado ás reles espeluncas de provincia, onde ainda ha meia duzia de annos difficilmente se podia dormir e comer.

Agora é que, definitivamente, cérro o capitulo das novidades que fui encontrar em Aveiro, para ir dar um passeio, aliás já meu conhecido, mas sempre delicioso.

Fui á Barra — desgraça que não me aconteceu nunca na camara dos deputados. Mas, em Aveiro, ir á Barra é um verdadeiro encanto.

Imagine o leitor que vai deslisando dentro de um trem sobre uma estrada que, *avis rara*, não está pessima, e que é marginada pela ria de Aveiro, onde a cada momento surgem velas brancas, barcos de pescadores, que vão singrando como cysnes.

Todo este maravilhoso espectaculo se gosa por cima das tramagueiras que a um e outro lado orlam exuberantemente a estrada.

Mas, passada a ponte da Gafanha, a ria, nos seus caprichosos recortes e meandros, parece envolver-nos n'uma rêde de canaes, no complicado labyrintho das suas ramificações e sub-divisões, que chegam a desnortear o espirito de quem procura entendel-as.

Estamos então em Veneza, no meio da agua, apenas sobre um palmo de terra firme, por onde a carruagem vai rodando.

E no contorno da ria, por detraz de um filête de areia loira, surge-nos o mar, completando grandiosamente o espectaculo que a vastidão da agua nos vinha offerecendo desde a ponte da Gafanha.

Trez praias de banhos, que se avistam umas ás

outras, fornecem a therapeutica balnear da pequena cidade de Aveiro.

São a Barra, a Costa Nova e S. Jacintho.

Muitas das casas d'estas praias são confortaveis, mas conservam ainda o nome tradicional de *palheiros*. Ora, na Barra, que foi a unica praia que eu tive tempo de visitar, ha não só predios confortaveis, mas até elegantes, com o que quer que seja de distincção.

Comtudo a vida balnear na Barra é insipida, apenas hygienica; o ar que se respira é puro, saluberrimo, vem purificado do mar, é forte e vivificante, mas a praia não tem ainda um club, e creio que não tem um botequim ou uma coisa qualquer digna d'este nome.

— O que fazem os senhores aqui? perguntei a um cavalheiro, que teve a bondade de me dar explicações.

— Levantamo-nos cedo, deitamo-nos cedissimo, fatigados de não fazer nada e de respirar este ar saudavel, que nos vivifica e nos cansa.

Para ter saude... já não é mau. Mas a Barra, para ser attraente como praia, precisava de mais alguma cousa.

Achei muito convencional a distracção que as familias de Aveiro estão gosando na Barra.

E' verdade que essas familias poderão dizer a mesma cousa a respeito de Espinho, onde estou ha vinte dias.

Aqui, onde os olhos de um mortal pódem contemplar todas as noites trezentas senhoras, quem mais e melhor se diverte, é quem julga divertir-se...

—Que tem você, que está tão aborrecido? perguntava eu, ha dias, a um sujeito, que, na Assemblea, parecia indifferente ás trezentas senhoras do salão.

—Tenho que, estando aqui trezentas senhoras, eu lamento a infelicidade de não estarem trezentas e uma...

A vida é assim: o estar bem em qualquer parte não depende tanto de nós como dos outros.

Setembro de 1894.

VIII

ESPINHO

I

A vida da praia

A praia de Espinho é seguramente uma das mais agradaveis de Portugal, pela simples razão, a meu vêr, de que tem vida propria — uma franca e alegre vida de praia.

Eu me explico. Quem vem para Espinho traz a intenção de passar dois mezes n'uma ociosidade divertida, em plena liberdade de *villegiature*, a pretexto de tratar da saude.

Os empregados publicos estão no goso de licença. Os proprietarios ruraes abandonam, emquanto aqui estão, os seus negocios agricolas. Os commerciantes são em pequeno numero, porque os do Porto preferem as praias mais proximas d'aquella cidade, a Foz e Mattosinhos, para poderem ir todos os dias aos seus escriptorios e estabelecimentos, d'onde só voltam á noite.

Ora é justamente esta circumstancia que, durante a maior parte do dia, torna desanimadas a Foz, Mattosinhos e Leça: a população masculina emigra para o Porto, ausenta-se por muitas horas, e só regressa a tempo de jantar com a familia, isto é, á noite.

Em Espinho não acontece assim. Quem está, está. Não serão mais de vinte os banhistas que precisam ir todos os dias ao Porto tratar da sua vida.

De modo que ha a certeza de, a qualquer hora do dia, encontrar pessoas conhecidas com quem se possa conversar ou jogar.

O mez de agosto em Espinho é dos hespanhoes. São elles ou antes são ellas, as hespanholas, que durante todo esse mez animam a praia, que a dominam e possuem.

Pode-se então avaliar as profundas differenças de genio nacional que resaltam entre portuguezes e hespanhoes, comquanto habitem a mesma peninsula, apenas separados por alguns palmos de terra ou pelo curso d'este e d'aquelle rio.

O hespanhol, muito mais communicativo que o portuguez, mais desenvolto até, e inquestionavelmente mais fallador, traz a Espinho uma animação que chega a causar inveja ao nosso caracter macambuzio, ao nosso genio concentrado e por vezes inaccessivel.

O que digo do hespanhol pode dizer-se, por maioria de razão, da hespanhola.

Até agora tem sido ella, a hespanhola, a rainha de Espinho — rainha no Chiado, nos cafés e principalmente no salão da Assembléa.

Durante o dia ranchos de senhoras e creanças hespanholas acumulam-se ás mesas e ás portas dos cafés, conversando com essa vivaz verbosidade que é attributo da sua nação

A hespanhola pode não ter em que pensar — mas tem sempre que dizer. E se durante alguns raros momentos está calada, os olhos e o leque fallam por ella, téem tambem a sua eloquencia.

Á noite, no salão da Assembléa, quando a Hespanha chega, sente-se logo um alegre borborinho, um chilrear festivo, que trezentas senhoras portuguezas não seriam capazes de imitar sem grande constrangimento e com duvidoso resultado.

Quando o Lourenço de Magalhães [1] se senta ao piano, e a primeira valsa começa, são ellas, as hespanholas, que figuram em maior numero entre os pares dançantes e, diga-se a verdade, a sua graça nativa, o *salero,* compensa n'ellas a simplicidade da *toilette.*

Gostando immenso da valsa, as hespanholas são infatigaveis como valsistas e, quando durante alguns momentos de descanso passeiam na sala, resurge logo n'ellas a alegria da conversação com os seus respectivos

---

[1] Era então o pianista de Espinho. Filho de um fidalgo de Braga, fôra educado no melhor *sport* do Minho. Tendo gasto a sua legitima, era de dia guarda-livros no Porto, á noite pianista em Espinho, mas não perdêra nunca o brio dos seus pergaminhos. Fazia-se estimar e respeitar. Ninguem mais o conseguiria senão elle.

parceiros e o leque abre-se e fecha-se vertiginosamente, rythmando as phrases e os sorrisos.

Sente-se que se está em presença de uma raça alegre, que nós temos por força que admirar, porque podemos ser tudo o que são os hespanhoes, menos tão alegres como elles.

É curioso assistir aqui á despedida de alguma familia hespanhola, que já terminou a sua estação de banhos.

Ainda que deixem na praia amigos e parentes, e que os amigos e parentes vivam em provincias muito distantes, as lagrimas, no momento da partida, são substituidas pelos sorrisos, pelas exclamações de alegria, pelas apostrophes ruidosas.

O *adiós* que sai dos labios dos hespanhoes e das hespanholas parece traduzir-se sempre por esta expressão cheia de confiança e de fé: *Até logo.*

Não receiam que a morte os surprehenda durante a ausencia, não se apartam com as duvidas e sobresaltos de dois portuguezes que se despedem um do outro, ainda que seja por poucos dias.

Adiós! adiós! e o comboio principia a sua marcha e os olhos e os labios sorriem ainda quando já se não podem ouvir as vozes.

E comtudo algumas vezes acontece, e ainda agora aconteceu, que a morte vem surprehender, em plena praia, um banhista hespanhol. Falleceu ante-hontem uma creança hespanhola, de angina dyphterica, segundo se diz. Os seus patricios — e muitos portuguezes tambem — foram acompanhal-a á sepultura, ao

fim da tarde, no meio de um silencio que, para os hespanhoes, devia representar um constrangimento doloroso, um sacrificio enorme.

Quando regressaram do cemiterio, era já noite, e hespanhoes e hespanholas dirigiram-se charlando para a Assembléa desforrando-se do silencio relativamente longo a que tinham sido constrangidos; e ellas, principalmente, recorreram á valsa como a um banho de alegria, que lhes desempoeirasse o espirito.

Durante o mez de agosto, os rapazes portuguezes pediam ás lindas *señoritas* que executassem as danças caracteristicas do seu paiz.

Não se faziam rogar muito, as hespanholas. Respondiam com um sorriso de assentimento, e então era vêl-as em plena Hespanha, no triumpho glorioso do *salero*, arrancando palmas, bravos, uma ovação capitosa, que seria capaz de estontear o proprio João Pinto Ribeiro.

Agosto fóra, hespanhoes fóra.

Com as férias de setembro chega Themis, a deusa da justiça, representada pela toga dos juizes, pela beca dos delegados e pela manga de alpaca dos escrivães de direito.

Segundo me informam, costuma haver aqui, durante o mez de setembro, pessoal mais que bastante para funccionarem simultaneamente dez tribunaes.

A animação será de certo menor, mas o que não é menor, a julgar pelo que já se está vendo, é o numero de banhistas.

Basta o facto de todo esse numeroso pessoal foren-

se que vai chegar ter de permanecer aqui de dia e de noite, para que a praia não seja prejudicada na sua movimentação balnear.

Em vez do hespanhol fallador, teremos o magistrado muito grave em suas maneiras e fallas, mas como nenhum mudo póde ser juiz, nem delegado, nem escrivão de direito, sempre teremos com quem fallar, e isso é o essencial.

Além dos cafés, com os respectivos annexos, e da Assembléa, ha theatro, ha praça de touros, ha jardim do high-life, ha dezenas de combóios, que passam aqui durante o dia e a noite; ha sempre que vêr, e no mez de setembro haverá ainda tambem a grande festa da terra, que costuma durar trez dias.

Poucas praias, a não ser talvez a Figueira e a Povoa, se podem gabar de possuir, como Espinho, tantos elementos de attracção, e de vida balnear.

Accresce a circumstancia de que o commercio local não abusa da algibeira dos banhistas, parte sensatamente do principio de que mais vale vender muito do que escaldar por uma só vez os freguezes, que, escaldados, não voltarão mais.

Se o leitor ainda faz tenção de passar o resto do estío em alguma praia, aconselho-o a que prefira Espinho, tanto mais que se chegar a aborrecer-se, o que não é de esperar, pode sair aborrecido da Assembléa e entrar logo no comboio, porque a estação fica defronte da Assembléa.

Setembro de 1894.

II

A dama da rolêta

Das duas ás quatro horas da tarde, nas praias, pequenos grupos de banhistas fazem da conversação uma barricada para resistir á invasão do enervamento, filho da ociosidade, que parece cair da sombra das arvores e penetrar até á medula dos ossos.

As senhoras foram já para casa ou tiram ainda do piano da Assembléa uns bocejos sonoros, que se espreguiçam em escalas chromaticas ou trechos de valsa, executados com uma certa volubilidade indicativa de cansaço de espirito.

É o peior momento da vida das praias, justamente o momento em que, não se fazendo nada, não se sabe bem o que se ha de fazer...

Alguns maridos resolvem o problema indo dormir, emquanto as respectivas esposas, menos somnolentas do que elles, dão tratos á imaginação ou ao piano

da Assembléa esperando pela hora do jantar de familia.

Nas mesas de panno verde, o jogo, de vasa ou azar, crepita como uma chamma que morre, para renascer á noite mais vivido e quente.

O Amor que, de manhã na praia e á noite na Assembléa, se arma de ponto em branco no mergulho ou na valsa, das duas ás quatro horas da tarde faz lembrar uma sentinella cansada, que, apenas por dever de disciplina, não abandona o seu posto.

Ora foi n'um d'aquelles pequenos grupos, que, para resistir ao somno, recorrem á conversação, que eu ouvi ha dias este caso da vida das praias, contado em plena praia, e, portanto, retinto de côr local.

Era o Sanches Pereira, a pessoa mais alegre do grupo, que estava fazendo as despezas da eloquencia.

— Foi justamente das duas para as trez horas da tarde, dizia elle, que eu cheguei a essa praia.

— Qual? perguntou um rapazote, de fato de flanella branco, que tinha vindo pedir lume a um dos do grupo para accender uma *cigarrete* Jorro.

— O menino não seja curioso, replicou o Sanches Pereira. Se quer ouvir a historia, sente-se, e não interrompa o orador.

Riso — como se diz no diario das camaras, quando algum digno par ou illustre deputado pretendeu ter graça.

— Perguntei logo se havia rolêta, continuou o Sanches Pereira, e disseram-me que sim. A rolêta é o inferno indispensavel n'uma praia, porque o *tableau* es-

treita laços de intimidade, especialmente entre os que perdem, laços que tornam mais agradavel a vida balnear. Ora como todos os jogadores acabam sempre por perder tudo quanto ganharam, se é que chegaram a ganhar, segue-se que a convivencia á mesa da rolêta estabelece, pela identidade do azar, uma intimidade que bem depressa troca confidencias de mutua lastima, generalisando-se.

— Jogaste tambem? perguntou um.

— Não joguei, porque já tinha jogado n'outra praia, e perdido o que podia perder. Limitei-me por isso a observar o aspecto da rolêta, a physionomia dos jogadores. Encontrei a mesma galeria de toda a parte, pessoas concentradas, embezerradas pela infelicidade; pessoas falladoras, que tinham exclamações de desalento ou desespero, e que faziam protestos de não tornar a jogar, quando lhes falhava o numero em que tinham apontado. Apenas notei uma excepção.

— Vamos á excepção.

— Era uma mulher, uma senhora, de cabellos e olhos pretos, branca sem ser pallida, com um lindo pescoço bem lançado, e uma linda mão de neve, de veias azues e annel de brilhante, com que fazia paradas consideraveis.

— Jogava forte?

— Muito forte: nunca menos de vinte mil réis.

— E ganhava?

— Não. Estava em azar.

— Zangada?

*

— Tambem não. Sabia perder. As vezes até perdia sorrindo, sem constrangimento. Esperei que saissem algumas pessoas para me collocar defronte d'ella, em fóco. Ao cabo de dez minutos consegui o que desejava, ficámos um deante do outro, apenas separados pela mesa. Ella deu com os olhos em mim, notou decerto o meu olhar insistente, e desviou a vista. Acabou de perder uma parada de quarenta mil reis, distribuida por muitos numeros, e tornou a olhar para mim. Encontrou os meus olhos, e então as suas pupillas tornaram-se subitamente chammejantes de colera, de indignação. Parecia Meduza enfurecida. «Olá! disse eu com os meus botões, declaras-me guerra? Pois bem! acceito a guerra.» Desde esse momento, combatiamos com os olhos, havia entre nós a expressão de ferocidade que enraivece dois exercitos inimigos. Pela minha parte, esse sentimento de hostilidade era falso, postiço, porque essa mulher de cabellos e olhos pretos, de linda mão branca com annel de brilhante, causara-me uma impressão tão agradavel, que facilmente poderia chegar a ser amor.

— E ella continuou a perder?

— Perdia muito mais do que ganhava, é certo, mas apenas se levantou da mesa quando a rolêta se interrompeu para continuar á noite.

E, ao levantar-se, tornou a olhar para mim de um modo que parecia dizer: «O senhor, que não sei quem é nem d'onde veio, pode contar com o meu odio.»

Á noite, e nos trez dias seguintes, não desamparei

o meu posto de guerra, guerra aberta, cada vez mais feroz a julgar pelos olhares que trocavamos.

— E não trataste de saber quem era essa mulher?

— Tratei. Era casada. Mas o marido, que detestava o jogo, não entrava nunca na sala da rolêta. Era um brazileiro do Minho, que lia os jornaes, tomava cerveja allemã, e fumava charutos de dois tostões. Ao quarto dia, meus amigos, houve uma inesperada mutação de scena. No olhar d'aquella mulher apagou-se a chamma da cólera: tornou-se doce, velludoso, macio, como uma supplica. «Venci!» disse eu de mim para comigo. Por aquelle caminho julguei-me a dois passos do paiz azul do Amor, cuja porta me seria em breve aberta por aquella linda mão branca, de veias azues e annel de brilhante. Entrou comigo o orgulho, a embriaguez da victoria, tanto mais apreciavel quanto era certo que as minhas informações davam aquella mulher como impeccavelmente honesta, apesar de se sentar todos os dias entre homens, emquanto o marido, n'outra sala, tomava, muito descansado, um copo de cerveja allemã e fumava um bello charuto de dois tostões. Comecei então a rever-me na minha supposta conquista. Era realmente uma interessante mulher, de feições peninsulares, em plena força da vida, se bem que, como unico indicio de velhice precoce, duas rugas se lhe desenhassem, como as azas abertas de uma borboleta, sobre a bôca. «Aquellas duas rugas, pensei eu, accusam as commoções do jogo: se não fosse a rolêta, esta mulher teria ainda todo o

frescor da mocidade», apesar dos trinta e quatro annos que eu lhe calculava.

— Ainda não disseste se era alta.

— Era alta ou antes era mais alta do que baixa; mas harmoniosamente delineada em todas as suas fórmas, muito esvelta. Um dia, quando já entre nós reinava uma doce paz, que me parecia cheia de reticencias e promessas, entrei na sala, e não a vi sentada á mesa do jogo. «Ter-se-ha ido embora?» perguntei a mim mesmo. Mas fui ao botequim, e vi o marido, segundo o costume, a lêr os jornaes, a beber cerveja allemã, e a fumar o seu eterno charuto de dois tostões. Voltei para a sala da rolêta, esperando que chegasse a minha deusa, o meu amor, como eu já lhe chamava na linguagem silenciosa do meu coração. D'ahi a momentos, quando eu olhava distraído, sem interesse, para o taboleiro da rolêta, senti tocarem-me no hombro. Voltei-me de repente, e vi ainda a sua linda mão branca, de veias azues e annel de brilhante, retrair-se pressurosa. Ao mesmo tempo, a sua voz, de uma sonoridade vibrante, proferiu, com alguma timidez, estas palavras: «O cavalheiro faz favôr?» «Ó felicidade! pensei eu. Vai decerto pedir-me que a não comprometta em publico, que não a fite quando estiver jogando, e esse pedido é meio caminho andado para eu lhe confessar o meu amor e para lhe pedir que, visto não podermos amar-nos em publico, me conceda, como indemnisação, adoral-a n'uma intimidade recatada, cheia de mysterio e de encanto.»

— Chegamos ao ponto mais interessante da historia, disse um.

— Não interrompam! gritou outro.

E o Sanches Pereira continuou:

— Ella levou-me para o vão de uma janella, onde a luz do sol punha scintillações de ouro no seu cabello de azeviche. Era bella, parecia-me mais bella do que nunca. E n'esse momento cuidei vêr a felicidade do marido afundar-se no copo de cerveja, que devia estar bebendo. « Desculpe-me » disse ella ainda com alguma hesitação. Mas, como se de subito ganhasse coragem, accrescentou com certo denodo: « Desculpe-me o ter que pedir-lhe um favor. » « Um favor! exclamei eu. V. ex.ª ordena: tem em mim um escravo prompto a obedecer-lhe. » « Quero pedir-lhe, continuou ella, que não volte mais a esta sala. Visto que não joga, não deve fazer n'isso grande sacrificio. » « Mas porquê? ser-me-ha licito perguntar? » Confesso-lhes, meus amigos, que esperava a resposta do estilo: « Porque sou casada, e o cavalheiro me compromette. » Mas qual! « Porque, devo dizer-lh'o com uma franqueza, que o cavalheiro decerto me desculpará, porque, desde o primeiro momento que o vi...» Esta phrase reaccendeu de novo a aurora das minhas esperanças: ia confessar-me o seu amor. Estremeci, como se fosse tocado por uma corrente electrica. E vai ella, com uma coragem que me deixou aturdido, fulminado, concluiu a phrase: « porque desde o primeiro momento que o vi, reconheci, desculpe, que o senhor é justamente o *callixto* que eu receava. »

— É boa! disseram muitos.

— Tem graça! disseram outros.

E uma voz acrescentou:

— Depois d'essa, vamos jantar, que são já quatro horas.

Setembro de 1894.

III

A romaria da Senhora da Ajuda

Esta semana foi de festa em Espinho, porque é no ultimo domingo de setembro que se realiza aqui a romaria de Nossa Senhora da Ajuda.

E' a mesma, em toda a parte, a materia prima das romarias: muito povo, comes e bebes, e alguma bordoada. Mas entre o norte e o sul do paiz ha uma sensivel differença nos usos e costumes, e essa differença accentua-se evidentemente nas festas populares.

O aspecto da multidão é, nas provincias do norte, muito mais pittoresco do que nos arredores de Lisboa e em todo o sul. As côres, no trajo das mulheres, são mais vivas e garridas, e, quando o sol brilha, põe deslumbramentos de ouro nas arrecadas, nos grossos cordões, nos enormes pingentes, de fórmas caprichosas, com que a camponeza do norte costuma engalanar-se para uma romaria.

O amor, nas provincias septentrionaes, é um ele-

mento obrigado de animação e de vida nos arraiaes populares. Abundam, como aqui se diz, os «conversados» ou, como nós dizemos no sul, os «namorados.» Cada rapaz, apoiado ao seu varapau, «conversa» com a namorada durante longas horas, umas vezes em verso, outras em prosa, quando não é, alternadamente, em prosa e verso. E esse varapau representa uma especie de estacada para conter em respeito os espectadores. Ai d'aquelle que se atrever a aproximar-se dos dois namorados e a intrometter-se no seu dialogo. Se o fizer, apanha immediatamente uma sova; é quasi sempre esta a causa das maiores desordens nas romarias do norte.

São numerosissimos aqui os cegos andantes, nos arraiaes. Não se póde dar um passo sem encontrar um d'estes cantores populares, com o seu respectivo complemento: o moço.

E até na romaria de Espinho foi a morte de um cego o «caso sensacional» do dia.

Pelas duas horas da tarde, um cego e o moço, depois de terem jantado, foram tomar caffé a um botequim de lepes. Os dois, que havia seis annos viviam em excellente camaradagem, desavieram-se n'essa occasião: e o moço descarregou na cabeça do cego uma pancada com a viola. Causou-lhe um pequeno ferimento na testa, mas, a breve trecho, o cego, empallidecendo muito, e cada vez mais, fallecia de congestão pulmonar, segundo se diz.

Está aqui a banhos um hespanhol, que, n'esse dia, por motivo urgente, tinha ido ao Porto. Quando re-

gressou, perguntou como a romaria corrêra. Contaram-lhe o caso da morte do cego, depois da pancada com a viola; mas disseram-lhe, para que entendesse melhor, que o moço tinha batido com uma guitarra.

— *Mira!* observou o hespanhol, *que desafinada quedaria la guitarra!*

Esta phrase, que foi aqui muito celebrada, dá uma clara idéa do genio hespanhol; caracterisa perfeitamente um povo, que tem para cada acontecimento um dito de espirito e que, apaixonado pela musica, entre a perda de um cego e a de uma guitarra, lamenta mais a perda da guitarra.

No dia seguinte vendia-se nas ruas uma folha volante, allusiva á morte do cego. O costume d'estas commemorações populares, comquanto não seja desconhecido em Lisboa, é muito mais frequente no norte do paiz.

O texto, composto em verso, principiava assim:

Na linda praia de Espinho
Encanto da beira mar,
Praticou-se agora um crime
Conforme vamos contar:

.....

Andavam n'aquella praia
Que é muito concorrida
Um cego e mais o moço
Ganhando a sua vida.

O moço do pobre cego
Que tocava violão,
Teve com o proprio amo
No domingo uma questão.

Etc. O que não deixa de ser curioso é que o «pobre cego» era rico. Tinha andado pelo Brazil, onde ganhou dinheiro. Vivia ha annos no Porto, e viera a Espinho exercer a sua profissão de cantor ambulante. No espolio foi encontrada a bagatella de dez contos de réis. Quantos cantores de *primo cartello* téem morrido sem deixar tamanho peculio! Estou em dizer que o auctor dos versos tambem ha de deixar largos haveres. Isto é um paiz adverso á grande arte e aos grandes artistas.

A folha volante termina pela seguinte quadra relativa ao supposto roubo do espolio do cego:

Deixemos a quem compete
Resolver este pleito,
O que a policia fizer
Decerto que está bem feito.

Esta quadra nenhum menestrel popular a comporia em Lisboa, onde é um pouco moda dizer-se mal da policia. E eu creio que no norte do paiz o systema da policia é não fazer nada, motivo por que ninguem diz a seu respeito nem bem nem mal.

Vou contar, para justificar a minha asserção, o que eu proprio presenciei no arraial.

Estava um homem comprando bolos, os famosos bolos do norte do paiz, a que se chama «cavacas» e que são aqui abundantissimos nas romarias. Quando ia a pagar reconheceu que estava roubado. Voltou-se para outro homem do povo, que viu ali perto, e disse-lhe abruptamente:

— Falta-me a minha carteira! Foi você que m'a roubou.

O outro replicou indignado:

— Eu não sou gatuno nenhum! Sou um operario do Porto, e muito honrado.

— Seja operario ou não seja, falta-me a minha carteira, que eu tinha ainda agora. Está você preso.

A pequena distancia dos dois achava-se um policia de Aveiro, que ouvindo dizer — está você preso — voltou a cabeça n'um movimento de curiosidade, deixando-se, comtudo, ficar no mesmo sitio.

— Preso eu! replicou o que se dizia operario. Preso está você, por me ter insultado, porque eu, digo-lh'o mais uma vez, sou um honesto operario do Porto.

O policia de Aveiro tornou a voltar a cabeça com curiosidade, quando ouviu fallar na segunda prisão.

— Isso tem muita graça! disse o roubado. A mim falta-me a carteira, e você ainda por cima me dá voz de preso! Ora ande lá comigo até á esquadra, e lá se verá quem tem razão para prender.

— Você é que está preso e que me ha de acompanhar.

Então, de repente, envolveu-se na contenda um terceiro individuo, que principiou por defender a innocencia do que se dizia operario do Porto.

Palavra puxa palavra, e o intromettido acabou por se zangar não só com o roubado, mas tambem com o supposto gatuno, que a principio defendêra. E, sem mais tir-te nem guar-te, prendeu-os a ambos.

O policia tornou a voltar a cabeça para vêr quem era o figurão, que se propunha prender os outros dois. Mas não se tirou do mesmo logar.

Este incidente attraiu muitos espectadores, que não se poupavam a commentarios.

Alguns diziam em voz baixa, com a devida cautela, que o mais logico seria que o policia prendesse os trez figurões.

A minha opinião divergia, porém: parecia-me que o policia estava com receio de que os trez contendores acabassem por prendel-o a elle.

O que é certo é que, depois de uma azeda discussão, tudo se conciliou sem que nenhum dos trez mantivesse a prisão dos outros dois.

O policia ficou firme no seu posto.

O roubado ficou sem a carteira.

O honrado operario ficou sendo operario honrado.

O intromettido ficou na melhor harmonia com os que, momentos antes, descompunha.

O arraial continuou na sua alegre animação. Os astros continuaram a gravitar no firmamento. E o policia, sempre no mesmo sitio, continuou a velar, sereno e imperturbavel, pela ordem publica.

No dia seguinte, a folha volante vendida em Espinho affirmava um sentimento de plena confiança na policia, dizendo:

O que a policia fizer
Decerto que está bem feito.

Se fosse em Lisboa, a policia teria provavelmente

prendido os trez homens. Era de suppor que, a principio, trinta pessoas tomassem o partido dos trez presos contra a policia; dentro de pouco tempo, já não seriam trinta pessoas, mas trezentas, que acabariam por ser trez mil.

Armar-se-hia uma baralha dos demonios, haveria cabeças rachadas, braços partidos, e a romaria de Espinho ficaria tristemente assignalada no anno de 1897.

Tudo isso se evitou, porém, graças á prudencia da policia.

E o povo, logo no dia seguinte, reconhecia esta verdade, correndo a comprar a folha volante e repetindo os ultimos versos da quadra final:

O que a policia fizer
Decerto que está bem feito.

De mais a mais, se a policia fosse acompanhar á esquadra os presos, no caso de querer dar-se o incommodo de o fazer, teria de abandonar o seu posto e não poderia continuar a velar tão solicitamente pela ordem publica.

Havia um certo sujeito que dizia ter sempre ao canto da gaveta quinhentos mil réis para valer á afflicção de algum amigo.

Um dia, um companheiro de infancia, vendo-se em apuros, foi pedir-lhe que d'esses quinhentos mil réis lhe emprestasse apenas trezentos.

— Não posso, respondeu o outro.

— Mas tu não dizes que tens sempre quinhentos mil réis á disposição dos amigos?

— Digo, e repito. Mas se te emprestar a ti trezentos mil réis, ficam á disposição dos outros amigos apenas duzentos. E a minha norma de procedimento é ter sempre quinhentos mil réis á disposição de todos os amigos.

O policia do arraial de Espinho resava pela mesma cartilha: se elle acudisse áquella desordem, outras poderiam dar-se entretanto e não haveria quem officialmente acudisse.

Portanto, deixava-se ficar, firme e sereno, á espera do mais que pudesse acontecer.

E o povo, comprehendendo a rasão philosophica determinante d'este procedimento, apoiava-o com a sua confiança, dizendo:

O que a policia fizer
Decerto que está bem feito.

Em se procedendo com razão e acerto, o applauso espontaneo da consciencia publica é certo e infallivel.

Durante todo o dia, os comboios do Porto iam e vinham cheios de gente.

De tarde, o povo, querendo regressar á cidade, assaltava os wagons, disputando ávidamente a entrada. O processo mais rapido não era entrar pela porta da carruagem, mas pelas janellas. Aos homens custava isso pouco. Mas, depois de terem entrado de cabeça para baixo, puxavam pelas mulheres para dentro — pelo mesmo processo. A operação não era tão facil e era muito mais pittoresca.

Logo que cada mulher se propunha entrar de mer-

gulho pela janella do wagon, os espectadores rompiam em enthusiasticos applausos, que não tardavam a ser justificados. Havia sempre um momento indiscreto em que as saias ficavam já dentro do wagon, caindo sobre a cabeça das mulheres, e as pernas nuas ficavam ainda de fóra, á vista dos espectadores, que applaudiam ainda com maior gana.

As mulheres, como então se lhes não pudesse ver o rosto, não se importavam com a exposição do resto do corpo, porque difficilmente se podem reconhecer as pessoas apenas pelas pernas.

D'onde será licito concluir, talvez philosophicamente, que o pudor é um sentimento que está exclusivamente no rosto.

Lá diz a sabedoria das nações: ter vergonha na cara, cara sem vergonha, etc.

E diz bem. Ficou domingo demonstrado á evidencia, em Espinho.

O publico ria, batia palmas, delirava de contentamento. E a policia, sempre com o mesmo bom senso, não se intromettia no caso. Por este e outros motivos foi que o auctor da folha volante disse, tendo carradas de rasão:

O que a policia fizer
Decerto que está bem feito.

Outubro de 1897.

IV

Historia de um fidalgo de Braga e do seu lacaio

Conta-se que um certo fidalgo do Minho, apesar de velho e doente, não perdia nenhuma das grandes romarias, que por este tempo se fazem em toda aquella provincia.

Vejo-me já obrigado a interromper a historia do fidalgo e do seu lacaio, para dizer que, desde o Porto até Melgaço, cada domingo do estio é um cacho de romarias, em que o povo minhoto debica n'uma folia de passaros em parreiral sazonado.

Sabbado e domingo celebrou-se na Trofa a festa da Senhora das Dores, cujo templo fica á beira da estação do caminho de ferro do Minho e do entroncamento do ramal de Bougado.

Estas duas linhas despejam centenas de romeiros na Trofa, onde havia apenas d'antes uma capellinha modesta, e onde eu vi o anno passado uma egreja es-

belta, que graças ás esmolas e donativos dos devotos, nasceu da capellinha primitiva.

O conde de S. Bento, que já está na terra da verdade, e que dispendeu rios de dinheiro com todas as romarias do Minho, não faltava á festa da Senhora das Dores na Trofa, onde os festeiros mandavam armar uma tribuna, muito garrida de sanefas e cortinas, para commodidade e honra do magnanimo titular.

Lá o vi eu, ha um par de annos, empoleirado n'esse throno vistoso, assistindo ao fogo de artificio, deliciado com o estrondo das musicas e dos foguetes, e certamente lisonjeado pela admiração dos camponezes que, de bôca aberta, rodeiavam a tribuna, contemplando o conde.

Imaginava-se então em Santo Thyrso, onde elle residia, que não tornaria a apparecer n'este mundo outra pessoa que fosse capaz de gastar mais dinheiro em foguetes do que o conde de S. Bento.

Quanto são falliveis os juizos e conceitos humanos!

Pois appareceu a breve trecho essa tal pessoa, cuja existencia era julgada impossivel. Está viva e sã, e floresce na freguezia de Jovim, a dois passos do Porto.

Por occasião da festa do Santissimo Sacramento, que hontem se realizou n'aquella freguezia, o sr. Manuel Pinto Martins, que lá chamam simplesmente o *Manuelsinho*, deixa a perder de vista, pelo que respeita a foguetes e morteiros, a estrondosa memoria do conde de S. Bento.

*

Na historia de Portugal ha, que me lembre, apenas trez Manueis famosos: o monarcha d'esse nome, o Manuelinho de Evora e o Manuelsinho de Jovim. Todos trez chegaram á gloria por caminhos differentes: o monarcha, pela felicidade do seu reinado; o Manuelinho de Evora, por ter symbolisado o primeiro grito de independencia da patria contra a dominação castelhana; e o Manuelsinho de Jovim, por queimar todos os annos muitas dezenas de mil réis em foguetorio de arraial.

D'esta vez dispendeu elle um conto e quinhentos em morteiros e zabumbas, porque o seu gosto é ouvir estoirar a polvora e a musica, importando-lhe pouco que, dentro da egreja, deixe de estoirar o latim da missa ou a eloquencia do sermão.

A sua festa é a que se faz ao ar livre, no terreiro da egreja; essa é que o Manuelsinho de Jovim deseja bem estoirada e estrondosa. Com o mais não se importa.

Ora o tal fidalgo de Braga, apesar de velho e doente, gostava de concorrer a todas as romarias do Minho.

Certamente não faltaria á da Senhora da Agonia em Vianna do Castello, que é das mais pomposas de toda aquella provincia, e que tambem se faz por este tempo, d'aqui a poucos dias.

Se o fidalgo vivesse ainda, poderia agora matar de uma cajadada dois coelhos: iria á inauguração da praça de touros em Vigo, e viria por Vianna assistir ás festas da Agonia.

Do norte do paiz partiram para Vigo os mais enthusiastas *aficionados,* porque uma corrida na Galiza é uma novidade acirrante, a que não poderiam faltar.

Dizia-se a principio que trabalhariam Guerrita e Reverte, mas foi boato falso. Ainda assim, os *aficionados* portuguezes não faltaram, e com elles muitas familias hespanholas, que estão a banhos em Portugal nas praias do norte.

Para lá foi tambem, com seu pae, a linda *señorita* de que eu sou proximo visinho á mesa do *hotel,* desde que saí de Lisboa; tão proximo visinho, que tive de fazer-lhe uma advertencia amavel:

— Se o meu braço passar a fronteira, desculpe-me *usted.*

E, feito este aviso, já os nossos cotovellos se téem tocado algumas vezes, sem que esse incidente, depois de aclaradas as minhas boas intenções, haja occasionado qualquer conflicto internacional.

Uma simples prevenção, feita a tempo, dispensou a intervenção do sr. Soveral, a quem preguei a partida de roubar-lhe assim mais um florão para a sua corôa de diplomata venturoso.

Se eu não tivesse de contar a historia do fidalgo do Minho, demorar-me-ia a dizer as impressões que tenho colhido da minha convivencia com a colonia hespanhola na Babylonia de um *hotel* de Espinho.

Ah! e essas impressões careciam até de um desafogo patriotico. Preciso desabafar, e custa-me muito deixar de o fazer. Não resisto! Sempre direi alguma

coisa, *corriendo,* como oiço dizer aos meus companheiros de *hotel.*

A mesa do jantar está sendo um paiz conquistado pela Hespanha. Quem falla são os hespanhoes e as hespanholas, principalmente as hespanholas. E nós, os portuguezes, conservamo-nos calados como se fossemos nós que estivessemos fóra de casa. É de arrepiar o patriotismo!

Agora percebo eu a razão por que o povo hespanhol constitue ainda uma nação forte, apesar dos desastres que tem soffrido, e da guerra de Cuba, que tanto o atormenta n'este momento.

É que o hespanhol falla alto em toda a parte, e fallar alto revela um instincto de dominação e de superioridade. O hespanhol chega a qualquer paiz e a primeira coisa que faz — é fallar alto. Ha só um momento em que o hespanhol abaixa o tom da sua verbosidade: é quando a morte lhe estrangula a voz na garganta.

De mais a mais acontece que nas hespanholas tudo falla cantando, gritando: a voz, os olhos, a alegria, a vivacidade.

De pequenino, principia o hespanhol a fallar alto, o mais alto e rijo que pode ser. Dez creanças hespanholas fazem mais barulho que todos os morteiros e zabumbas de Jovim.

O portuguez é ordinariamente tão calado, que o proprio *Manuelsinho* dos foguetes, para fazer falar alto o seu dinheiro, precisa de o queimar em polvora.

Ás vezes, durante o jantar, sinto-me tão esmaga-

do pela garrulice dominadora dos hespanhoes, que, entre o criado que me serve e o castelhano que me interroga, sinto vontade de dizer humildemente:

— Se *usted* dá licença, vou entrando com esta *mayonnaise* de lagosta, que parece não ter má cara.

E fico com o olhar suspenso á espera que o hespanhol me responda fallando alto com os olhos:

—Concedido!

E adivinho no meu olhar, inclinado para o prato da *mayonnaise,* uma expressão de humildade agradecida, como se os meus olhos fallassem baixo e dissessem:

—*Muchas gracias.*

De todas as hespanholas que eu aqui tenho visto, é a *señorita* * * a menos expansiva na conversação, mas essa mesma não baixa os olhos para evitar que elles fallem; parece baixal-os apenas para levantal-os depois e obrigal-os a fallar tão alto, que até as estrellas os poderão ouvir.

Quem ha de dizer que nós todos, os portuguezes d'esta praia, somos descendentes d'aquelles valorosos heroes que foram *dilatar o imperio* por *mares nunca d'antes navegados* e hastear a bandeira das quinas nas remotas paragens d'alem-mar?!

As ondas frementes da conversação castelhana intimidam-nos mais do que as vagas alterosas do oceano intimidaram Bartholomeu Dias e Cabral. Fazem-nos naufragar entre revôltas correntes de tropos, de hyperboles, de *hespanholadas,* que rugem aos nossos ouvidos como tempestades, e das quaes apenas os

hespanhoes possuem o segredo de salvar-se sem parecerem ridiculos. Dir-se-ia que elles é que pela primeira vez dobraram o Cabo e foram á India, e que nós, timidos e encolhidos, não passamos do chéché do Restello, que ficou na praia a fazer o elogio do barrete de dormir e dos chinellos de trazer por casa.

Agora reparo que me alonguei mais do que queria, porque a verdade é que ainda não contei a historia do fidalgo de Braga e do seu lacaio. Pois vamos á historia, que já temos pouco panno para mangas.

Havendo-se despedido um antigo criado, foi o fidalgo obrigado a tomar outro, a quem logo disse:

—Preciso que me acompanhes ás romarias.

Era um annuncio de vida alegre, por isso o criado respondeu de prompto:

—Sim, senhor.

—Mas eu vou sempre a cavallo, tornou o fidalgo.

—Faz v. ex.ª muito bem.

—E tu tambem has de acompanhar-me a cavallo.

Hoc opus, hic labor est. O rapazola nunca tinha montado, mas a perspectiva de mais tombo menos tombo não havia de fazel-o perder uma boa collocação.

—Sim, senhor, respondeu elle.

No domingo seguinte, como houvesse uma romaria, o fidalgo mandou apparelhar os cavallos, e partiu com o seu novo lacaio que, para segurar-se, tratou de se agarrar ao pescoço do bucéfalo.

Decorrida meia hora de caminho, já o criado estava agarrado ás orelhas do cavallo, em perigo imminente de ir parar ao meio do chão.

Então, muito afflicto da sua vida, começou a gritar:

— Patrão! patrão!

O fidalgo, sem se voltar, perguntou:

— O que é?

E o lacaio, cada vez mais afflicto, respondeu:

— Acabou-se-me o cavallo, patrão!

Durante a calmaria pôdre do estio, tambem aos folhetinistas que montam por obrigação, se acaba, andados poucos passos, o cavallo do assumpto. É preciso agarral-o pelas orelhas para uma pessoa se segurar. E ás vezes, como desconfio que me aconteceu agora, dá-se trambolhão no charco da semsaboria.

Mas sirva-me ao menos de desculpa a historia do fidalgo de Braga e do seu lacaio.

Agosto de 1896.

V

Morte da señorita Olgado

Durante o mez de agosto de 1895 publiquei no *Diario Popular* uma série de cartas de Espinho, a que procurei dar alguma côr local, intitulando-as — *Em fato de banho.*

Parece-me hoje que este titulo era assaz fresco. Mas, como eu não tomava banhos do mar, tranquillisa-me a consideração de que o fato estava enxuto, sendo por isso menos compromettedor.

N'uma das cartas, datada de 6 de agosto, referindo-me ás noites da Assembléa, saudava a apparição do *Pas-de-quatre*, dizendo:

«Eil-o, emfim, o *Pas-de-quatre* — este mixto de valsa e de bolero, que parece dever ter sido inventado principalmente para as hespanholas.

«Não ha Justino Soares possivel para ensinar a dançal-o. O Justino é nullo perante a Graça (não

confundir com a egreja onde em Lisboa se venera a milagrosa imagem do Senhor dos Passos), que é o supremo dote da mulher hespanhola. Poderão outras ter mais belleza, mais elegancia, mais instrucção: nenhuma tem mais graça ou mais *salero*, como se diz em Hespanha, do que as mulheres d'esse paiz, nosso proximo visinho.

«Sinto muito, eu, que não passo nunca pelo monumento dos Restauradores sem tirar solemnemente o meu chapéo alto, sinto muito, dizia, não poder dar a preferencia no *Pas-de-quatre* ás minhas amaveis patricias que estão veraneando em Espinho, mas é força confessar que o proprio João Pinto Ribeiro, se tivesse visto a duqueza de Mantua dançar um *Pas-de-quatre* com Miguel de Vasconcellos, portuguez hespanholado, não teria feito o 1640.

«Foi domingo, 4 do corrente, das nove para as dez horas da noite, que a Graça das hespanholas, personificada na señorita Ang... (diacho! ella até tem um nome divino!) fez a sua triumphal entrada nos dominios choreographicos da Assembléa.

«N'essa hora, em que o *Pas-de-quatre* estreiou as *soirées* dominicaes d'este verão, a bella *señorita*, loira, *mignonne*, alegre como uma creança e leve como um passarinho, foi por momentos o encanto dos olhos pezados dos provincianos que começavam a toscanejar com somno.

«Puzessem a uma andorinha uma cabelleira loira, vestissem-lhe um vestidinho de boneca, e soltassem-n'a na sala da Assembléa, vêr-se-hia então que as aves

e as hespanholas nasceram aladas para a dança, não sendo facil distinguir entre uma andorinha que saltita na areia de um jardim e uma hespanhola que pula o *Pas-de-quatre* no pavimento envernisado de um salão.

«Do tecto pendiam flôres de luz electrica em corollas de crystal, suspensas como estrellas cadentes que ficassem seguras pela cauda; o Lourenço de Magalhães, que é um pianista cheio de alma e de gosto, fazia com as teclas do piano um poema iberico que deitava por terra o patriotismo do *D. Jayme*, porque ao som d'esse poema harmonioso, o proprio D. João IV, se pudesse resuscitar, teria de preferencia convidado a dançar a loira *señorita*.

«O bom pianista não é sómente aquelle que toca bem, mas principalmente aquelle que sabe escolher a musica mais adequada aos estados psychologicos dos seus ouvintes.

«Para fazer dançar portuguezes com portuguezas qualquer pianista serve, tocando melhor ou peior. Mas tentar portuguezes, netos talvez da Padeira de Aljubarrota, a irem bailar com uma hespanhola, no territorio lusitano, dentro do districto de Aveiro, exercer n'elles uma invencivel iberisação pela dança, coisa é que só um pianista habil e suggestivo como o Lourenço consegue realizar.

« Este pianista chega a ser perigoso, tanta é a submissão com que o piano lhe obedece para fazer que os pares dançantes transponham de um salto a fronteira e atirem o 1.º de dezembro para traz dos moinhos.

« Por sua vez, a *señorita* Ang... sabe aproveitar

maravilhosamente a suggestão iberisante creada pelo piano da Assembléa e, logo aos primeiros compassos, quando um joven portuguezito procura com os olhos um par, é ella, a graciosa, vibrante de *salero,* que lembra logo, que se impõe á escolha de todos os portuguezitos bailantes, é ella que triumpha, que predomina, que enche a sala e a soffreguidão curiosa dos mirones indançaveis — como eu.

« Diga-se em honra da verdade que os portuguezes nunca foram cobardes, e que as portuguezas os egualam na coragem.

« As nossas patricias, apesar de reconhecerem que para o bom exito do *Pas-de-quatre* se faz mister mais *salero* do que Justino, não desanimaram domingo, nem por isso se deixaram ficar sentadas; aguentaram-se quanto possivel no confronto, que lhes não podia ser vantajoso.

« Dançava a loira *señorita*, absorvendo as attenções da sala como uma esponja que estivesse embebida de admirações e enthusiasmos, mas a par d'ella, sem cobardia, e talvez sem inveja, dançavam trez ou quatro morenitas portuguezas, que, se não venceram, sustentaram pelo menos o brio de Portugal.»

. . . . . .

Devo acrescentar a esta transcripção que recebi em Espinho um bilhete postal dizendo-me coisas desagradaveis em nome do patriotismo offendido.

O signatario devia ser um Magriço qualquer, que pretendia desaffrontar as damas portuguezas, as quaes eu jamais offendi, porque tive sempre esta opinião com

que espero morrer: que entre os portuguezes o que ha de melhor são as portuguezas.

Dias depois abria-se uma kermesse em Espinho, e eu fui instado para escrever algumas quadras que deviam acompanhar os *bouquets* e flores soltas, a que era destinada uma barraca especial.

Não me esqueceu, nem podia esquecer, a linda e loira *señorita* que tão graciosamente dançava o *Pas-de-quatre*. Dediquei-lhe, pois, esta quadrinha:

Vendo aquelle *Pas-de-quatre,*
Honra e gloria de Castella,
Até João Pinto Ribeiro
Viria dançar com *Ella!*

Eu, na minha qualidade de pessoa indançavel, não deixava de ir á Assembléa occupar um logar na *montanha* como se diz no Parlamento, no *Pim-Pam-Pum* como ironicamente se diz em Espinho, para vêr a loira e linda *señorita* dançar o *Pas-de-quatre,* porque cheguei a capacitar-me de que o *Pas-de-quatre* tinha sido composto exclusivamente para ella, como nas operas são creados alguns papeis para determinadas cantoras.

O *salero,* a graça, a vivacidade d'essa gentil creaturinha alegre e agil, ao dançar o *Pas-de-quatre,* era um poema posto em musica, pelo menos uma estrophe que, vitalisada pela alma de uma hespanhola, parecia ter azas e voar ao longo do salão, levando comsigo para o mundo dos sonhos os nossos olhos e o nosso patriotismo.

Passaram dois annos apenas e, justamente agora, durante o mez de agosto, a loira e linda *señorita* vinha de Madrid morrer a Espinho, a dois passos da Assembléa, onde ninguem a tinha excedido no *Pas-de-quatre*, e onde as cordas do piano, na hora em que ella morreu, deviam ter estalado de dor...

Foi outro dia que ella expirou ali, com vinte e cinco annos de idade, ouvindo soluçar o mar, que tanta vez lhe afagára as tranças loiras e tendo a certeza, ao menos, de que, morrendo longe da patria, ninguem teria sido mais estimado sobre terra alheia por gente extranha.

A *señorita* Ang..., como eu dizia em 1895, era Angelita Olgado, era a linda e loira *mignonne* do *Pas-de-quatre*, era em Madrid, em Espinho, sel-o-hia em toda a parte do mundo, uma creaturinha adoravel, cheia de encanto e de graça, de alegria e vivacidade.

Não se perdoa, mas comprehende-se que a morte a ferisse cruelmente, porque tambem morrem os passarinhos alegres e ageis, que voam e cantam, que téem mais alma do que corpo, e que não se sabe bem se nasceram para subir ao céu ou descer á terra...

Toda a colonia balnear de Espinho fez ao cadaver da *señorita* Olgado as honras espontaneas de uma grande pompa funebre, d'essas que não se decretam e nascem apenas de um impulso geral de sentimento, de uma commoção profunda de saudade, generalisada a todas as camadas sociaes.

Sobre o feretro as flores amontoaram-se como as joias na corbelha de uma noiva, e tristes esponsaes

eram esses, os da mocidade com a morte, os do *salero* vivacissimo da Hespanha com a terra fria de Portugal.

Saudei Angelita Olgado nas suas horas de triumpho na Assembléa de Espinho, e, apenas volvidos dois annos, choro-a hoje com a sincera saudade de quem a admirou com o enthusiasmo que a graça feminina, mais ainda talvez do que a belleza, desperta em todas as almas que não apodreceram envelhecendo.

Em homenagem á sua memoria, deixo de responder a um viajante hespanhol que, ha poucos dias, escreveu a respeito do nosso paiz:

«Si no quiere vivir mal
Váyase de Portugal.»

Nem é preciso eu responder-lhe, porque os labios frios de Angelita se encarregarão ainda de dizer ao seu injusto compatriota que em Portugal até os extrangeiros são adorados na vida e pranteados na morte, quando e quanto merecem sel-o.

A loira e linda *señorita* levantar-se-ha do seu tumulo provisorio para protestar indignada contra as palavras do seu patricio, que nem sequer ao menos, por amor da verdade e em respeito á justiça, quiz saber que não houve em Espinho uma unica pessoa que deixasse de acompanhar ao cemiterio de Anta os restos mortaes de Angelita Olgado.

A graciosa creatura morreu aqui tão rodeada de carinhos e respeitos como se tivesse expirado na sua

terra natal. E ella mesma, completando o seu protesto, estará repetindo ao hespanhol, que nos offendeu, as ultimas palavras da sua offensa:

Váyase de Portugal.

E estendendo a sua pequenina mão já gangrenada pela morte, apontando com o dedo indicador na direcção da fronteira, repetirá indignada:

Váyase de Portugal.

Setembro de 1897.

VI

A anecdota do martello

É naturalissimo ter a gente o gosto de encontrar n'uma praia... o mar.

Durante a maior parte do anno é o mar que vae visitar-nos a nossa casa, quasi sem a gente dar por isso. O linguado frito que se come ao almoço, o pargo cosido que se come ao jantar, não são, a fallar verdade, senão emissarios do oceano, que em vez de recebermos na sala, recebemos no prato.

Em agosto e setembro resolvemos todos, por convenção, pagar pessoalmente a visita, e fazemos uma boa caminhada a fim de nos aproximarmos do mar para lhe agradecer a remessa dos seus emissarios, que nos outros mezes do anno nos alimentaram.

Se saimos de casa para encontrar o oceano, naturalissimo parece que não tenhamos motivo para nos admirarmos... de o ver.

Mas devo dizer ao leitor que, procurando o mar, eu não esperava encontrar senão a praia. Pois achei mais alguma coisa: foi o frio. Sim, o frio, além da praia e do oceano com que eu já contava.

Ah! doce clima de Lisboa! que pena não poderes ser vendido, por toda a parte, em garrafas — como as aguas de Vidago e de Entre-os-Rios!

Estiveram as côrtes abertas até 4 de setembro, para se arranjar algum dinheiro com que o paiz fosse governando a vida até 1895. E ninguem se lembrou, ninguem! de recorrer a essa grande fonte de receita, a essa poderosa industria que está por explorar ainda: a de engarrafar o clima de Lisboa e vendel-o a oiro no paiz e no extrangeiro!

Imagine-se a procura que elle teria no Spitzberg e em Braga, na Scandinavia e em Espinho! Em Espinho, sim, onde ha trez dias se torna preciso andar uma pessoa de capote, por causa do frio, e de chapeu de chuva, por causa da cacimba. É o norte — com todos os seus rigores; eu desconfio até que seja o Polo Norte.

Ah! doce clima de Lisboa, pudesse eu trazer-te engarrafado e beber-te aos copinhos, de quando em quando, para aquecer!...

Nos caffés de Espinho a musica está attingindo as proporções de verdadeiras succursaes de S. Carlos. Ainda ha poucos annos havia em cada Caffé dois ou trez musicos sómente. Agora funccionam varias orchestras, que investem com a grande opera, e que o fazem com primor. Mas além do ruido proprio dos

botequins, ha alguma coisa mais, que não prejudica menos o effeito da musica: são os espirros.

Como quasi toda a gente está constipada, um trecho da *Cavallaria rusticana* ou da *Bohème* é cortado por longas series de esternutações ruidosas, que os executantes já não extranham, porque elles proprios espirram.

D'aqui a mais alguns dias ha de chegar-se, certamente, a reconhecer que a *Bohème* precisa capote, e a *Cavallaria rusticana* não poderá dispensar o *cachenez*. Se não forem tomadas essas precauções, os violinos e as violettas cairão doentes com pneumonias, os violoncellos apanharão catarrhos profundos, e os pianos, que tanto téem aqui que fazer, darão baixa ao hospital com rheumatismo articular.

Ah! doce clima de Lisboa, meigo protector dos pianos, que falta que tu fazes aqui!

Tu és, no teu carinho philarmonico, uma especie de ama sêcca dos pianos. Tu pareces trazel-os ao collo, embrulhados em lindas colchas para que se não constipem, tu pões o maior cuidado em que lhes não estalem as cordas, e é por isso que em Lisboa florescem, gozando excellente saude, uns 999:999 pianos, que se estendem desde o Beato até Belem, desde a rua do Oiro até ás portas de S. Sebastião da Pedreira.

Não é, pois, de extranhar que n'um paiz tão propicio á existencia dos pianos, como o clima de Davos-Platz ou da ilha da Madeira é favoravel á conservação dos tuberculosos, os pianos de Lisboa se mostrem sempre dispostos a fallar, de dia ou á noite, e a res-

ponder com resignação a todas as mãos que se propõem sondar-lhes o teclado.

Mas em Espinho, onde o clima está sendo duro, onde as pessoas e as teclas espirram, um piano precisa de ser heroe para aguentar uma temporada de banhos sem cair doente.

Heroes de Espinho, resistentes pianos, que apesar do nevoeiro e do frio ainda não déstes parte de fracos, eu vos saudo com respeito e admiração, oiço-vos attentamente e, ao ouvir-vos, faço todo o possivel para vos não interromper espirrando.

Diga-se, em honra da verdade, que os pianistas de Espinho sabem do seu officio, o que deve animar um pouco os pianos a levar a cruz ao Calvario. Além dos pianistas, os outros musicos foram escolhidos com cuidado, de modo que os directores das orchestras que se fazem ouvir nos caffés, não téem motivo para zangar-se como um seu collega, de quem se conta uma anecdota authentica.

Era n'um casino balnear de França. O *maestro*, empunhando a batuta, começou a reger a orchestra, mas, n'aquella noite, cada musico tocava para seu lado, por um d'esses enguiços que, nas horas aziagas, parece generalizarem-se.

O *maestro* ralhava com um, descompunha outro, irritava-se, barafustava. Quando o infelicissimo *numero* terminou, elle poisou a batuta e, voltando-se cortezmente para os executantes, disse-lhes com inteira gravidade:

— Se deixei de descompôr algum dos senhores, peço-lhe desculpa.

Felizmente, em Espinho os *maestros* não téem motivo para zangar-se, porque poucas vezes terá sido possivel reunir grupos de artistas tão eguaes e completos. Além do frio e da musica, não sei bem de que mais deva fallar.

As praias de Portugal, por muito que se espremam, difficilmente gottejam um folhetim.

É preciso recorrer a processos habilidosos para ter assumpto; inventar uma maniversia qualquer para, illudindo os meios, chegar ao fim.

Farei, pois, por imitar, emquanto aqui estiver, o *impedido* de certo alferes muito bohemio, que se deitava de madrugada e que, recolhendo tarde da borga, queria que o chamassem a horas de não faltar ao serviço no quartel.

Nos primeiros tempos, o *impedido* entrava resolutamente no quarto do alferes, e gritava com arreganho marcial:

— Meu alferes!

— Que é?!

— São horas de v. s.ª se levantar.

— Vae-te p'r'ó diabo! Deixa-me dormir.

— Meu alferes...

— Deixa-me!

— São horas de v. s.ª se levantar.

— Ah! elle é isso!

E o alferes, estendendo um braço até ao chão, procurava uma das botas. Logo que a encontrava, sen-

tava-se na cama, atirava com a bota ao *impedido*, o qual dava meia volta á esquerda, e saía do quarto.

Mas como o alferes nunca chegasse a horas ao quartel, o commandante reprehendeu-o asperamente.

Então disse o alferes ao *impedido:*

— Anda cá, rapaz. Tu precisas descobrir um meio qualquer de me fazer levantar da cama sem teres que levar com a bota.

— Isso não é nada facil, meu alferes!

— Bem sei, mas é preciso que se faça. Tu não tens ideia nenhuma?

— Só se v. s.ª deixasse de usar botas.

— És tolo! Procura outro meio.

— Hei de vêr se encontro, para obedecer a v. s.ª

A' noite, noite alta por certo, quando o alferes recolheu a casa, perguntou ao *impedido:*

— Então! Descobriste?

— Descobri, sim, meu alferes.

— O que foi?

— Isso agora é que eu não digo, para o meu alferes não estar prevenido.

— Pois bem! vamos a ver com que te saies.

Pela manhã, o *impedido,* depois de se ter munido de um martello, entrou de gatas no quarto do alferes.

Arrastando-se, foi metter-se debaixo do leito e, ali intrincheirado, começou a bater com o martello para cima: traz, traz; bumba, bumba.

Desesperado, o alferes sentou-se na cama, sem perceber ainda, meio tonto de somno, o que significava aquillo.

— O que é? Quem está ahi?

Só lhe respondia o martello: zás que zás; bumba que bumba.

Então o alferes, lembrando-se do que o *impedido* dissera, percebeu o que se passava.

Agarrou n'uma bota, debruçou-se e atirou-a para debaixo do leito.

O martello continuava a martellar: zás que zás; bumba que bumba.

Cada vez mais desesperado, o alferes agarrou n'outra bota, e arremessou-a na mesma direcção.

O barulho continuava. Chegou n'aquella occasião o alferes a ter pena de não possuir quatro pés para dispôr de quatro botas. Acabou por levantar-se, de muito mau humor, é certo; mas não teve remedio senão fazel-o.

— Podes sair agora d'ahi, gritou elle ao *impedido*.

— N'essa não caio eu, porque se nenhuma das botas acertou, pode acertar algum dos pés.

O alferes riu-se, preparou-se, almoçou e foi a horas para o quartel.

A questão é ter a gente algum modo de conseguir o seu intento...

Oxalá que o leitor, lendo esta chronica, ria como o alferes e acabe por confessar, como elle, que tudo se pode conseguir, d'esta ou d'aquella arte, comtanto que se disponha de um instrumento de lucta — por exemplo, um martello!

Setembro de 1897.

VII

Despedida

Deixar o meu hotel de Espinho é o mesmo que deixar a Hespanha; e faço-o com verdadeira saudade.

Não é que me encantasse Madrid ou que me endoidecesse Sevilha.

Eu não cheguei a passar a fronteira de Portugal, mas é certo que durante um mez conversei em Madrid, discuti em Sevilha, ri em Badajoz... sem lá ter ído.

Não conheço maneira mais commoda de viajar.

Inventei uma Hespanha para meu uso no *Hotel Braganza*, onde tudo é hespanhol, o proprietario, D. Antonio Fernandez, os hospedes, os criados, a cosinha e os palitos.

Confesso francamente que me soube muito bem a conversação e a cosinha dos hespanhoes, que me inte-

ressaram agradavelmente o *salero* e o colorau, os olhos das *señoritas* e os pimentos, a alegria e o chocolate, de que principalmente vivem os nossos visinhos de Hespanha.

Apesar das más noticias de Cuba e das Filippinas os hospedes hespanhoes sorriam ao almoço passando os olhos pelo *Imparcial* e os beiços pelo chocolate.

—*Esto de Cuba és mui grave!*

E com um gole de chocolate sumiam em si mesmos a tristeza que lhes causava o verem que os negocios de Cuba são effectivamente muito graves.

—*Esto de las Filippinas és más una complicacion abominable.*

E lá vão mais umas centenas de soldados acudir ás Filippinas, para atalhar o incendio da insurreição. Comtudo uma photogravura da *Barcelona Comica* ou do *Blanco y Negro* alegrava de repente os hespanhoes, como se as Filippinas se conservassem mais fieis á Hespanha do que um cão a seu dono.

Que vitalidade de patriotismo! que nervura de nacionalidade, na hora do perigo!

Parecia que tanto as *señoritas* como os *muchachos* estavam convencidos de que os banhos de mar, que elles proprios tomavam, haviam de dar saude á Hespanha, e de que, refrescando-se a si mesmos, refrescavam tambem a fé na patria, e a esperança da victoria sobre Cuba e as Filippinas.

O nosso Garrett tinha carradas de razão quando dizia que se não pode ser grande sem crêr em algu-

ma coisa. Os hespanhoes crêem na Hespanha e, além da Hespanha, crêem em Deus. Fóra d'isto não acreditam em mais nada, nem precisam. Dentro do seu paiz, ainda que duramente experimentado nos ultimos tempos por terriveis calamidades, a esperança não os abandona nunca, porque sobre o seu paiz vêem Deus a olhar para elles, promettendo-lhes protecção e amparo. E quando um hespanhol se propõe viajar, como fizeram aquelles que tive por companheiros de hotel, levam a Hespanha no coração e Deus na consciencia: eis a sua bagagem.

Sente-se a gente mais forte privando com um povo forte. Alegra-se a gente convivendo com gente alegre. Nós, os portuguezes, somos desanimados e tristes. Para nos inspirarmos na força alheia precisamos vêr de vez em quando um leão, e para nos alegrarmos carecemos de ouvir cantar. Quanto ao leão... eu via todos os dias o de Castella; e a respeito de cantar, não ha povo que mais cante fallando do que os hespanhoes.

A mesa do jantar funccionava como uma companhia de *zarzuela* em *tournée* de verão. Uma *tiple* de vinte annos contava casos alegres da Assembléa queixando-se de que os *muchachos* não pudessem aproximar-se das senhoras para conversar, porque, por uma sabia resolução estupenda, as cadeiras estão pregadas ao soalho. Um *tenor* de trinta annos ensaiava uma aria de louvor á paisagem do Palacio de Crystal, do Porto, que tinha ido vêr e que o encantara. Um *barytono* de cincoenta garganteava impressões da guerra

de Cuba terminando por uma nota grave em honra de Deus Nosso Senhor, protector das Hespanhas.

— *Que venga el chocolate, Ramon.*

Ao lado d'esta *zarzuela* ambulante, que almoçava cantando, e parecia jantar ao som da musica da *Gran Via*, funccionava uma companhia de *niños*, que tambem diziam tudo por musica, e descascavam *melocotones* fazendo da faca batuta para reger um *Passecalle*.

Floriam alegres os rostos das hespanholas e dos hespanhoes, como se tivesse chegado a noticia de que a ilha de Cuba se rendêra; mas no meio d'esta graciosa vegetação de physionomias que sorriam, apparecia de onde a onde plantado um cypreste funebre: era algum portuguez, que nem sorria nem cantava.

Não ha ninguem que saiba ser mais delicado do que um hespanhol que o seja; mas tambem não ha ninguem mais grosseiro do que um hespanhol que não seja delicado.

Felizmente, á mesa do *Hotel Braganza*, eu só encontrei, durante mais de trinta dias, hespanhoes amaveis, primorosos no trato intimo, tendo sempre uma phrase composta para doirar uma idéa amarga.

Em vez de nos chamarem cruamente macambuzios, tinham a delicadeza de dizer — que nós outros, os portuguezes, possuiamos um caracter muito concentrado.

Vejam se é possivel encontrar outra maneira de não faltar á verdade sem faltar á cortezia!

A historia das cadeiras da Assembléa, pregadas ao chão, irritava muito as *señoritas*, que, aliás, sabiam disfarçar a suspeita de que houvesse sido tomada aquella sabia resolução estupenda com receio de que a Hespanha, cansada da guerra de Cuba, nos quizesse levar as cadeiras, para descansar alguns minutos.

O hespanhol é, como se sabe, a creatura mais inquieta do mundo inteiro. Pode, portanto, imaginar-se o que lhe custaria ter de estar sentado n'uma cadeira fixa.

— *Tienen usteds un caracter mui concentrado... hasta en las sillas del Casino.*

E, em verdade, não pode haver uma cadeira mais concentrada do que uma cadeira que se agarra ao chão, como um tolo á sua mania, e que d'ali não é capaz de sair senão á força de martello.

A colonia hespanhola poderia dizer que os auctores de tão sabia resolução faziam uma falsa ideia do que é a vida dos salões, onde, para conservar a animação, é preciso que as cadeiras vôem para onde os olhos as chamem, e que não ha amor que resista a plantar-se de pé, n'uma evidencia ridicula, deante de uma dama convertida em guarita junto de um soldado de arma ás costas.

Poderia dizer, mas não o disse nunca, e contentava-se com observar, amavelmente penalisada, que os portuguezes tinham um caracter muito concentrado... até nas *sillas*...

Que fidalguia de critica!

Uma das *señoritas* não gostava de dançar quadri-

Ihas marcadas, nem valsava. D'ahi o ter de passar todo o mez de agosto sentada n'uma cadeira, que nem sequer podia mover.

Pois não lhe ouvi nunca um remoque, um queixume, contra as manobras choreographicas das quadrilhas, e parecia divertir-se de vêr as outras senhoras bailando.

Como tambem não valsava, as noites de *cotillon* não eram para ella seguramente as mais divertidas.

Apesar d'isso, parecia sinceramente alegre quando sobre a fachada d'Assembléa apparecia o pavilhão encarnado, facto que traduzido em vulgar significa na linguagem symbolica de Espinho: «Participa-se ao mundo que se acha a bordo Sua Magestade o *Cotillon.*»

Pois a encantadora *señorita*, quando via hasteado o pavilhão, fazia *toilette* de gala, punha nos seus lindos cabellos pretos uma rosa, queria saber quantos pares estavam inscriptos, quantas marcas haveria, quem as offerecêra, se algumas teriam novidade, e admirava-se de que as senhoras portuguezas passassem o dia sem fallar no *cotillon.*

— *Tienen usteds un caracter mui concentrado... pero el cotillon és precioso!*

Uma estimavel senhora de Mérida, mãe de trez *niños* graciosissimos, como já estava na reserva, evitava os assumptos galantes, mas não perdia occasião de dizer a Portugal coisas amaveis. Por exemplo:

— *El salon de Espinho es lo mayor del mundo.*

E se pediamos licença para lhe observar que Lisboa tambem era mundo, e que havia em Lisboa a *sala do risco*, maior ainda que o salão de Espinho, respondia de modo a não contrariar o que tinhamos dito, nem o que ella propria dissera:

— *Lo acredito. Pero el Casino está mui bien decorado.*

N'este ponto não tinhamos que constestar rasoavelmente, porque a sala da Assembléa de Espinho passou ultimamente por uma transformação agradavel no respeitante a mobilia.

Agora que nos despedimos d'essa estimavel colonia, entre a qual vivemos durante a nossa temporada de praia, fazemos votos, sinceros e ardentes, porque o Deus protector das Hespanhas suspenda a serie das terriveis calamidades que téem pesado ultimamente sobre o paiz visinho.

Oxalá que os olhos das damas hespanholas não tenham que chorar mais lagrimas pela morte de outros parentes sacrificados em Cuba na defesa da patria.

Porque a verdade é que muitas das nossas encanadoras visinhas vieram este anno a Espinho vestidas de luto.

É escusado perguntar a rasão.

As balas dos separatistas cubanos explicam-n'a.

Os hespanhoes amam as côres vivas e garridas, de que a sua bandeira nacional dá o exemplo. Só uma desgraça de familia ou da patria os póde obrigar a envolverem-se em crepes.

Pois bem, praza a Deus que a Hespanha, dando por bem empregado o sangue que derramou, possa, dentro em pouco, readquirir a sua antiga alegria, voltar ao brilho das suas côres flammantes, tranquillisar-se e prosperar.

Deus proteja a Hespanha.

Setembro de 1896.

IX

MATTOSINHOS E LEÇA

I

O porto de Leixões

Quando eu estive em Mattosinhos, ha cêrca de dez annos, tinham apenas começado as obras do porto de Leixões.

Este melhoramento, que o commercio portuense pedia como pão para a bôca, era ainda uma creança recem-nascida, a cujo baptisado eu assistira em S. Bento, não como simples convidado, mas como um dos numerosos padrinhos, que a fizeram christã.

E por signal que, como ás vezes acontece nas festas de aldeia, aquelle famoso baptisado notabilisou-se pela bordoada de crear bicho com que a moirama da opposição desancou o pai da creança, os padrinhos, as madrinhas, e até a propria creança.

Mas, n'essa renhida lucta travada entre os christãos governamentaes e os moiros opposicionistas, quem venceu foram os christãos, por se acharem em maio-

ria — uma das mais compactas maiorias que téem ido a S. Bento.

Ao passo que nas duas casas do parlamento fervia a bordoada oratoria, jogada com alma pelos mais celebres pimpões do partido progressista, o Porto deitava foguetes, que se ouviam ao longe, e mandava dizer pelo telegrapho para Lisboa aos christãos governamentaes: «P'ra frente é que é o caminho, rapaziada! Vamos a fazer do Porto, que tem uma pessima barra, um rival de Vigo, que possue uma bella bahia.»

Ora, annos depois, quando eu vim a Mattosinhos, a creança, que eu ajudára a baptisar, estava ainda embrulhada nas faxas infantis, muito engoiadinha, fazendo descrêr a gente de que pudesse vir a ser algum dia um senhor porto artificial digno de vêr-se.

Lembro-me bem de que por essa occasião contei algures a conversação que, a respeito das obras de Leixões, travei com um velho lobo do mar, que já Deus lá tem agora.

Muito sceptico, disséra-me esse experiente maritimo de barbas brancas e cachimbo na bôca:

— Olhe, senhor, isto não póde ir por diante, porque a fortaleza do mar é muita, e ha-de desfazer tudo o que os homens fizerem.

Fallaria do mesmo modo qualquer dos nossos avós a quem se dissesse que chegaria um dia em que o pensamento havia de voar de um continente a outro nas azas da electricidade, e em que o caminho de ferro devoraria as maiores distancias com uma rapidez vertiginosa.

Era a voz da rotina a clamar contra as innovações do progresso, e a defender a integridade de uma praia que estava sendo invadida por uma chusma de operarios, de que as raparigas de Mattosinhos e Leça poderiam gostar, mas que os velhos maritimos d'estas duas praias consideravam como uma horda de vandalos.

Comtudo, alguma verdade havia nas palavras d'aquelle lobo do mar, de barbas brancas e cachimbo na bôca.

Não se dóma facilmente o oceano, não se modifica, sem ter que vencer grandes difficuldades, a obra espontanea da natureza.

Mas a sciencia, a engenharia hydraulica, confiada nos seus poderosos recursos, ia encetar a lucta com o oceano, e estava certa de vencel-o, não sem violentas refrégas e frequentes conflictos com tão valoroso adversario.

Por sua parte, o mar revirava o dente á hydraulica, procurava rehaver o terreno que a sciencia lhe conquistava, e, apesar de ficar vencido na lucta, ainda não está resignado com a derrota, ainda de vez em quando, como aconteceu o anno passado, se arremessa em furia contra o porto de Leixões para desfazel-o. N'essa ultima investida do oceano, o mólhe norte soffreu grandes avarias, ficou muito arruinado.

Voltando agora a Mattosinhos, o meu primeiro cuidado foi ir vêr o porto de Leixões, que ha dez annos tinha deixado no berço.

Pois, senhores, está um homem feito... perdão!

está um porto artificial não direi perfeito, para não metter a foice na seára dos engenheiros, mas acabado.

Passei todo o mólhe sul, que é dividido em dois paredões, sendo o superior revestido de um parapeito d'onde se avista, sobre o mar, um panorama encantador.

Descobre-se d'ali toda a casaria alvejante de Leça e Mattosinhos, duas povoações distinctas, separadas pelo rio que deu o nome á primeira d'estas povoações, mas que, vistas do mólhe, offerecem a illusão de estar unidas, de serem uma povoação unica e extensa.

Na direcção da barra, apinhôam-se sobre a margem direita do Douro as edificações da Foz, que é hoje nada menos que uma bonita cidadesinha balnear, onde o branco dos muros e das casas sorri batido alegremente pela luz do sol.

Para o sul, na corda do litoral, avistam-se, quando o dia está claro, as praias da Granja e de Espinho alvejando dentro dos pinheiraes, que um tapete de areia loira separa do mar.

E, enchendo o resto do horizonte, como um gigante ufano da sua vastidão, desdobra-se o oceano, em toda a plenitude da sua força e da sua magestade.

É bello, é grandioso o panorama.

Mas olhêmos agora para o interior do porto de Leixões.

A impressão que eu recebi foi a de uma solidão onde a agua parece adormecida n'uma vaga melancolia azul, muito sonhadora e pensativa.

No primeiro dia em que visitei o mólhe apenas estava fundeado no porto um vapor extrangeiro.

Pobre vapor! parecia aborrecido de se vêr ali tão só, sem ondas e sem companheiros.

Não se enxergava ninguem a bordo, a tolda estava deserta, não havia da prôa á pôpa o menor indicio de vida.

No segundo dia em que voltei ao porto de Leixões, o numero dos vapores ali ancorados tinha augmentado um pouco. Eram trez, sendo dois d'elles inglezes. Havia mais algum movimento a bordo d'estes dois vapores, mas o primeiro continuava adormecido na mesma tristeza inerte. Tive vontade de o ir accordar.

Por ser dia santo, dia de S. Pedro, alguns botes de recreio bordejavam á vela dentro da bahia. Sentados ao leme, viam-se rapazes inglezes, fortes e rubros, que gostam immenso de viver todo o anno em Mattosinhos e Leça, em Leça principalmente.

A agua é o seu encanto d'elles. De manhã logo, tomam banho no rio ou no mar, quando não tomam successivamente banho no rio e no mar.

Depois de almoço vão para o Porto trabalhar nos seus escriptorios, muito entretidos durante todo o caminho a fumar e a lêr dentro do *americano*, sem dar palavra a ninguem.

Ao fim da tarde, vão barquear para a bahia, remando elles proprios com pulso de ferro ou dando grandes passeios uns com os outros e com os seus cães de caça.

No bordo interior do mólhe havia muitos homens do mar, que se entretinham pescando á linha ou á canna.

E' um divertimento dos velhos maritimos.

Sentei-me ao pé de um dos pescadores, e procurei fazel-o fallar.

—Isto, disse-me elle, é o meu maior prazer. Tenho ali em Mattosinhos uma lojinha de commercio, mas deixo a mulher ao balcão e venho para aqui entreter-me todos os dias.

N'isto interrompia-se para levantar rapidamente a canna, de cujo anzol pendia um pequeno peixe que se debatia em desespero.

—Não é uma faneca? perguntei eu.

—É uma faneca, sim, senhor. D'aqui a dias chega o tempo do chicharro, e então é que a pesca dá gosto.

E ia pondo a isca no anzol, recalcando-a, amassando-a cuidadosamente com a cabeça do dedo pollegar.

—O senhor verá, continuou elle, a gente que para aqui vem pescar depois do meiado de julho. Está todo este peredão cheio. Até senhoras!

—Sim? As senhoras tambem vem pescar á linha?

—Muitas! Á linha e á canna. Por tal signal que é preciso a gente acautelar-se para não apanhar com as cannas pela cara.

—Veremos isso. E eu mesmo já sinto vontade de me fazer pescador tambem.

Sim, querido leitor, a gente ali, á beira do porto artificial de Leixões, tem vontade de ser pescador... para fazer alguma coisa. Se não fôr isso, morre-se de melancolia, porque o porto tem escasso movimento,

parece adormecido, á espera que o transformem de simples porto de abrigo em porto commercial.

Mas para que esta necessaria transformação se realize é preciso gastar dinheiro, ligar a bahia com a alfandega por meio de um caminho de ferro.

O que está feito serve de pouco, é, no meu entender, apenas meia obra, falta completal-a, e isso ha-de vir com o tempo, quando houver dinheiro, sabe Deus quando será!

Quero concluir a descripção do mólhe sul fallando do titan, que serviu para guindar os blócos e sobrepôl-os formando a muralha. É, como o seu nome indica, uma machina colossal, que se avista de toda a parte e que, atravessado no ar, riscando o azul do ceu, faz lembrar um cetáceo morto, immovel, com uma casinhola de madeira sobre o lombo.

É uma balêa de ferro que, do alto, parece contemplar o oceano saudosamente.

Á entrada da bahia, na extremidade do mólhe sul, está-se construindo o pharolim, que eu tantas vezes pedi no parlamento, por ser indispensavel á orientação dos pescadores que, durante a noite, correm o perigo de ir esbarrar as suas lanchas d'encontro á muralha.

O porto de Leixões prejudicou as antigas praias de banhos de Leça e Mattosinhos, que ficaram mettidas dentro d'elle.

Foi, portanto, preciso, tanto em Mattosinhos como em Leça, improvisar novas praias, e direi de passagem

que a de Mattosinhos é excellente, melhor talvez que a antiga.

Junto ao porto passa o ramal da linha da Povoa, que por ora não tem ainda estação, mas que deve dar interesse á companhia, não propriamente pelo movimento do porto, que é insignificante, mas pelo transporte de peixe para o consumo da cidade.

II

Ainda o porto de Leixões

Volto a fallar do porto de Leixões, porque elle está agora sendo muito visitado ou, antes, muito passeiado pelos banhistas de Mattosinhos e Leça.

O mólhe sul é o preferido para o passeio vespertino, especialmente pela colonia balnear de Mattosinhos, não só por ser o que lhe fica mais proximo, mas tambem por ser o menos incommodo.

As ondas não ousam transpôr este mólhe, galgal-o de um salto. Respeitam a muralha, quebrando nos blócos que, encostados uns aos outros, a reforçam, e que ainda assim não são bastantes a garantir a segurança da construcção.

O mar, ao sul do porto de Leixões, é por via de regra tranquillo, tão tranquillo que alguns vapores fundeam fóra do mólhe, mas ao abrigo d'elle, para evitar a despeza que teriam de fazer se entrassem no porto.

Pelo contrario, o mar que bate na muralha do norte é bravo, revôlto — é esse mesmo mar sempre irrequieto, que banha a Povoa e as Cachinas e que de lá vem correndo em vagalhões para se despedaçar d'encontro áquella muralha.

E' certo que o mólhe norte, como disse na minha carta anterior, foi ha dois annos muito maltratado pela braveza do mar durante o inverno. O temporal soprou tão violentamente, que ainda hoje, depois de concertado o mólhe, restam alguns vestigios da devastação. O titan está em terra, como um gigante prostrado; ou antes, tanto está em terra como dentro d'agua, porque pende inclinado do mólhe para a bacia, meio descoberto e meio afundado.

Não sei por que o não levantam para salval-o. Cousas portuguezas. Caiu? Deixal-o cair. O mar, quando vier uma nova tempestade, se encarregará de dar cabo d'elle.

Não se póde passeiar impunemente pelo mólhe norte. As ondas, passando por cima da muralha, encharcam os passeiantes, dão-lhes um banho forçado, applicam-lhes uma *douche* valente.

Os grandes rolos de espuma, que do norte vem galopando vertiginosamente, embravecem ainda mais quando encontram, junto ao mólhe, os penedos que, denominando-se *Leixões* (pedras grandes), déram nome ao porto artificial.

E, tomando ahi maior furia, apagam-n'a n'um arranco feroz, em que a agua espadana e a espuma salta em flócos, ao quebrarem-se na muralha.

Ai de quem passeia sobre o mólhe no momento em que as ondas se despedaçam, porque vem de lá com o seu claro fato de verão sarapintado de pingos d'agua e com as abas do chapeu de côco a chorarem como beiral de telhado depois de rijo aguaceiro.

E' n'este mólhe que se acha estabelecida a delegação da alfandega, e é junto a elle que fundeám os navios em observação sanitaria.

Aos quarentenarios é permittido passeiar no mólhe, e certamente não terão muita vontade de o fazer, porque o banho é certo, o baptismo infallivel.

Ha uma communicação, disseram-me, entre o mólhe norte e as pedras de Leixões, mas eu não a vi ainda, porque as ondas a cobrem quasi sempre. O que eu vi foram as escadas e a porta que dão saída para essa communicação. Ainda cheguei a descêr alguns degraus, mas recuei por ter encontrado na minha frente as ondas, que galgavam escada acima, e tapavam a porta com um denso reposteiro de espuma, através da qual brilhava, como ouro fôsco, um poente de gemma de ovo.

Era bello esse relance, tinha o que quer que fôsse de phantastico; fazia acudir ao espirito a lembrança, a vaga recordação dos *Homens do mar*, de Victor Hugo. O panorama das povoações do litoral, Leça, Mattosinhos e Foz, é muito mais pittoresco visto do mólhe norte que do mólhe sul.

N'uma palavra, tudo concorreria para dar preferencia ao passeio n'aquelle mólhe se não fôsse o inconveniente, quasi certo, de uma aspersão incómmoda.

Por isso, attendendo a que o mar ao sul é dotado de melhor genio, um mar pacato, para uso dos passeiantes, toda a affluencia de banhistas, no seu passeio vespertino, converge para o mólhe sul.

Todavia, os blócos que refórçam este mólhe não são ainda bastantes; é preciso augmentar-lhes o numero, o que não ha-de custar pouco dinheiro.

Por conta de quem correrá essa despeza? Eis a questão.

Os empreiteiros allegam que, tendo vindo ao porto uma commissão de engenheiros logo depois d'elle construido, apenas notaram a falta de alguns pequenos reparos para maior solidez, e que esses reparos foram logo feitos.

Portanto, allegam ainda, essa vistoria constituiu uma *posse provisoria*, desde o momento em que o porto foi julgado em condições de poder funccionar, embora se não tivesse lavrado a competente acta. Cousas portuguezas tambem.

Por sua parte, o ministerio das obras publicas allegou em tempo, quando se reconheceu a necessidade de reforçar com novos blócos o mólhe sul, que a vistoria não significava a posse, e que nem mesmo havia acta por onde se pudesse provar que o Estado havia tomado conta do porto.

A isto responderam os empreiteiros dizendo que estavam promptos a fazer as obras, mas que o governo lh'as havia de pagar, porque desde que a junta de engenheiros apenas exigira certos reparos, e elles foram feitos, se subentendia que o Estado tomára posse

do porto por o julgar definitivamente concluido. Foi n'este pé que o sr. conselheiro Bernardino Machado deixou a questão, quando saiu do ministerio das obras publicas.

S. ex.ª não quiz reconhecer o direito que os empreiteiros allegavam, mas parece que a respectiva repartição hydraulica não pensou nunca do mesmo modo.

O que é certo é que o porto de Leixões pertence e não pertence ao Estado: pertence-lhe, porque é o Estado que cobra o rendimento do porto; não lhe pertence, porque o Estado não tem ainda nas suas mãos um documento authentico da posse.

O negocio está suspenso, os empreiteiros obstinam-se e o ministerio das obras publicas não resolveu por emquanto o assumpto.

Mas os technicos exigem, para segurança do porto, o prompto reforçamento do mólhe sul, pague a despeza quem houver de a pagar em melhor direito, sejam os empreiteiros ou seja o Estado.

Parece que ha já projectos, se não pedidos, para a construcção de dockas e de um caes acostavel, ao sul. Se estas obras vierem a fazer-se, e o porto de Leixões fôr ligado á linha ferrea do Minho e Douro por um ramal (a que já ha pretendentes, segundo consta tambem), o movimento do porto será decerto muito mais importante, Leixões deixará de ser apenas um porto de abrigo para ser tambem um porto commercial.

E' muito trabalhoso e dispendioso o modo por que

hoje é conduzida a Leixões a carga que os paquetes aqui téem de receber. Essa carga, se é de vinho, vem directamente de Villa Nova de Gaya em barcaças, que navegam difficilmente, e que correm o risco de afundar-se. A outra carga procura ordinariamente o ramal que a companhia do caminho de ferro da Povoa estabeleceu da Senhora da Hora para Mattosinhos, mas tem de soffrer duas baldeações — uma das carroças para a estação da Boa Vista, no Porto; outra, da estação da Senhora da Hora para o ramal de Mattosinhos.

Este processo, o melhor a seguir para o transporte pela via terrestre, é moroso e dispendioso.

Cada um dos grandes paquetes que chegam ao porto de Leixões recebe a bordo um consideravel numero de emigrantes. Os registos da administração do concelho mostram que só no anno de 1893 embarcaram em Leixões mais de dez mil pessoas com destino ao Brazil.

A entrada e saída d'esses paquetes constitue um divertimento para os banhistas de Mattosinhos e Leça, que chegam a passar longas horas sobre os dois mólhes do porto, especialmente no do sul, esperando que os paquetes entrem ou saiam.

E todavia esse divertimento não deixa de ter a sua nota triste, commovente. Muitos botes se aproximam dos paquetes conduzindo as familias dos emigrantes, que vão despedir-se d'elles. Lenços brancos fluctuam no ar, dizendo adeus, quando os paquetes levantam ferro, e dão morosamente a volta para aproar

á bôca do porto. Ouve-se ás vezes, quando o tempo está sereno, chorar de rijo, gritar dolorosamente: é alguma pobre camponeza que vê partir o filho n'esse terrivel momento. Estas scenas de lagrimas repetem-se pelo menos todas as semanas.

Tambem é frequente vêr desembarcar de um bote, no meio de dois policias civis, um emigrante que fôra apanhado a bordo sem passaporte.

Finalmente, a eterna questão da emigração, de que tanto se falla em S. Bento, e que, hoje mais do que nunca, é difficil de resolver, offerece-se aqui á observação dos banhistas com os seus pungentes aspectos.

Muitos dos passageiros dos paquetes saltam em terra, vão vêr a Foz e o Porto. Outro dia desembarcou do *Gallicia,* que se demorou em Leixões algumas horas, uma ingleza de cabellos louros e olhos pretos, uma verdadeira raridade, que deixou encantadas todas as pessoas que a viram.

Essa formosa *miss* tinha Albion nos cabellos, e a Peninsula Hispanica nos olhos.

Na cabeça, nas tranças doiradas que poderiam causar inveja a Daphne, era bem do norte; mas pelos olhos negros, ao mesmo tempo brilhantes e languidos, pertencia ao sul.

Até o meu amigo João Pereira Teixeira de Vasconcellos, que está aqui a banhos, e que foi a bordo do *Gallicia,* teve de confessar que em Amarante, n'aquella Amarante de que elle é tão zeloso represen-

tante e defensor, não havia uma cara tão bonita e suggestiva de tentações cosmopolitas.

Eu, felizmente, não estive a bordo do *Gallicia*, nem vi a bella ingleza. Digo *felizmente*, porque ha espectaculos que são tão agradaveis como incómmodos. E esse pertencia a este numero.

III

Os inglezes e o Porto

Os inglezes sempre gostaram muito do Porto, e o Porto sempre gostou muito dos inglezes.

Mas, a julgar pelo que tenho observado, as tendencias anglóphilas dos portuenses infiltraram-se de tal modo na geração moderna, que chega a ser difficil ás vezes distinguir um portuense de um inglez.

O espirito de imitação, mas de imitação involuntaria, não paródia propositada, resultado de uma antiga tradição, manifesta-se nos costumes dos rapazes do Porto, que vestem na sua maior parte á ingleza, usando fatos claros e largos; que se entregam a exercicios de força e agilidade, á velocipedia principalmente; e que logo que entram n'um carro americano, com destino á Foz ou Mattosinhos, abrem um livro e mergulham n'elle o olhar, como todo o bom inglez em viagem.

Em Lisboa não é muito vulgar que um *tramway*,

que vae seguindo para Algés, se converta em gabinete de leitura ambulante.

Não! Um ou outro passageiro desdobra deante dos olhos qualquer jornal, e passa-o apenas pela vista. Os outros conversam, e os que não conversam vão entretidos a observar o caminho, os trens que passam, e a gente que vae dentro dos trens.

Todo o lisboeta gosa sempre um certo encanto em contemplar o Tejo, quando passa á beira d'elle, desde o Aterro até Algés. E a vista do mar, no Estoril e Cascaes, absorve-lhe a attenção, é para o lisboeta um espectaculo attraente.

O portuense, muito inglezado nos seus costumes, dá pouca attenção ou mesmo nenhuma ao rio Douro, quando transita na linha americana que o margina; e não se importa sensivelmente com o mar, quando, viajando pela linha que aqui se chama *de cima*, principia a avistal-o na Foz, em caminho de Mattosinhos.

O portuense faz essa pequena viagem lendo, e parece que a faz só para lêr. Não repara em quem entra ou em quem sae, senão muito disfarçada e ligeiramente por cima do seu jornal ou do seu livro; e não conversa com um conhecido senão trocando com elle algumas phrases com que rapidamente interrompe a leitura para reatal-a tantas vezes quantas a interrompe.

Como saltar dos americanos, quando vão em marcha, é um exercicio de destreza, principalmente se a tracção é feita a vapor, todo o rapaz portuense salta de um carro ou sóbe para elle sem esperar que a machina pare.

D'aqui uma longa serie de desastres, pernas partidas, corpos dilacerados, mortes horrorosas, como ainda aconteceu ha poucos dias, em Gondarem, na Foz.

O filho de um capitalista portuense, vindo na platafórma de um carro americano, que era puxado a machina, saltou para subir á platafórma de outro carro, que seguia em direcção opposta. Caiu e foi colhido pela machina do comboio para onde queria saltar. Este desastre causou uma grande sensação, porque victimou um rapaz a quem nada faltava, nem mesmo o dinheiro, para ser feliz.

E note-se que nem só os rapazes téem pago o seu tributo á morte por causa d'este genero de imprudencias. Ha annos, morreu assim um velho advogado, que gosava de bons créditos no fôro, por ter saltado do carro, em frente de sua casa, quando a machina ia em marcha.

O martyrologio da linha americana de Mattosinhos é já muito avultado, não tanto por causa da machina que arrasta os comboios, como pelo habito inconsciente de exhibir dotes de agilidade e firmeza.

O inglez vive dentro do Porto e nos arredores do Porto sem sentir saudades da patria. Está bem, aclimou-se, é como se fosse um indigena. A todos os arredores do Porto prefere Leça da Palmeira, que é uma colonia britannica, onde a ingleza passeia, e o inglez reina, nada e caça.

Ha no aspecto da povoação de Leça o que quer que seja de melancolia, que principalmente provém

da visinhança dos pinheiraes solitarios e do rio dormente. Mas partem de Leça boas estradas, que convidam á marcha, tão predilecta dos inglezes; o rio é uma tina sempre cheia para o banho de agua fria, que os inglezes apreciam tanto no inverno como no verão; e a facilidade da viagem ao Porto, onde os inglezes téem os seus escriptorios, converte Leça n'um bairro affastado, onde se póde habitar sem se estar muito perto nem muito longe do Porto.

Aqui tenho assistido ao banho quotidiano dos inglezes no rio Leça.

As manhãs de junho estiveram frias, nevoentas. Á beira do rio havia uma humidade, que fazia espirrar. Pois, não obstante, os rapazes inglezes saíam das suas barracas vestidos com um fato de malha, que lhes deixava as pernas e os braços inteiramente livres para a natação; e conversavam pausadamente uns com os outros, de pé, esperando que todos estivessem promptos.

O relevo dos musculos desenhava-se como no corpo d'esses luctadores de circo, que nós conhecemos pela reproducção das esculpturas romanas. Os pés, muito desenvolvidos, offereciam uma solida base ao peso do corpo. Quando o ultimo inglez saía da barraca, todo o grupo ia saltando successivamente para dentro d'agua, de cabeça para baixo. Cada inglez desapparecia n'um longo mergulho, para reapparecer depois com as faces infladas e escarlates, ao lume d'agua. E, nadando para terra, o inglez subia a pequena escada de madeira, para uso dos banhistas, e tornava a dar novo sal-

to e novo mergulho, para tornar a subir, e para tornar a saltar e a mergulhar.

Alguns dos rapazes inglezes levavam comsigo uns canitos, que ladravam alegremente ao vêr a folia dos donos. E os donos, pegando nos canitos pelo gasnete, arremessavam-n'os ao rio, e esperavam que elles chegassem a terra, para arremessal-os outra vez.

O banho dos inglezes, cortado por todos estes pittorescos episodios, durava uma hora pelo menos.

E quando os inglezes saíam das barracas, vestindo um leve frack, aberto no peito sobre a camisa de oxford, marchavam vigorosamente para casa, n'um passo largo e forte, fumando e conversando. Os canitos iam aos saltos adeante d'elles, pulando-lhes ás mãos, dando cambalhotas, mostrando-se frescos e alegres como os seus donos.

Era dentro d'agua que os rapazes portuenses ficavam prejudicados pelo confronto com os rapazes inglezes. Os primeiros queriam nadar; os segundos nadavam. Os primeiros mergulhavam pouco; os segundos mergulhavam sempre. E ás vezes um inglez carregava na cabeça de um portuense, seu amigo e collega no commercio, obrigando-o a desapparecer debaixo d'agua, e rindo da atrapalhação em que o mettera.

Mas quando uns e outros partiam para casa, depois do banho, a differença desapparecia pelo que respeita ao passo e ao fato, subsistindo apenas no tocante á coloração das faces. O inglez ia córado; o portuense ia pallido. Aquelle poderia repetir o banho sem nenhum constrangimento; o portuense iria para

dentro de agua se o inglez tambem fôsse, mas faria n'isso um sacrificio, que lhe prejudicaria a saude.

Até á questão do *Ultimatum*, portuguezes e inglezes viviam em commum no club de Leça. Mas a orticária do patriotismo, de que fomos atacados por essa occasião, chegou tambem a Leça e fez que os inglezes tivessem de abandonar o club commum para irem constituir um club privativo.

Mas a epidemia passára, os ares abonançaram-se, a harmonia restabeleceu-se. Comtudo os dois clubs ficaram subsistindo em memoria d'aquella instantanea separação de colonias.

Inquestionavelmente, o portuense aprendeu com o inglez a ser methodico, trouxe do escriptorio do inglez, onde porventura foi caixeiro, o habito da regularidade na hora de chegar a casa, de sentar-se á mesa de jantar, e de sair do club.

O relogio é quem governa no Porto, á ingleza. O tempo é dinheiro: perdel-o é perder interesses. Se o caixeiro, que está no Porto, não vê chegar ao escriptorio, á hora do costume, o patrão, que está a banhos em Mattosinhos, fica suspeitando logo que o patrão teve uma grande arrelia ou que a senhora do patrão teve mais um menino.

O lisboeta, sentado á mesa do jogo, pára para conversar. O portuense, que joga o bóston, o voltarete ou o solo, só trata de jogar... emquanto joga. Quando chega a «sua hora» vai para casa, ainda que o voltarete esteja enremissado. As remissas ou se dividem ou ficam para o dia seguinte.

Aqui, em Mattosinhos, a praia de banhos anima-se logo de madrugada. O commerciante vai tomar banho muito cedo, porque tem de almoçar e de ir para o Porto, a fim de dar entrada no seu escriptorio ou no seu estabelecimento á hora do costume. Passam as semanas, succedem-se, e o portuense não falta um só dia no Porto, não faz uma *gazeta,* uma só que seja. Não se permitte outro dia de descanso alem d'aquelle que os cánones auctorisam: o domingo.

De modo que para as senhoras portuenses, que são casadas com negociantes e que estão a banhos em Mattosinhos e Leça, o domingo é duas vezes o *dia do senhor:* o dia de Deus e o dia do marido.

A hora do jantar é mathematica. O «senhor» chega do Porto na machina das quatro, das quatro e meia ou das cinco horas. As criadas e os pratos estão a postos, á espera. Ás seis, a familia sai a passeio. Ás oito, o marido, de charuto ao canto da bôca, está sentado á mesa do jogo no club. Ás onze e meia está dentro da cama. D'aqui por deante não sei se mantem a mesma regularidade em todos os actos da sua vida domestica, mas é de suppôr que sim.

N'uma palavra, o grande figurino do Porto é o inglez. O portuense copia-lhe os habitos sem até dar por isso: está na sua educação. E se, por qualquer circumstancia, o portuense se visse forçado a abandonar a sua nacionalidade, far-se-ia officialmente inglez —unicamente inglez, pela simples razão de que já o é... no que póde ser.

IV

O Senhor de Mattosinhos

No seu numero de terça feira, 1.º de junho, dizia o *Commercio do Porto:*

«Já ha oito dias que no largo de Sant'Anna — ponto onde começa o arraial de Mattosinhos — se acha estabelecida a feira da «louça de Prado», essa louça de barro cosido, como cantaros, alguidares, etc., que tão extraordinario consumo costuma ter, por isso que é por esta occasião que os aldeões de Bouças e circumvisinhanças vão ali sortir-se para todo o anno, ficando como que exclusivamente para vender aos romeiros, as gaitas e assobios de barro vidrado, que são o tormento dos nossos ouvidos.

«Até hontem os lugares tomados em terrenos municipaes para venda de generos e para outros misteres, no arraial, eram os seguintes:

«Para vinho e comida, 88; louça graúda, 37;

idem miuda, 107; padeiros, 38: doceiras, 32; hyppodromos, 6; carros com cerveja, 5; mesas com limonadas, 6; barraca para figuras de cera, 1; para escola de tiro, 1; para «pim-pam-pum», 1. — Total, 322 lugares».

Não ha nos arredores do Porto imagem de maior devoção que a do Senhor de Mattosinhos.

Tem, como todas as imagens milagrosas, a sua lenda, contada n'um farto volume, que é muito conhecido dos bibliophilos, apesar de nunca haver attingido uma elevada cotação litteraria.

E, além da lenda, que me não proponho repetir agora, porque não quero perder de vista o tom ligeiro de uma chronica, tem um palacio e uma riqueza.

Quando digo — um palacio, — refiro-me a um vasto templo, que, sem ser monumental, não deixa de ter certa originalidade, sobretudo no aspecto da fachada.

Ao contrario do que acontece na maior parte dos templos do norte do paiz, o frontispicio da egreja de Mattosinhos não se arroja para o ar, recortando o azul. Não é alto, e n'isto se parece com o da egreja de Leça, o que revela que a architectura de um d'estes templos foi imitada do outro, se bem que a de Leça seja muito mais modesta que a de Mattosinhos.

Mas, com ser baixo, é ornado sem excesso; agradavel á vista.

Tem a apparencia de uma casa apalaçada, cujo proprietario a quizesse notabilisar com laçarias e estatuas.

Dá, pois, a impressão, como disse, de um palacio, tanto mais que deante do templo abre-se uma especie de parque deleitosamente sombreado, coberto por uma abobada de verdura, que faria as delicias de um inglez opulento.

De um e outro lado é limitado o adro de Mattosinhos por algumas capellas, onde estão representados os Passos da Paixão de Christo.

Nos ultimos dez annos, a mesa da irmandade mandou construir, junto ao templo, um edificio destinado ás sessões da confraria e outro edificio onde estabeleceu uma escola; á ilharga do templo, fez riscar um pequeno jardim onde a agua canta e lindas rosas florescem na primavera.

Por detraz da egreja estende-se um vasto campo, que tambem vae receber uma edificação, já começada, e que ha de servir de hospital.

É n'este campo que, por occasião da romaria, a qual dura trez dias e começa no domingo do Espirito Santo, se queima o fogo de artificio, com a assistencia de milhares de pessoas, não só do Porto, mas de muitos concelhos mais ou menos proximos ao de Bouças.

Alguns dos romeiros vem de longe, e todos elles acampam pittorescamente nas visinhanças do templo, especialmente no adro, cuja boa sombra os convida. Depois de queimado o fogo de artificio, a multidão apossa-se do campo onde elle costuma ser armado, e ahi passa a noite deitada sobre a terra, ao relento.

Não creio que possa dormir, porque o bulicio do arraial não se interrompe jámais de dia ou de noite.

Os descantes, as danças, os pregões, a grita avinhada dos esturdios continúam até de madrugada para recomeçar mais alegres e retemperados com a luz do sol.

São trez dias completos de regabofe, durante os quaes as barracas de comes e bebes fazem um negociarrão, sendo o vinho e o peixe frito disputados com impaciencia pelos grupos de romeiros que se vão succedendo e renovando constantemente.

Aqui um cego estropia o «Noivado do sepulchro» n'uma voz gemebunda de carpideira d'aldeia. Ali um aventureiro esfarrapado mostra um cosmorama a dez réis por cabeça. Enxames de pregoeiros annunciam a grandes berros as obras famosas da litteratura de cordel. Acolá um bohemio de profissão lê as sinas aos namorados. Por toda a parte compactas agglomerações de curiosos assistem, muito interessados, aos bailaricos e descantes, em que as raparigas da beira-mar, fortes e morenas, se distinguem pela elegancia do corpo nas evoluções choreographicas e pela promptidão do improviso nas réplicas ao desafio.

Anda na tradição um vasto florilegio de cantigas populares em honra do Senhor de Mattosinhos. A proposito, seria interessantissimo coordenar as canções peculiares ás mais afamadas romarias do paiz. Para essa collecção concorreria o Senhor de Mattosinhos com um importante subsidio de trovas. Vou citar algumas, colhidas da tradição oral:

Meu Senhor de Mattosinhos,
Que dais a quem vos vem vêr?
O adro p'ra passeiar,
A agua para beber.

Meu Senhor de Mattosinhos,
O vosso dia está norte.
Se me tendes de casar,
Livrai-me d'algum calote.

Meu Senhor de Mattosinhos,
Este anno lá hei de ir
Ou casada ou solteira
Para me divertir.

Meu Senhor de Mattosinhos,
Cortininhas amarellas:
Se tenho de ter má sorte.
Mettei-me no meio d'ellas.

Meu Senhor de Mattosinhos,
Adeus para nunca mais:
Que sois pai das extrangeiras,
Padrasto das naturaes.

Meu Senhor de Mattosinhos,
Cortininhas de retroz:
Se eu tenho de ter má sorte,
Meu Deus, levai-me p'ra vós.

Meu Senhor de Mattosinhos,
Adeus, sagrado mosteiro,
Adeus, casa dos milagres,
Adeus, bello castanheiro.

Estas trovas téem muita importancia ethnologica, explicam por si mesmas os usos e costumes da população de Mattosinhos. Tomemos ao acaso uma das cantigas para commental-a rapidamente:

Meu Senhor de Mattosinhos,
O vosso dia está norte:
Se me tendes de casar,
Livrai-me d'algum calote.

O vosso dia está norte denuncía um povo maritimo habituado desde a infancia a conhecer a rosa dos ventos, a orientação do tempo. *Livrai-me d'algum calote* exprime bem as repetidas peripecias da vida amorosa n'uma terra onde as mulheres são bonitas e vivem n'uma liberdade de acção, que as pode arrastar a uma quéda prematura.

Adeus, casa dos milagres.

A casa dos milagres é uma das mais interessantes curiosidades da egreja de Mattosinhos. Está cheia de ex-votos, offerendas, *promessas*, como lá se diz, devotamente levadas á imagem do Senhor. As paredes acham-se cobertas de quadros, de velas de navio, de mortalhas de tarlatana, de braços e cabeças de cêra, que representam outros tantos milagres. Alguns dos quadros, com as respectivas legendas, chegam a ser —que o Senhor de Mattosinhos o perdoe — muito comicos.

Passa em proverbio a anecdota do milagre que este

Senhor operou em beneficio de Fuão, o qual partiu só uma perna podendo quebrar as duas.

A colheita annual das esmolas em dinheiro é avultadissima. O Senhor de Mattosinhos pode considerar-se um dos mais ricos proprietarios d'aquelles sitios. É um capitalista opulento, a quem a crise economica e financeira em nada tem prejudicado. O juro das inscripções foi reduzido, e o Senhor de Mattosinhos nem deu por isso. Os bancos do Porto viram-se na necessidade de pedir uma fusão, e o Senhor de Mattosinhos não chegou a conhecer o mal-estar dos bancos do Porto.

Possue uma riqueza que todos os annos augmenta, acha-se sempre em situação de emprestar dinheiro, e de valer aos seus devotos, mediante uma hypotheca segura. Se o não fizer, é porque não lhe apraz fazel-o.

Algumas das promessas deixam a gente de bôca aberta. Está n'este caso a de uma mulher da Foz, que prometteu ao Senhor de Mattosinhos ir de joelhos agradecer-lhe um milagre. Essa pobre creatura saiu de casa arrastando-se, ás nove horas da manhã, e chegou a Mattosinhos, com os joelhos em sangue, ás quatro da tarde.

Tal é a devoção fervorosa que a imagem do Senhor de Mattosinhos inspira n'uma área de muitas leguas.

Por isso lá diz outra cantiga:

Meu Senhor de Mattosinhos,
A vossa bandeira pende.
Ditoso de quem vos ama,
Triste de quem vos offende.

V

As mulheres de Mattosinhos

Posso ter a vaidade e a consolação de encontrar na minha vida litteraria um ponto de contacto, embora unico, com a de Alphonse Daudet.

Por causa do romance *Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon*, elle concitou contra si o odio geral da cidade de Tarascon. Quinze annos depois da apparição do romance ainda os tarasconezes odiavam Daudet, e um d'elles, que visitára a exposição de Pariz em 1878, não pensava senão em escorchar o romancista para vingar Tarascon.

O meu caso é semelhante.

Em 1894 estive algumas semanas de verão em Mattosinhos. Queria desafogar saudades de uma praia que eu conhecia desde pequeno. Mandava d'ali chronicas semanaes — a que era obrigado — para o jornal lisbonense *O Economista*, então folha diaria.

Contava impressões da minha *villegiature,* descrevia aspectos da praia.

Um dia presenceei um caso muito comico, um quadro de costumes locaes verdadeiramente picante. Contei-o n'uma chronica, e esse folhetim, que foi conhecido em Mattosinhos, alvorotou contra mim a opinião publica, especialmente o mulherio. Um jornal da localidade descompoz-me, as mulheres do povo, quando passavam pela minha casa, enfureciam-se, e uma noite apedrejaram-me as janellas. Por conselho de alguns amigos, paguei os vidros e abandonei a casa.

O conde de Alto Mearim, vim a sabel-o depois, teve um grande trabalho para evitar maior conflicto.

Ora a causa de toda essa tremenda zaragata foi a chronica seguinte.

Póde estabelecer-se o principio de que o pescador portuguez é, dentro do seu lar domestico, um perfeito rei constitucional: reina, mas não governa.

Chega a parecer absurda a transformação por que passam os Hercules do mar logo que põem o pé em terra, deixando-se tutellar submissamente, como creanças, por essas Omphales morenas, de saia curta, que não são rainhas da Lydia, como a sua collega da mythologia, mas que exercem um poder verdadeiramente dictatorial dentro dos respectivos cardenhos, no animo dos maridos, e nos negocios da communa maritima.

O pescador, que é um forte na lucta com as vagas e com os ventos, que se arremessa heroicamente contra a fauce hiante do abysmo glauco, e que tantas

vezes consegue vencer os temporaes e resistir aos tufões, é um fraco, um pusilanime, pelo menos um indifferente perante a auctoridade conjugal que a mulher assume e absorve com triumphante egoismo.

Não só, por via de regra, lh'a não discute, mas até lh'a reconhece e respeita.

Parece que o pescador está convencido de que o seu reino é o mar, unicamente o mar, e que, uma vez desembarcado, deixa de ser um rei, para ser um subdito, um hospede, ás vezes até um escravo.

Sobre as aguas do Atlantico, a rêde da lancha marca os limites do dominio maritimo de cada companha, como na Historia Antiga a pelle do touro, partida em tiras, contornava a área das cidades nascentes.

Mas, recolhida a rêde e o peixe, cada rei do oceano, navegando para terra, parece seguir o caminho do exilio, o seu poder fica fluctuando nas aguas, á flôr das ondas, como um sceptro jacente, como uma corôa abandonada, que o primeiro que chegar poderá possuir sem contestação.

As cabanas da praia representam para o pescador outros tantos tectos hospitaleiros, a que elle irá pedir abrigo por algumas horas apenas, mostrando-se obediente e agradecido, passivo respeitador dos usos e costumes que a tradição arraigou nas sociedades maritimas, nas povoações alvejantes do litoral.

Ahi a mulher governa desde tempos immemoriaes, é ella que recebe a lancha, que toma conta da rêde, que dizima o peixe, que o empilha, que o vae vender, e que guarda o dinheiro.

Como é a mulher que governa, e só ella, o marido, se não tem regalias, tambem não tem responsabilidades. Não é chamado para nada, senão para ser pae dos seus filhos, não se envolve nos negocios nem nos conflictos da administração communal e quando rebenta uma bernarda, quando á descompostura se segue o arranhão e a bofetada, o pescador assiste tranquillamente á contenda, em que só as mulheres tomam parte, deixando-as liquidar a questão entre si, sem intervir como cabo de policia ou como juiz de paz.

Ora, aqui, em Mattosinhos, ha poucos pescadores, comquanto muitos venham procurar hoje o porto de Leixões, mais facilmente ainda do que outr'ora procuravam a pequena foz do rio Leça, por isso que téem certo o mercado do Porto, que fica perto.

Mas se não ha pescadores, ha maritimos, que brilham pela sua ausencia, e para o caso da mulher da beira-mar governar dictatorialmente, tanto faz ser casada com um pescador, que lhe não disputa o poder, como com um maritimo, que foi para o Brazil, e que só de longe a longe se lembra de escrever á familia, quando se lembra.

Quer isto dizer que em Mattosinhos ha muitas mais mulheres do que homens, e que são as mulheres que dirigem os seus negocios domesticos, que discutem em parlamentos ao ar livre, no meio da rua ou da praia, os assumptos da communa, principalmente quando esses assumptos se relacionam com interesses e direitos geraes.

Algum raro maritimo que por aqui está esperando

o momento de tornar a embarcar, como um hospede que chega n'um dia a um *hotel* para sair no dia seguinte, querendo apenas que lhe dêem para pernoitar um leito com todas as vantagens que possam ser inherentes aos leitos, segue o systema dos pescadores das outras praias quanto á indifferença com que trata as mulheres logo que ellas deixaram de o ser por ter nascido o dia e acabado a noite...

A mulher de Mattosinhos grita muito, grita sempre, e o homem deixa-a gritar, ouvindo-a em silencio ou parecendo não chegar sequer a ouvir o que ella diz.

É verdade que nada d'aquillo é com elle, as mulheres gritam umas com as outras, descompõem-se e injuriam-se por qualquer coisa, denuncíam os seus escandalos em voz alta, contam as vezes que o pé lhes escorregou, se é que tem escorregado, e d'ahi a momentos estão amigas como d'antes, continuam a tratar-se por tu, a harmonia restabelece-se prompta e completamente.

O homem nem tuge nem muge, ainda mesmo que pelas descomposturas que a mulher apanhou elle fique sabendo que tem mais razões para mugir que para tugir...

Já aqui assisti a uma desordem de mattosinheiras, e posso dizer, com inteira verdade, que nem em S. Bento vi ainda coisa que se parecesse com aquillo.

Fervia o insulto, o doésto, a injuria, e como se não bastassem as mais duras e lascadas palavras, veio em seguida a mimica obscena, uma nova mimica

que eu desconhecia inteiramente por nunca a ter visto em acção na Praça da Figueira ou na Ribeira Nova.

Os palavrões rubros de colera eram rythmados por sonoras palmadas sobre aquella região do corpo humano, que fica ao sul da espinha dorsal.

Era ahi, ao sul, que a palma da mão resoava como um martello sobre uma bigorna. E de cada vez que essa mimica meridional se repetia, a pessoa que por ella se julgava offendida parecia perder o norte, isto é, a tramontana, desorientava-se completamente, deixava-se arrastar pela corrente para o sul, pondo a bigorna ao sol, e martellando-a com a palma da mão.

Um maritimo aposentado, fumando cachimbo, olhava tranquillamente para o sul... e achava-lhe sal, porque sorria, sem dizer chuz nem buz, como um espectador das galerias que, sem fallar, assiste em S. Bento a uma discussão violenta, mas, diga-se a verdade, muito mais honesta apesar de violenta.

Outro dia uns rapazitos de Leça travaram conflicto, á pedrada, com alguns collegas de Mattosinhos, o que frequentes vezes acontece.

O theatro da acção era um pinheiral, por cujas luminosas clareiras se viam, de longe, as evoluções marciaes das duas hostes inimigas.

Uma mulher, que primeiro deu tento da baralha, veio, correndo e gritando, avisar as outras do que se passava.

— Ai! que os cachópos matam-se uns aos outros no pinhal! dizia ella. O Senhor de Mattosinhos nos

valha! Já ha mortos e feridos, cabeças abertas, braços quebrados! Ai! Santa Mãe de Deus! que desgraça! que grande desgraça!

E cada mulher saía de sua casa, gritando em direcção ao pinhal:

— Mataram o meu rico filho, meu Deus! O que lá vai! o que lá vai! Senhor dos Afflictos, valei-nos! Senhora do Bom Despacho, acudi-nos! Rogai por elles e por nós, anjos da Côrte Celeste!

Dentro de um quarto de hora havia no pinhal maior numero de mulheres que de pinheiros. A gritaria, a choradeira era ensurdecedôra, o que parecia confirmar a noticia de ter havido ferimentos, mortes, cabeças abertas, braços partidos.

Fui vêr, e não encontrei pelo caminho um unico homem.

No meio de uma magna caterva de mulheres vinha um rapazito, um só, com a cabeça rachada. Uma das mulheres arrepellava-se, chorava, ululava. Atrevi-me a perguntar-lhe: «É seu filho?» «Não senhor! respondeu ella soluçando, graças a Deus, não me é nada!»

No dia em que chega alguma carta do Brazil ha assemblêa geral de mulheres, a carta, dirigida a uma só, é conhecida e discutida por todas no meio da rua, ao ar livre, n'um tom de irritação, que chega a parecer que essa *carta adorada* desagradou a toda a gente, incluindo a destinataria.

Mas esta semana, o caso foi ainda mais serio, porque em vez de uma carta, que mais ou menos se es-

pera sempre por cada paquete, chegou um homem sem ser esperado.

Gritava o mulherio correndo de um lado para o outro:

— Chegou o Manel da Rita.

— Que me dizes tu?!

— Sem ter mandado dizer nada!

— Então nunca elle morreu!

— Mas vem doente, que parece um figo sêco!

— Ai! elle vem doente!?

E logo duas mulheres, trez mulheres, corriam a berrar:

— Chegou o Manel da Rita, que vem a morrer!

— Está alli, está amortalhado!

— Não tem trez dias de vida! Que desgraça, Virgem Mãe de Deus! ficar assim viuva a Rita, uma rapariga tão nova, carregadinha de filhos!

Uma velha, cega de um olho, parou a ouvir.

— Então o Manel da Rita chegou?! perguntou ella.

— Chegou, sim, tia Carolina!

— Mas que pouca vergonha foi essa de chegar sem ter mandado dizer nada!

E logo outra mulher concordou:

— Se elles agora dão n'esta, não sabe a gente quando os tem no Brazil ou quando os tem pela porta dentro!

— Pouca vergonha!

— Olha o preparo de chegar sem mandar carta!

N'isto apparecia a propria Rita, a mulher do Manuel.

E, convencida pela logica das outras, tambem ella concordava em que era uma pouca vergonha se os maridos davam agora na *extrangeirinha* de vir do Brazil sem terem mandado carta primeiro.

E o Manel da Rita, que tinha ido rezar ao Senhor de Mattosinhos, agradecer-lhe o seu *feliz regresso,* chegava n'esse momento, moreno como um arabe, rijo como um tronco de cedro, ouvia, por força, o que as mulheres estavam dizendo a seu respeito, incluindo a Rita, e entrava para casa sem se importar para nada com o que ellas diziam.

Julho a agosto de 1894.

X

CARTAS DO MINHO

I

Os caffés da Povoa

E' principalmente á noite que a vida na Povoa de Varzim, durante a estação balnear, attinge o maior grau de animação e de interesse.

Durante o dia tudo se passa pouco mais ou menos como em todas as praias. Banhos pela manhã. A' tarde affluencia ao Passeio Alegre, que é o *trottoir* elegante.

Algum banhista mais solitario prefere ao Passeio Alegre o Jardim, pequeno mas gracioso, installado n'uma parte da Praça do Almada (o famoso corregedor Francisco de Almada).

Os lojistas estabelecidos n'esta Praça abriram entre si uma subscripção para haver musica no Jardim uma vez por semana.

Na ultima sexta-feira, tocou ali uma phylarmonica pela primeira vez este anno, e a concorrencia ao Jardim foi muito maior que de costume.

Mas, habitualmente, é ao Passeio Alegre e á Rua dos Banhos que o banhista se dirige de preferencia para passar a tarde.

No Jardim encontram-se raras pessoas, algumas creanças brincando, algum velho que se diverte vendo brincar as creanças. Os extremos tocam-se: a mesma infantilidade entretem tanto as creanças como os velhos.

Todavia, quem chegar de tarde á Povoa de Varzim, e se dirigir para o Passeio Alegre, não surprehende a feição mais caracteristica e mais original d'esta praia de banhos.

Para que possa ficar fazendo idéa exacta do que é a Povoa de Varzim, da sua grande animação balnear, da sua originalidade attraente como praia, tem de esperar pela noite, pela hora em que os *Caffés* principiam a encher-se de gente e a animar-se.

E' então que a vida se torna verdadeiramente alegre, é então que a Povoa toma uma feição especial, que a distingue de Cascaes, de Espinho, da Figueira, dando-lhe talvez uma brilhante superioridade sobre estas trez praias.

Como os *Caffés* são publicos e gratuitos, toda a gente se pode divertir por igual na Povoa de Varzim, qualquer que seja a sua posição social, o que não acontece n'aquellas praias, onde os theatros e os clubs custam dinheiro, além de certos requisitos a que sempre se attende na admissão de socios nos clubs.

Mas na Povoa de Varzim os *Caffés* são para toda a gente, para a rica e para a pobre, para a que faz

alguma despeza ou para aquella que não faz despeza alguma. Logo que os *Caffés* se illuminam, todas as cadeiras são occupadas pelos espectadores, e os que chegam mais tarde téem que resignar-se a ficar de pé, empilhados como sardinha em tijella.

Mas os criados não perguntam a ninguem se quer tomar alguma coisa, não se aproximam das mesas sem que os espectadores os chamem.

Pessoas ha, que fazem a sua estação de banhos na Povoa, e que vão todas as noites a todos os *Caffés*, sem perpetrar em nenhum d'elles a despeza de cinco réis.

E ninguem lhes pergunta por isso.

É raro, muito raro o banhista que se immobilisa dentro de um só *Caffé*, ficando ali de plantão toda a noite. A grande maioria dos banhistas anda de *Caffé* em *Caffé* para vêr quem está e para ouvir cantar com acompanhamento de piano, porque em todos os *Caffés* ha cantoras e pianistas.

O maior e melhor botequim da Povoa é o *Caffé Chinez*.

A sala, amplissima, está revestida de espelhos e de *chinoiseries* que produzem um conjunto deslumbrante. A illuminação é copiosa, e a abundancia dos crystaes centuplica o brilho das luzes.

Ao meio da sala ha quatro bilhares, collocados parallelamente; mas a sala é tão vasta que nas coxias lateraes ha espaço mais que sufficiente para as mesas, para as cadeiras, e ainda para os espectadores que ficam de pé.

Sobre um estrado, limitado por um varandim de ferro, está o piano.

É d'ali que a *señorita* Todi canta todas as noites, empoleirada sobre um banquinho, e encostada ao varandim.

Devo dizer ao leitor de Lisboa quem é a *señorita* Todi, porque talvez não ligue o appellido á pessoa.

A *señorita* Todi é irmã da famosa *corista gorda* de S. Carlos. Como a nutrição seja privilegio d'aquella familia de artistas, a *señorita* Todi é pouco menos nutrida que sua irmã tão conhecida em Lisboa. Chamo-lhe *señorita* em homenagem á lingua hespanhola, porque a verdade é que a senhora Todi nem pela idade, nem pelo feitio, tem já direito a qualquer diminutivo. Quando a gente olha para ella, lembra-se logo da irmã e... do *Antonio Maria*, que tantas vezes a reproduziu em caricatura.

Ora a *corista gorda*, como toda a gente lhe chamava, está retirada da scena, vive em Lisboa da caridade publica, acho eu, n'uma casa da rua do *Diario de Noticias*. A *señorita Todi*, mais feliz que sua irmã, conserva-se ainda no exercicio da arte e por essa razão, estando fechado o theatro que no Porto a escripturou, veio cantar á Povoa durante a temporada de banhos.

E vale-lhe a pena, porque os *Caffés* pagam generosamente tanto ás cantoras como aos pianistas; ellas e elles não recebem menos de trez mil réis por dia.

O *Caffé Universal*, visinho immediato do *Caffé Chinez*, não é tão amplo nem tão brilhante, mas re-

commenda-se pelas duas cantoras que escripturou: as *señoritas* Encabo e Francez.

São ambas hespanholas, mas, sem embargo de cantarem, muitas vezes, *a duo,* ha entre as suas individualidades artisticas uma grande distancia.

A *señorita* Francez é um *contralto*... hespanhol. Tem a vivacidade castelhana na dicção, no gesto, no olhar. É casada, mas pela alegria do seu temperamento parece mais solteira do que a *señorita* Encabo, *soprano ligeiro,* que não é casada.

A *señorita* Francez nasceu para a Hespanha e para a zarzuela. A *señorita* Encabo tem pretensões ao reportorio italiano, é grave como uma cantora de opera. Emquanto a *señorita* Francez se entrega com enthusiasmo a cantar uma *petenera,* a *señorita* Encabo investe denodadamente com a valsa da *Dinorah.*

Uma, a *contralto,* ri-se para o publico emquanto está cantando. A outra, a *soprano ligeiro,* defronta-se com o publico sizudamente. E ambas conquistam applausos por caminhos differentes — até nos *duettos!*

O *Caffé Luzo Brazileiro* fica fronteiro ao *Chinez* e ao *Universal.*

Canta ahi a *señorita* Sainz, algo nutrida, muito aprumada, alguma coisa strabica. Possue uma voz forte, menos mal timbrada, de que não é avara. Canta com intrepidez, e tem organisação para cantar longas horas consecutivas. A pequena distancia de todos estes botequins, fica o *Caffé David,* onde canta a *señorita* Fernandes, que tem uma voz pouco volumosa, posto que muito afinadinha. É raro dar uma *fifia.*

Além d'estes *Caffés* ha outros a que ahi em Lisboa se poderia chamar *de lepes*. Pois tambem esses téem musica, tambem lá se canta, se bem que o reportorio seja differente — é o reportorio das ruas, dos cegos andantes.

Uma singularidade offerece a Povoa de Varzim n'esta epoca do anno: é que as senhoras frequentam os quatro primeiros *Caffés* que mencionei, e são ahi recebidas com o maior respeito.

Na assistencia de cada um dos *Caffés* pode calcular-se que as damas entram com oitenta por cento. É justamente este facto que origina e justifica a grande animação dos *Caffés* elegantes.

Uma compacta massa de gente das aldeas agglomera-se ás portas de cada *Caffé* para ouvir cantar. E, logo que o canto acabou ahi, volta-se para outro *Caffé*, onde o canto vai principiar.

Esta peregrinação de *Caffé* em *Caffé*, que torna tão animadas as noites da Povoa, dura para todos, altos e baixos, segundo as categorias sociaes, até cêrca das onze horas.

Além da cantoria nos *Caffés*, ha varias exposições recreativas annunciadas ao som do competente realejo. Está aqui um cosmorama, a pequena distancia dos *Caffés*, que não pára nunca, e que faz o desespero das cantoras, dos pianistas, e dos partidarios d'esta ou d'aquella cantora (porque tambem ha *partidos*, especialmente no *Universal)* visto como o realejo, com a sua eterna cega-rega, prejudica os effeitos artisticos, as melhores notas, das sobreditas cantoras.

Mas o sol, quero dizer a luz (pois que tudo isto se passa á noite) nasce para todos — tanto para os realejos como para as cantoras.

Como o leitor acaba de vêr, são justamente os *Caffés* que imprimem á praia da Povoa a sua maior animação, tornando as noites tão agradaveis como breves, dando a esta estação de banhos uma originalidade tão caracteristica como attraente.

Setembro de 1893.

II

Uma lenda religiosa

Aqui, pelo Minho, as lendas, tanto sagradas como profanas, pululam ás centenas.

Mas as que inspiram maior interesse a esta boa gente minhota, profunda e sinceramente religiosa, são as tradições milagrosas, as lendas dos santos, o *Flos sanctorum* popular, digamos assim.

Estive, domingo passado, na romaria da Senhora da Saude em Laundes.

Esta freguezia, do concelho da Povoa de Varzim, é de um pittoresco melancolico, principalmente fornecido pelo basto circulo de pinheiros que lhe fecha o horisonte.

Sobre um alto monte, que sobrancea o pinheiral cerrado, alveja, entre uma escolta de moinhos de vento, a capellinha de S. Felix.

No dia da romaria, muito povo, deixando por al-

gum tempo o arraial, foi, trepando pelo monte, visitar a capellinha do santo, segundo o estillo de todos os annos.

A distancia, parecia que essas devotas pessoas eram do tamanho de creanças, que, subindo e descendo, ou parando um momento em torno da capella, se divertiam brincando, n'uma chorea mais ou menos phantastica.

Tal era a impressão que se recebia de longe, graças á illusão optica de quem, estando no valle, olhava para o alto do monte de S. Felix.

Ora todas aquellas pessoas, homens, mulheres, creanças, faziam essa pequena romaria impellidas pela sua grande fé religiosa, que lhes dulcifica os trabalhos da vida, e que principalmente lhes vale nos dias crueis em que a doença veio bater á porta das choupanas.

O voto, a promessa é uma ancora salvadora nos mares aparcellados da existencia. E se o voto foi attendido, este bom povo do Minho põe de parte todos os incommodos e todos os interesses para ir cumprir o que promettêra.

A lenda de S. Felix creio que não vem no *Flos sanctorum* official, o que não posso agora verificar; mas pertence, provavelmente, ao *Flos sanctorum* popular, a essa vasta collecção de tradições religiosas que se conserva, de geração em geração, na alma do povo.

S. Felix era, segundo a lenda local, um asceta, que escolheu, para fazer penitencia, o monte que do santo veio a tomar o nome.

Ali, na sua cubata tecida de ramos verdes, adorava a Deus, contemplando a natureza, o ceu estrellado, os campos verdejantes, o pinheiral espesso, cerrado.

Ordinariamente era no alto dos montes que os solitarios localisavam o seu eremiterio para estarem mais longe dos homens e mais perto de Deus.

D'ali via o asceta alguns casaes perdidos na espessura do arvoredo, mas a tamanha distancia, que toda a communicação com as pequenas povoações adjacentes era difficil.

Uma d'essas povoações constitue hoje a freguezia de Rates, tambem fechada por um denso bosque de pinheiros, e celebre pelo seu notavel e vetusto templo, de uma antiguidade verdadeiramente monumental.

Pelas horas silenciosas da noite, quando a solidão se alastrava mais profunda e mysteriosa em torno do eremiterio de Laundes, avistou o eremita uma extranha claridade que irradiava na direcção de Rates.

Seria um incendio, uma queimada, um fogo intencionalmente accêso para affastar os lobos famintos?

Perdeu-se decerto em mil conjecturas a imaginação do asceta Felix, mas a chamma que elle observava era tão branda e tão persistente, que começou a desconfiar de que não se tratava de nenhum incendio, occasional ou intencional.

Quando amanheceu, quando o sol despejou as suas ondas de oiro luminoso sobre os campos e sobre os montes, nada observou o eremita que o fizesse suspeitar de que uma catastrophe tivesse occorrido durante a noite.

Por mais que alongasse o olhar na direcção de Rates, por mais que quizesse procurar uma explicação d'aquella extranha chamma, muito serena e firme, que toda a noite vira flammejar a distancia, cada vez lhe parecia mais mysteriosa e extranha essa chamma.

Mas a sua surpreza foi ainda maior quando voltou a noite, e a mesma claridade reappareceu, branda e persistente, posto que bella como uma aurora polar.

De novo se tornou a perder em mil conjecturas o eremita de Laundes, que, de joelhos sobre o alto do monte, pedia a Deus que lhe explicasse aquelle mysterio, que tanto lhe estava alvoroçando o espirito, cuja quietação ambicionava reconquistar, para continuar a serie das suas orações, meditações e penitencias quotidianas.

Com o esplendor do dia, apagou-se, sumiu-se a chamma mysteriosa, a extranha claridade; mas, tornando a noite, a chamma resurgiu, a claridade desenhou-se de novo no ceu sereno como o recorte de uma palmeira alta e resplendente.

Então o eremita Felix, caindo de joelhos junto á sua cubata, tomou esse extraordinraio acontecimento como um aviso do ceu, e agradeceu-o a Deus.

Já não lhe era permittido duvidar mais. A luz, que todas as noites se accendia no horizonte, era para elle que brilhava, era como um appêllo que de longe exigia, reclamava os seus serviços.

Parecia a sarça ardente do Synai chamando por um novo Moysés.

*

Firme n'esta crença, que a sua fé religiosa facilmente avigorou, desceu do monte de Laundes e caminhou na direcção de Rates.

Foi batendo o pó da terra com as suas sandalias de eremita ao longo de caminhos agrestes, e seguindo sempre a direcção em que nas noites anteriores havia visto brilhar essa extranha claridade, via-lactea agora invisivel, que continuava a guial-o, embora já não estivesse patente.

Chegando a Rates, deteve-se procurando algum vestigio que pudesse elucidal-o.

Apenas encontrou um montão de pedras toscas, grandes e pesadas, que despertou a sua attenção.

Com improbo trabalho, curvado e suando, foi removendo as pedras uma a uma e, quanto mais pedras tirava, mais se condensava um doce perfume de rosas desfolhadas, que parecia sair do seio da terra.

Cansado já de ir levantando os grossos calhaus, que mão desconhecida ali amontoára, cuidou descobrir o vulto de um corpo humano, que a ultima camada de pedra resguardava ainda, como um lençol mortuario, sacrilegamente duro

E o cheiro a rosas desfolhadas tornou-se mais vivo e penetrante, a ponto de estonteal-o.

Mas, arrancadas essas poucas pedras, que ainda restavam por levantar, os olhos do asceta Felix, cheios de confusão e espanto, não podiam já duvidar de que estavam contemplando o corpo de um martyr, que os inimigos da fé tinham victimado, dando-lhe por ultimo uma sepultura irrisoria, de calhaus sobre-

postos, como se quizessem lapidal-o ainda depois de morto.

Então o eremita comprehendeu todo o alcance d'essa extranha claridade que, durante as horas da noite, havia chamado a sua attenção.

Era, effectivamente, um aviso do ceu, um appêllo de Deus, para que ficasse conhecendo a historia de mais um martyrio, e désse sepultura condigna a mais um martyr desconhecido.

E, caindo de joelhos, com as mãos e os olhos levantados ao ceu, agradeceu a Deus a missão gloriosa que lhe destinára fazendo-o depositario das reliquias mortaes de algum dedicado apostolo, que por amor da fé christã padecêra martyrio.

De informação em informação o asceta Felix logrou descobrir que esse cadaver era o de um grande propugnador e evangelisador da religião de Christo, que tinha abordado ás praias da Luzitania, e que heroicamente morrêra victima da sua coragem e dedicação inquebrantaveis.

Chamava-se Pedro, simplesmente, esse propagandista, esse apostolo devotado á causa de Deus. E, por tomar o nome da terra em que foi victimado, ficou sendo geralmente conhecido, depois de canonisado, por *S. Pedro de Rates*.

Tal é, na sua simplicidade primitiva, a dupla lenda de S. Pedro de Rates e de S. Felix de Laundes, cada um venerado com intensa e profunda devoção nas suas respectivas freguezias.

Não sei, repito, o que os agiologios dizem a res-

peito de um e outro santo, mas o que sei é que, directamente, na alma do povo, encontrei esta tradição religiosa, como se encontra um doce perfume em algumas flores do campo, a madre-silva, por exemplo.

E sem tempo nem paciencia para folhear livros, é no das crenças populares, tão ingenuas, mas tão sinceras, que eu estou agora lendo, em pleno Minho.

Setembro de 1893.

III

A população minhôta

Observando-se de perto o povo do Minho, chega-se á convicção de que em todo o paiz não ha outro que viva mais tranquillo e alegre, mais resignado com a sua sorte, mais conformado com o seu destino.

Pois não é porque lhe pése pouco o trabalho ou porque o alterne com variadas distracções. Nada d'isso. Aqui o trabalho é duro, aspero, constante. E os divertimentos consistem, especialmente n'esta epoca do anno, nos arraiaes, que são sempre a mesma coisa, com mais ou menos foguetes, com mais ou menos musica, segundo as posses dos festeiros.

A mulher do Minho julgará que são phantasticas todas as historias que possam contar-lhe ácerca dos costumes femininos nos paizes do Oriente. Ella não crê, não pode crêr, na existencia real de mulheres indolentes, que vivem recostadas em almadraques, que

apenas saiem á rua de palanquim, e que não podem andar porque desde a infancia lhes deformaram os pés.

E téem razão para o não crêr, porque a sua existencia é completamente differente da das mulheres da India ou da China, os seus habitos são inteiramente oppostos.

A minhôta nasceu para trabalhar, para caminhar e para cantar. Levanta-se com o sol e moureja emquanto elle illumina o horisonte. Está costumada a galgar leguas sobre leguas, marchando intrépidamente. E os seus pés, que aliás não são defeituosos, não se pisam nem ferem por maior que seja a jornada. Embora viva pobrissima, cheia de filhos e de dividas, a minhôta não entristece nunca, nem mesmo quando a doença principia a definhal-a.

Por estar doente, não deixa de trabalhar nem de cantar. Aguenta-se de pé, soffrendo, mas lidando sempre. No dia em que tiver de recolher-se á cama, estará prestes a morrer. O leito é, para o povo do Minho, homens ou mulheres, a ante-sala da sepultura, o prologo da morte.

Provém este facto, naturalmente, de um outro: da maneira de encarar a vida. Para o minhôto a vida é o trabalho constante, aturado, ininterrupto. Só a morte pode desculpar o descanso. Por isso, só muito perto da morte é que o minhôto vai descansar para o leito.

Em pleno Minho, o rico trabalha tanto como o pobre. Vi ha poucos dias um grande proprietario rural,

que tem o melhor de duzentos contos, ajudar os seus criados a carregar fardos n'uma estação de caminho de ferro.

Um amigo d'elle, que passava por ali comigo, extranhou-lhe em voz alta que andasse trabalhando tanto, não tendo necessidade de trabalhar nunca.

E o ricasso sorriu-se e respondeu sem levantar os olhos de cima do fardo que estava ajudando a pôr dentro de um carro:

— Assim é preciso, meu velho.

Momentos depois perguntava eu ao amigo do ricasso:

— Este homem tem filhos?

— Nenhum.

— A quem deixará elle então a riqueza que possue?

— Aos sobrinhos.

— Quantos são?

— Dois.

— E o que fazem os sobrinhos?

— Trabalham tambem.

O tio, que é riquissimo no Minho, e que seria ainda rico em Lisboa, porque duzentos contos podem dar na vista até na capital, trabalha *porque é preciso*. Preciso para que? A resposta não pode deixar de ser esta: para ter saude, para ter alegria, e para não ir desfalcando, mas aliás augmentando sempre, os seus haveres.

Os sobrinhos, que sabem que téem um tio que lhes deixará o melhor de duzentos contos de réis, traba-

lham tambem, sem ficarem de papo para o ar, como em identicas circumstancias fariam outros em Lisboa, á espera que o tio se resolva finalmente a morrer.

Para o povo do Minho o trabalho não é uma condemnação, um castigo imposto á humanidade depois do peccado original. Não. O trabalho é uma lei natural da existencia, uma condição essencial da natureza humana. Trabalhar é viver; viver é trabalhar. D'aqui resulta que o povo do Minho tem uma vida calma, alegre, sem impaciencias, sem desesperos, uma vida tão regular como a *pancada* de um rologio de sala. Quem chega ao Minho, *ouve-o* logo trabalhar, trabalhar e cantar, tambem como esses antigos relogios de parede, que tangiam minuettes quando tinham trabalhado durante uma hora.

Ha pouco tempo principiou a publicar-se no Porto um *Cancioneiro de musicas populares para canto e piano*. Esta collecção, se quizer explorar conscienciosamente todo o vasto peculio poetico do nosso povo, especialmente o do Minho, deverá ser vastissima.

De passagem, accusarei, para agradecel-a, a recepção dos trez primeiros fasciculos, com que fui obsequiado.

Louvarei, muito sinceramente, os intuitos da publicação, que não pode deixar de ser considerada como um serviço nacional, altamente patriotico.

Mas farei reparo em que não haja, n'esta publicação interessantissima, mais systematica coordenação. Assim, no primeiro fasciculo, foram dispostas, successivamente, canções de epocas differentes, a saber:

O lavrador da Arada, Canção do figueiral, Canna verde, Então és o meu amor, etc.

A intercalação da velha *Canção do figueiral* no meio de outras muito mais recentes, revela que o talentoso colleccionador, o sr. Gualdino de Campos, se preoccupou menos com a systematisação chronologica, ou qualquer outra, do que com a abundancia das especies recolhidas.

Tambem não estou inteiramente de accôrdo com algumas das annotações com que o texto é illustrado.

Logo na primeira canção, a do *Lavrador da Arada*, encontro uma observação, que me parece conter uma hypothese forçada: «Esta toada é caracteristicamente medievica e talvez fosse cantada da fórma seguinte: uma ou duas vozes cantavam a lenda e um côro respondia no fim de cada verso: — Ai Jesus — excepto no ultimo que está — Amen Jesus. *Provavelmente foi esta lenda que deu origem ao idiotismo portuguez: — é o seu ai Jesus.*»

Em primeiro logar, tenho duvidas sobre a caracterisação medieval d'esta canção. Mas sobre a hypothese, que reproduzi em italico, as minhas duvidas são ainda maiores.

Para mim, até que seja convencido do contrario, a expressão *ai Jesus* não é a generalisação do estribilho de uma determinada canção; mas um como symbolo verbal de fé religiosa, que foi sempre innata na alma portugueza, uma phrase ellyptica cujo sentido tende a confundir uma pessoa querida ou um objecto vivamente desejado com o culto votado ao Filho de Deus.

Será isto ou não será isto. Mas estes simples reparos, que são a expressão da minha impressão pessoal, em nada prejudicam o valor da publicação, onde o cancioneiro nacional é enriquecido, completado pela restauração da melodia popular, trabalho improbo, de que apenas se havia feito ha annos, em Coimbra, uma tentativa muito restricta.

Se esta publicação não fôr bem recebida, se não conseguir divulgar-se rapidamente, será esse um triste symptoma de que o amor ás tradições portuguezas acabou de vez.

Aqui, no Minho, ouvindo cantar o povo de dia e de noite, eu liguei uma grande estima e um alto valor á publicação de que estou fallando, porque ella reproduz, pela palavra e pela melodia, os aspectos da alma popular, sob o ponto de vista ethnologico.

Ouvir o cancioneiro de um povo vale o mesmo que ficar conhecendo esse povo no que elle tem de mais intimamente subjectivo, isto é, nas vibrações da sua propria alma.

Mas, como eu ia dizendo, nota-se em pleno Minho, apesar das agitações da politica partidaria, que são sempre revôltas na vida de provincia, um como bem estar, uma resignada conformidade com os destinos humanos, que não se conhece ahi, em Lisboa, onde são frequentes os protestos pelo suicidio contra as amarguras da vida. Aqui ninguem pensa em matar-se, a não ser que tenha a alma contaminada por suggestões que vieram de longe, e que o espirito publico

logo condemna recusando sepultura sagrada, com geral applauso, ao cadaver do suicida.

Isto é corrente nos sãos costumes da provincia.

Se os desalentados de Lisboa pudessem vir ao Minho, e observar de perto esta alegre e placida escola de trabalho, aprenderiam a dissolver na lide de cada dia os seus desalentos, fugiriam á morte combatendo-a pela absorpção dos sentidos na canseira da tarefa diaria.

Quem aqui está algum tempo, armazena inconscientemente uma boa dóse de coragem, de energia, de força moral. O Minho, caro leitor, dá tanta saude ao espirito como ao corpo.

Venha até cá, se pode.

Setembro de 1893.

IV

Da Povoa a Barcellos

D'aqui a poucos dias vai realizar-se a romaria da Senhora das Necessidades, que é uma das principaes do Minho.

O santuario d'esta popular imagem fica a duas leguas de distancia da Povoa de Varzim. O templo, que é elegante no exterior, recebe no interior a luz por um lanternim, que se avista ao longe dominando os mais altos arvoredos.

Á ilharga do templo desdobra-se um vasto terreiro, sobranceado, ao fundo, por montes que se recortam em cordilheira.

Comquanto o dia 8 de setembro seja consagrado ao culto de Nossa Senhora, pode dizer-se que a romaria das Necessidades attinge o seu maior esplendor no dia 7, especialmente durante a noite.

Todo o vasto terreiro se enche de barracas de co-

mes e bebes, de carros com pipas de vinho, de musicatas, de descantes, de bailaricos e de romeiros.

A grande affluencia de gente principia na tarde do dia 7. Das nove para as dez horas da noite o arraial está no seu apogeu. A folia popular vai de foz em fóra, dura toda a noite.

Ao romper da manhã, um padre diz missa, deante de um altar, na varanda envidraçada que encima a porta do templo.

Toda a multidão que está no terreiro assiste á missa, e emquanto uns romeiros caiem de joelhos, outros, de pé, vão catrapiscando amorosamente, e bebendo talvez.

Celebrada a missa na madrugada do dia 8, a multidão começa a dispersar, o vasto terreiro esvasia-se, a festa acaba de repente, justamente quando devia principiar.

Não deixa de ser original, sob este ponto de vista, a romaria das Necessidades.

Foi de passagem para Fão e Esposende que eu ante-hontem visitei o santuario das Necessidades, onde já se estavam fazendo preparativos para a festa.

Fão é uma povoaçãosinha garrida, com bonitos predios, graças ao dinheiro ganho no Brazil por muitos filhos d'aquella localidade.

Tambem possue um santuario notavel, o do Bom Jesus de Fão, com uma pittoresca alameda, sombreada de copadas arvores.

A imagem tem fama de ser uma das mais milagrosas do Minho.

O rio Cávado corta a planicie, deliciosamente amena, e passa por baixo de uma ponte magnifica, levantada sobre nove pégões de granito.

De Fão a Esposende, a paisagem continua a ser encantadora, o rio esmalta a planicie, alguns barcos de pesca oscillam, fundeados, na leve ondulação da corrente. Ao longe, um vapor azul, que o sol vai rarefazendo, occulta-nos ainda o oceano, cujas brisas picantes se fazem já sentir.

Uma cantiga local affirma certa rivalidade entre as raparigas de Fão e as de Esposende:

Fui a Fão p'ra ver as moças,
Não topei senão ortigas;
Vim pr'a villa d'Esposende,
Topei bellas raparigas.

Pois eu, menos feliz que o auctor da cantiga, não as topei nem em Fão, nem Esposende. O sexo feminino brilhava n'esse dia pela sua ausencia. Entre Fão e Esposende apenas encontrei dois pescadores, cujo typo é aliás muito menos caracteristico que o da Povoa de Varzim, onde ha bellos exemplares de rapazes, altos, elegantes e loiros.

Esposende é uma villa sem vida, de uma monotonia capaz de matar de *spleen*. Puff! Nas esquinas das ruas, que são quasi todas estreitas, mas que téem alguns predios de boa apparencia, não se lêem senão nomes de politicos progressistas, parece que Esposende é, a julgar pelos lettreiros das ruas, uma succursal do centro progressista de Lisboa.

E, todavia, o actual deputado é regenerador, porque a votação das aldeas cobre a da villa.

Vi o edificio destinado para escola *Rodrigues Sampaio*. Que pena que faz aquillo! O edificio está ha muitos annos incompleto, e assim se vai arruinando, exposto ao tempo, sendo certo que com pequena despeza se poderia concluir.

N'esta terra apparentemente morta, onde os proprios indigenas parece aborrecerem-se, ha comtudo um tal ou qual movimento litterario; publica-se em Esposende uma *Bibliotheca Folklorica Portugueza*, de que tenho presente um volumesinho, *Materiaes para a historia das tradições populares no concelho de Esposende* por José da Silva Vieira.

Quero transcrever do prologo d'esse pequeno livro algumas linhas, que, depois que cheguei a Barcellos, me fizeram impressão.

Diz o auctor:

«Não nos domina a vaidade de ser um eloquente famoso como Demosthenes e Tullio, nem um investigador insigne como..... e tantos outros que o nosso paiz já conta na investigação de taes estudos; mas sim, por saber que Plinio Junior disse a Marco: —*não ha livro tão mau que não seja d'alguma parte proveitoso; nem tão bom que não seja dos malevolos defeituoso*,—acalenta-nos a generosa aspiração de investigar a alma do povo, etc.»

Ora, logo que cheguei a Barcellos, adquiri a *Memoria historica* d'esta villa, escripta pelo padre Domingos Joaquim Pereira, abbade de Louro.

No prologo d'esta monographia, diz o auctor:

«Bem sei que não sou um eloquente famoso como Demosthenes e Tullio, nem um historiador insigne como Tucides e Livio; mas, por saber que Plinio Junior disse a Marco: —*Não ha livro tão mau que não seja d'alguma parte proveitoso*; *nem tão bom que não seja dos malevolos defeituoso*, — acalentando generosas aspirações, etc.»

Ó da guarda! O abbade de Louro escrevia em 1877, e o sr. Vieira publicava os seus *Materiaes* em 1888! Ó da guarda!..

Mas vamos lá para Barcellos, rica villa, onde tive a felicidade de chegar n'um dia de mercado semanal.

O Campo da Feira estava litteralmente cheio de gente e gado. A quinta-feira é um dia de grande animação em Barcellos justamente por causa do mercado, que é sempre muito concorrido.

Barcellos deu-me a impressão de ser uma miniatura de Braga.

A rua Direita, principal rua da villa, cheia de lojas de commercio de um lado e do outro, fez-me lembrar da rua do Souto em Braga, acrescendo a circumstancia de que n'uma das extremidades da rua ficava outr'ora a *Porta Nova*, como em Braga, conservando-se apenas hoje o nome da *Porta*.

A cadea publica está installada n'uma das antigas torres da muralha, tambem como em Braga.

Na rua Direita vi ainda algumas janellas rotuladas, poucas, como as antigas gelosias bracharenses.

Não ha que vêr. A famosa *Brachara Augusta*, ca-

pital da provincia do Minho, estabeleceu o typo das cidades e villas minhôtas, e quanto mais importante é uma cidade ou uma villa, tanto mais se aproxima do typo da capital da provincia.

Visitei o templo do Senhor da Cruz, no Campo da Feira. A imagem é notabilissima entre as melhores que do Senhor dos Passos existem em Portugal. É o templo, todo de pedra excellentemente lavrada, avulta como um monumento digno da attenção do viajante.

Fui, rua Direita abaixo, visitar a egreja matriz ou de Santa Maria Maior, como d'antes se dizia, onde no seculo XV se estabeleceu a collegiada, que ainda se conserva.

As paredes do templo estão revestidas de azulejos magnificos. E o côro, que recentemente foi dourado, é de boa obra de talha. Mas o orgão está incompleto, faltam-lhe... os canudos. Contaram-me a este respeito uma historia muito ratona.

Fronteiro á porta da Collegiada fica o edificio dos Paços do Concelho, onde se acham reunidas as differentes repartições publicas, pois que o edificio, sobre ser elegante, é vasto.

A dois passos da Collegiada, no topo da riba que faz despenho sobre o rio Cávado, estão ainda de pé as ruinas do solar dos condes de Barcellos, cujo fundador foi D. Affonso, 9.º conde do titulo, e 1.º duque de Bragança.

Este solar, desmantelado, da mais poderosa familia nobre de Portugal, e o proximo solar dos Pinheiros, visinhos e inimigos dos condes de Barcellos, dão

ainda á villa um certo cunho fidalgo, que apenas se conserva hoje n'estes vestigios materiaes, porque a labuta do commercio moderno foi-se assenhoreando das ruas do burgo, outr'ora feudatario, e democratisando o espirito e os costumes dos seus habitantes.

O rio Cávado, indifferente ás evoluções politicas que se téem operado em Barcellos, vai correndo sereno e pittoresco, cortado de barracas de banhos e de açudes, marginado por amieiros e salgueiros e tambem por fragosas ribas, que junto ao Paço dos condes fazem maior pendor.

Na margem esquerda do rio fica Barcellinhos, como um arrabalde fronteiro a Barcellos e, naturalmente, seu adversario, a exemplo do que acontecia outr'ora entre os poderosos fidalgos da margem direita, os Braganças e os Pinheiros.

A rivalidade dos fidalgos cessou, mas a das duas povoações subsiste ainda. Miram-se, e desamam-se. Disseram-me que os de Barcellos chamam, por ironia, aos de Barcellinhos — *Salés,* noticia que d'aqui envio ao meu amigo Candido de Figueiredo como subsidio que talvez possa servir-lhe para maiores investigações sobre a palavra *Salatina* (Vide *Novas lições praticas da lingua portugueza,* pag. 285).

Setembro de 1893.

V

A' beira do Cávado

Não quero que os leitores me agradeçam a fineza que lhes fiz apanhando por sua causa uma bronchite capillar á margem do rio Cávado. Mas a verdade é que por me ter demorado ali, no interesse d'estas *Cartas*, comecei, horas depois, a sentir nos bronchios um como pipilar de andorinhas, que eu aliás não tinha dado tino de haver ingerido.

Chamado um medico, tirou-me todas as illusões romanticas que eu estava sonhando a respeito da minha doença. O que eu ouvia chilrear dentro em mim não eram andorinhas, mas os bronchios. E se se não acudisse logo com uma téla vesicante de Falcoeiras & Carneiro, que provocou uma suppuração copiosa, a pneumonia haveria chegado a passos largos.

Comquanto eu tenha a consciencia de que foi por causa dos leitores do *Economista* que adoeci, soceguem,

caros amigos, que lhes não mandarei a conta do medico e da botica.

Sim, foi á margem do Cávado, que eu, por haver encontrado um assumpto tão inesperado como interessante, me deixei resfriar pela humidade pérfida de um dia sem chuva, é certo, mas tambem sem sol—um dia inglez em pleno Minho.

Ora façam idéa de que, casualmente, encontrei sentada n'um calhau, a pequena distancia do rio, uma pobre mulher junto da qual, apesar de não haver sol, estava estendida sobre a relva uma grande porção de roupa branca.

A pequena distancia um grupo de lavadeiras lavavam, cantando, debruçadas sobre a corrente do Cávado.

Eu vinha cansado, e parei um momento a olhar para o rio e para as lavadeiras. Dei os bons dias á mulher que estava sentada no calhau. Ella voltou-se para corresponder á minha saudação, e reconheci então que era cega.

— É cega de nascença? perguntei-lhe eu.

— Não, senhor. Cegui de doença ha vinte e trez annos.

— Tem alguma filha a lavar ali no rio?

— Não, senhor; tenho uma nora. E eu estou aqui para não ficar em casa sósinha emquanto ella vem lavar.

— Vossemecê é de Barcellos ou d'aqui perto?

— Não, senhor. Sou de Lisboa.

— De Lisboa?! repeti eu admirado.

— Toda a gente se espanta quando eu digo d'onde sou. Mas a verdade é que sou alfacinha, nada e creada em Lisboa na Costa do Castello.

E aqui, como era natural, comecei eu a interessar-me vivamente pela historia d'esta alfacinha, cega e degredada, que estava bem longe de encontrar ali.

— Mas como veio vossemecê dar comsigo ao Minho?

— Ora como vim?! Desgraças do mundo! má estrella das creaturas!

— Casou para o Minho?

— Não casei. Saí de Lisboa com um soldado, que era de Barcellos. Elle veio de Lisboa para infantaria 8 em Braga. E, ao fim de alguns annos, como a junta lhe désse baixa, por doença, viemos para Barcellos com um filho que tinhamos. O meu José foi sempre de mal a peior, e eu via-me na necessidade de trabalhar muito para o sustentar a elle, a mim, e ao filho. Ora no hospital, ora em casa, o meu José ia definhando sempre.

— O que tinha elle?

— Era ético, senhor. Um triste dia morreu no hospital, e eu fiquei sem ter nada de meu, com um filho de dez annos.

— O que é feito de seu filho?

— E' cantoneiro. Anda a trabalhar na estrada real.

— Já me disse que tinha uma nora...

— Tenho; está ali a lavar no rio.

— E em Lisboa não tem familia nenhuma?

— Morreu tudo. Meu pae, que era marceneiro,

nunca mais me quiz vêr por eu ter fugido com o José. Encheu-se de desgosto, e tomou amor á bebida. Empobreceu, porque abandonou o trabalho. Morreu no hospital de S. José. O senhor ha de ter ouvido falar?...

— Sei; eu vivo em Lisboa.

— O senhor vive em Lisboa?! Veio de lá ha pouco tempo?

— Em julho.

— Ah! então pode dizer-me como aquillo está mudado por lá. Minha rica terra! minha linda Lisboa! que nunca mais te torno a vêr!

E dos seus olhos entre-abertos e mortos principiaram a correr lagrimas n'uma ancia de asphyxia.

— Não chore, pobre mulher. Já que o acaso nos preparou a ambos esta surpreza, desafogue a sua saudade, falemos de Lisboa, que eu não tenho pressa nenhuma.

Sentei-me n'uma pedra, sem suspeitar de que estava offerecendo aos meus bronchios uma excellente occasião de me obrigarem a passar pelo supplicio de um caustico.

— E a sua mãe? perguntei eu.

— Acabou de miseria e doença. Nunca mais a tornei a vêr!

— Não chore. Foi no Minho que cegou?

— Foi em Barcellos. Melhor Deus Nosso Senhor me tivesse levado n'essa hora!...

— Então o seu filho e a sua nora não são seus amigos?

— São meus amigos, mas somos todos muito pobres. Ella é lavadeira, e tambem já esteve tolhida com rheumatico. Mas com a graça de Deus arrijou.

— Com que então quer que eu lhe fale de Lisboa?... De que sitio de Lisboa se lembra mais?

— Toda a minha grande saudade é da Costa do Castello, que era o meu sitio. Aquillo é que é um bairro de encantar, o monte do Castello! Não ha sitio mais alegre em Lisboa, nem de melhores vistas! O meu rico Castello de S. Jorge, com a sua bandeira aos domingos, as suas salvas de artilharia nos dias de grande gala, as suas cornetas e os seus tambores de manhã e á noite! Dentro do Castello é uma cidade; fóra é uma lindeza! Logo de manhã, dava consolo olhar para o Tejo com os seus navios de guerra, e as suas fragatas de carga! Parecia que o sol queimava as aguas, tanto o Tejo brilhava! E ao fim da tarde com o ceu a arder em chammas para o lado da barra, e as janellas de toda a Costa do Castello reluzentes do clarão do sol! O senhor já reparou nas janellas d'aquelle bairro do Castello ao fim da tarde? Parece que as chammas rebentam pelas vidraças!... Lembro-me de tudo... Da egreja da Graça, com o seu terreiro, ali á ilharga da Porta do Moniz, e com a sua imagem do Senhor dos Passos, a que as fidalgas vão beijar o pé ás sextas-feiras. N'aquelle tempo, era uma romaria. Não sei se ainda hoje é...

— Ainda é.

— Lembro-me das torres de S. Vicente, a espreitar por traz das casas, e das torres da Sé, enterradas

na cidade, para o lado da Ribeira Velha. Ainda lá está tudo isso?

— Tudo isso, e muito mais, porque se téem construido muitos predios.

— Quem m'os dera vêr! Ainda ha tropa no Castello?

— Ha, sim.

— E ainda lá dão salvas quando o rei faz annos?

— Já não dão, porque abalavam os predios.

— Pois fizeram mal, porque era uma alegria para todo o bairro! Então já nem no dia do Corpo de Deus salva o Castello?

— Bem sei... Quer-me fallar do santo do seu bairro — de S. Jorge? A procissão, agora, apenas dá volta á Sé, mas o Santo ainda vae na procissão. E as salvas de artilharia dão-se no Terreiro do Paço.

— Isso é que era um dia de festa no Castello. Já vejo que está tudo muito mudado!

— Mas, ainda assim, se vossemecê pudesse recuperar a vista, e se achasse agora de repente em Lisboa, correria ao Castello, apósto!

— Com toda a certeza. Eu já me contentava, senhor, com poder vêr o Castello de longe, de S. Pedro de Alcantara, por exemplo. Quando eu era nova, ia muitas vezes, ao domingo, passeiar com meu pae e minha mãe pelas hortas de Valle de Pereiro. Depois subiamos pelo Salitre até ao Rato, e vinhamos por S. Pedro d'Alcantara, porque gostavamos muito de olhar de lá para o Castello, de vêrmos a nossa casa, com as suas duas janellas de vidraça incendiadas pelo sol...

—Hortas de Valle de Pereiro é um modo de dizer. Arrazaram o Passeio Publico, cortaram parte da calçada do Salitre, e a Avenida da Liberdade estende-se agora desde o palacio do marquez de Castello Melhor até á altura do quartel de Valle de Pereiro. E' muito bonito, creia.

—Não importa! O que eu queria tornar a ver era o Castello, meu rico senhor, com o seu lindo ar de festa, a sua bandeira azul e branca ao domingo, e a sua casaria apinhada, cheia de chammas nas vidraças, ao fim da tarde. Mas se eu sou cega, e estou tão longe! Puzessem-me lá n'este instante, e parece-me que o Castello de S. Jorge havia de me entrar pelos olhos dentro com a luz de Deus...

O leitor comprehende, certamente, a funda impressão que me causou este inesperado encontro d'uma alma alfacinha, saudosamente desterrada, em pleno Minho, á margem do rio Cávado.

Todas as suas recordações de Lisboa parecia synthetisarem-se na lembrança rediviva do Castello de S. Jorge, com a sua bandeira ao domingo, as suas luminarias nas noites de grande gala, a sua casaria apinhada, e as suas janellas incendiadas pelas chammas do sol poente.

Esta nota, principalmente, das vidraças ruborisadas pelo clarão moribundo do sol no occaso, parecia haver-se entalhado, a golpes de buril, n'aquella pobre alma saudosa e expatriada.

Mal diria eu que no encantamento da surpreza, que tão extraordinario encontro me causára, a bron-

chite capillar esvoaçava em torno de mim, com a sua aza negra, roçando-me o peito...

Felizmente a téla vesicante, fabricada em Lisboa, pôde curar-me d'essa traiçoeira doença que por amor de Lisboa, e tão longe de Lisboa, eu havia apanhado.

O medico chamou-lhe cruamente um *caustico;* eu, para disfarçar a dureza do nome, chamar-lhe-hei sempre uma téla vesicante, que me salvou...

E ainda agora, esquecendo que a pobre cega do Cávado foi a causa indirecta d'uma bronchite que me fez soffrer durante alguns dias, estou recordando com saudade a tristeza com que ella, a alfacinha expatriada, se despediu de mim, ficando certamente com o coração despedaçado de amarguras, ali, á beira do rio, que rolava sereno e indifferente as suas aguas claras.

Setembro de 1893.

VI

Vinte annos depois

Esta carta tanto poderia ser escripta no Minho como em Marrocos, porque em toda a parte o coração humano é o mesmo.

Mas, segundo a geographia, não posso duvidar de que realmente se passou no Minho o que lhes vou referir, porque eu mesmo, que estou no Minho, fui informado pessoalmente dos factos que vou narrar.

Ha poucos dias viajavam em direcção a Braga algumas pessoas, que alegremente, e na maior intimidade, realizavam uma excursão ao Bom Jesus do Monte.

Havia no grupo senhoras e homens, de todas as idades, incluindo creanças. Mas os quarenta annos predominavam; estavam em respeitavel maioria.

Em Villa Nova de Famalicão entrou na carruagem d'este grupo de *touristes*, um cavalheiro, bem vestido,

que se amesendou a um canto do wagon, unico logar que havia devoluto.

Representava quarenta e tantos annos de idade, se bem que lhe não sulcassem ainda o rosto quaesquer indicios de *pés-de-gallinha;* quero dizer que estava bem conservado para a idade que parecia ter.

Logo que elle entrou, todos os olhares coincidiram sobre esse recem-chegado companheiro de viagem, que vinha perturbar a intimidade e a liberdade do grupo.

Mas duas pessoas, dois homens, insistiram em examinal-o com a maior attenção, e á medida que o iam observando, communicavam um ao outro as suas impressões.

Em tom de confidencia diziam entre si:

— É o Taveira!

— Será?

— É elle! Já o não vi ha muitos annos, mas deve ser elle.

— Tambem já não o vejo desde Coimbra. Mas parece-me, realmente, o Taveira.

— Fallemos-lhe.

— E se não é elle?

— Se não fôr, o remedio é facil: pede-se-lhe desculpa do engano.

— Pois fallemos.

E um dos dois cavalheiros levantou a voz, apostrophando:

— Ó Taveira!

Immediatamente o recem-chegado voltou a cabeça procurando a pessoa que o chamára.

— És tu!

— É elle!

— Que surpreza!

— Quem havia de esperar este encontro!

Scena de reconhecimento, muito cordeal e muito effusivo: era effectivamente o Taveira.

As senhoras, cheias de curiosidade, trocavam entre si olhares interrogadores: Quem era aquelle Taveira? perguntavam ellas olhando umas para as outras. E as creanças, desejosas de uma folia qualquer, sentiam-se já impacientes de atirar-se aos braços do Taveira, como se fôsse uma pessoa muito sua conhecida.

Trocadas as primeiras expansões e os primeiros abraços, os dois cavalheiros da *troupe* trataram de apresentar á caravana o recem-chegado.

— O meu amigo Taveira...

— O nosso amigo Taveira...

E, emquanto o comboio ia galgando terreno, o amigo Taveira cumprimentava as senhoras, beijava as creanças, explicava a sua apparição ali.

Elle ia, dissera, para o Bom Jesus do Monte passar uns dias.

— Tambem nós. Que feliz encontro! que ditosa coincidencia!

A conversação animou-se desde logo.

— Conta-nos lá a tua vida, Taveira.

— Tem pouco que contar. Sou advogado e solteirão: está dito tudo.

— Mas tens publicado alguns livros, não é verdade?

— Sim, nas horas vagas, para não morrer de aborrecimento na aldeia, vou colleccionando algumas das tolices que escrevi em Coimbra.

— Coimbra! Coimbra! diz um. Como eu me lembro de ti em Coimbra! Eras, por tal signal, o *Frigideira*.

Gargalhada geral. Apenas uma senhora, emquanto todos os outros riam, parecia olhar através da vidraça sem querer rir.

— Eras o *Frigideira*, acrescentou o orador, porque tinhas um namoro em Braga, e não perdias férias nenhumas sem que viesses a Braga comer frigideiras, dizias tu.

— Sim, era isso, confirmou o Taveira.

— Ora o *Frigideira*!

— Onde nós viemos encontrar o *Frigideira*: em caminho de Braga! Que coincidencia!

— Bem! disse o Taveira. Agora, que vocês já sabem a minha vida, contem-me a sua.

— Eu casei, respondeu um.

— E eu tambem, respondeu o outro.

— Já te apresentei minha mulher.

— Minha mulher é aquella, a quem foste apresentado ha pouco.

— Tua esposa é do Porto? perguntou o Taveira a um dos seus dois amigos.

— Não. E' de Braga. Ó Maria Luiza, tu não te lembras de vêr alguma vez o Taveira em Braga?

— Não, respondeu a dama, sorrindo constrangida e cumprimentando.

— Como se chamava o teu namoro de Braga?

— Engracia, respondeu o Taveira, sorrindo.

— Engracia! repetiram muitas vozes. Engracia! que nome!

— Pois era Engracia, minhas senhoras. E o caso é que eu cheguei a amal-a tão ardentemente, como se se chamasse Beatriz ou Laura.

Gargalhada geral.

— O' Maria Luiza, tu conheceste em Braga alguma senhora chamada Engracia?

—Não, não conheci, respondeu a dama, mostrando-se um pouco contrariada com as successivas perguntas do marido.

— O' Taveira! tu não fallas verdade!

— Verdade completa. Era Engracia, mas ha quantos annos morreu!

— De alguma indigestão de *frigideiras?*

— Talvez... Sei apenas que morreu. Recebi, alguns annos depois de sair de Coimbra, essa triste noticia.

— Reza-lhe pela alma, e não penses mais n'isso.

— Tens razão. E tu, disse o Taveira voltando-se para o outro amigo, tambem casaste em Braga?

— Não. Eu casei no Porto. Todas estas creanças são meus filhos.

— Lindas creanças, pódes acrescentar.

— Só tu ficaste solteiro! Talvez fizesses um voto de eterna fidelidade á memoria da tua Engracia...

Nova gargalhada do grupo.

— Não sei bem como isso tem sido, acrescentou o

Taveira, mas a verdade é que estou solteiro, e já agora, que é tarde, morrerei assim.

. . . . . .

Foi o proprio Taveira que, oito dias depois, me contou no Bom Jesus do Monte toda esta scena, que se passára em viagem.

Só quando o seu amigo Rocha, segundo o Taveira me confessou, lhe disse que casára em Braga e, chamando pela mulher, dissera — *Maria Luiza* — foi que o Taveira pôde reconhel-a como sendo a supposta Engracia que elle havia amado em Braga.

— Estava tão velha, continuou o Taveira, que só ouvindo-lhe o nome foi que pude descobrir os vestigios, quasi apagados, das suas antigas feições. Poderia passar por ella, cem ou duzentas vezes, que não a reconheceria.

— E ella reconheceu-o logo?

— Certamente. Porque quando o marido lhe perguntou se me tinha visto alguma vez em Braga, estava visivelmente contrariada, o seu sorriso foi contrafeito.

— E o marido não teria sequer a suspeita de que fosse ella a supposta Engracia bracharense?

— Não teve. Passámos aqui, na melhor intimidade, os trez dias seguintes. Ella estava constrangida, evitava-me; mas o marido mostrava-se extremamente amavel para comigo.

— O sr. Taveira não sentiu tentações de se dar a conhecer a ella por qualquer phrase que alludisse ao passado?

— Não, senhor. Senti tentações de me dar a conhecer ao marido.

— Ora essa?! Mas para que?!

— Eu lhe digo.

— Ouvil-o-hei com muito interesse.

— Na aldea, tenho-me entretido em evocar as recordações da mocidade colleccionando e revendo as minhas tentativas litterarias de Coimbra. Já publiquei duas dissertações que fiz na Universidade, e um livro de contos, que escrevi do quarto para o quinto anno do curso. Mas perdi todos os versos com que em Coimbra paguei a Apollo o tributo que lhe deve todo o rapaz, quando não é inteiramente tôlo.

— Perdeu o manuscripto, é o que quer dizer?

— Não, senhor. Todos os versos que fiz eram dedicados á Maria Luiza e, sem deixar copia, mandava-lh'os de Coimbra para Braga. Ora, se eu fosse franco com o meu amigo Rocha, se lhe confessasse que sua mulher era a minha Engracia, senhora que eu agora respeitava como sendo sua legitima mulher e uma respeitabilissima velha, não haveria decerto grande perigo em dizer-lhe: «Pede a tua mulher os meus versos, que eu desejo publicar como recordação da mocidade, e o mais que posso fazer é dividir a meias comtigo o producto da venda... se elles se venderem.»

Desatei a rir, e o Taveira riu tambem, de vontade.

Aqui está, retratado mais uma vez, o coração humano.

*

Vinte annos antes, aquelle homem adorava uma mulher, fazia-lhe versos, pensava apaixonadamente n'ella. Vinte annos depois, quereria repartir com o marido d'essa mulher o lucro dos versos que fizera em honra d'ella!

Setembro de 1893.

VII

Em Braga

E' no coração do Minho, na capital da provincia, *Brachara Augusta*, que estou escrevendo esta carta.

Aqui vim para matar saudades de um passado que, ai de mim! parecia estar biographicamente ligado a muitas ruas que desappareceram, a muitas casas que se desmoronaram, a muitas pessoas que morreram já.

Moralmente, sob o ponto de vista da minha saudade, encontro-me só em Braga, em certos sitios da cidade tenho que apurar a memoria para os reconhecer, tão mudados elles estão.

Vi anoitecer em pleno Campo de Sant'Anna, que d'ahi a pouco se illuminou a luz electrica — uma luz electrica de que os bracharenses dizem mal, aliás sem grande razão para isso. Pareceu-me tão boa como a que temos ahi na Avenida da Liberdade.

Mas que differença! que profunda differença entre aquellas tenebrosas noites de Braga ha vinte annos, em que se não via um palmo adeante do nariz, e a Braga de hoje em dia, perdão... de hoje em noite, com os seus globos de luz electrica, uma luz doce e láctea, que cobre de um morno luar persistente as pedras das ruas e as fachadas dos predios!

Ha vinte annos trez rapazes, que n'uma noite de verão se achavam hospedados no *Hotel Dois Amigos* (tambem hoje mudado... no nome, porque se denomina prosaicamente *Hotel Anselmo*) lembraram-se de sair a tomar a fresca no Campo de Sant'Anna ás duas horas da madrugada.

Tinham passado a noite á janella conversando sobre mil tolices proprias da sua idade e dos seus poucos cuidados, uma das quaes, estou bem certo, era uma questão historica de alta transcendencia local.

Eis o ponto, o assumpto: quem seriam os *dois amigos* que deram o nome áquelle *Hotel* em que os trez estavam hospedados?

Como em Braga tudo, n'aquelle tempo, tinha obrigação de ser antigo, um dos trez hospedes alvitrou que a denominação do *Hotel* era mythologica: os *dois amigos*, que figuravam na taboleta, deviam ter sido Castor e Pollux.

Mas logo lhe constestaram que essa hypothese era pouco provavel, porque, a ser assim, o *Hotel* teria sido denominado dos *Irmãos gemeos*, visto que Castor e Pollux estavam n'este caso.

Finalmente, ao cabo de muita tagarellice alegre,

refrescada com varios copos d'agua, porque a noite estava ardentissima, chegou-se á conclusão, por commum accordo, de que os *dois amigos* tinham sido Orestes e Pylades.

Assentou-se n'isto, e os trez hospedes foram deitar-se. Mas d'ahi a pouco uma alluvião de percevejos caía sobre elles, ameaçando sugal-os até á ultima gota de sangue.

Como nenhum dos trez era ainda contribuinte do Estado, extranharam a sangria, desesperaram-se com ella. E todos trez, quasi ao mesmo tempo, saltaram do leito, embrulhados nos respectivos lençoes.

Então mudou-se de parecer quanto á denominação do *Hotel:* os *dois amigos* não tinham sido Orestes e Pylades, mas dois infelizes viajantes que n'aquelle mesmo quarto, decerto, haveriam sido tragicamente victimados pelos percevejos.

Para escapar á mesma sorte, que se antolhava infallivel, os trez hospedes resolveram passar o resto da noite passeando no Campo de Sant'Anna n'uma simples e frêsca *toilette* de phantasmas, isto é, embrulhados nos lençoes das suas respectivas camas.

Dito e feito. O passeio ao ar livre durou cerca de uma hora, e a escuridão das noites de Braga era n'aquelle tempo tão profunda, que ninguem, absolutamente ninguem, deu tino dos trez phantasmas, os quaes apenas sentiram esvoaçar, em torno de si, a aza negra d'alguns morcegos — o que completava o horror do quadro.

Que Braga aquella ! que bons tempos aquelles !

Agora, com a luz electrica, que illumina as ruas da cidade, foram-se todas essas extranhas phantasias de rapazes patuscos, foram-se tambem os morcegos, o progresso inundou Braga com uma claridade de opala, ás duas horas da noite ha sempre luar ainda que não haja lua!

Esta transformação impressionou-me profundamente, e não admira que de todas as transformações por que a capital do Minho tem passado, seja a da illuminação publica a... que mais dê nas vistas.

É verdade que a camara municipal, agarrada á teima de um caprichosinho cabeçudo, ainda conserva a illuminação a gaz nos edificios que administra e dentro do Passeio Publico.

Mas os globos da luz electrica, apesar das irregularidades proprias de uma iniciação, cantam fóra das grades do Passeio o hymno ironico, trocista, que proclama a sua superioridade em relação aos candieiros de gaz, que a camara teima ainda em conservar.

E o viajante despreoccupado, que não mexe na politica de Braga, dá logo razão aos globos da luz electrica, ainda mesmo quando — e este é o meu caso — sente saudade da escuridão proverbial das antigas noites de Braga.

Um dos bairros da cidade, o mais infamado pelo mau nome das suas travessas e bordeis, o bairro da Sé, está completamente transformado, demoliu-se a antiga casaria, rasgaram-se novas e bellas ruas, por onde o ar e a luz entram agora a jorros.

E as edificações de recente data são já muitas e

importantes, tem-se construido, n'essas ruas novas, predios de magnifica apparencia. Alem do bairro da Sé, a abertura de outras ruas tem facilitado muito as communicações dentro da cidade: estão n'este caso, por exemplo, a rua de Santa Margarida e a rua do Conselheiro Januario, já marginadas ambas por bons edificios.

Mas, a respeito de Braga, a minha saudade é tão conservadora, que o meu espirito parece ter crystalisado no antigo aspecto da rua d'Agua, da rua de S. Marcos, e da rua do Souto. N'essas, que não mudaram ainda, foi que eu me senti hoje á vontade, como se estivesse no meio de pessoas e de predios conhecidos.

Á porta de um sirgueiro da rua do Souto vi uma dalmatica, que lá ficou pendurada ha vinte annos, quando eu por ali tinha passado. Era a mesma, decerto. Conheci-a. E, olhando para o fundo da loja, vi trez sujeitos a conversar e a esfregar as mãos, de contentes; era a má lingua proverbial da rua do Souto. Tambem a conheci.

Esta era a Braga antiga, que cheirava ainda aos suevos, e que n'esse fartum de antiguidade tinha para mim a sua melhor recommendação.

A Arcada, a famosa Arcada do Campo de Sant'Anna, intrigou-me no primeiro relance de olhos: quasi a não conheci.

O velho Caffé Vianna, por onde se creou um poeta, que já morreu, Cunha Vianna, filho do proprietario, está de fato novo, vestido de espelhos. Um piano, onde

ás quintas e aos domingos toca o *maestro* Dom Prudencio, completa a modernisação do estabelecimento.

Estive ali ao fim da tarde, e não vi chegar o poeta Almeida Braga, nem o jornalista Gonçalo Antão, que já estão no cemiterio; nem vi passar no Campo de Sant'Anna, montando garbosos cavallos, os irmãos Preladas, os irmãos Cunha Reis, a flor dos marialvas bracharenses de outro tempo. Uns estão mortos, outros aposentados.

Receioso de encontrar desfigurado o santuario do Bom Jesus do Monte, estive para não ir lá. Mas a curiosidade pôde mais que o receio.

Fui. Oh! que belleza eterna a d'aquellas arvores, que não mudam nunca! que profunda suavidade e quietação a d'aquella paizagem sempre verde e sempre bella!

Pelo caminho, entre S. Victor e o Bom Jesus, encontrei novas edificações, *chalets* garridos, com bonecos de loiça, que, no meio do jardim, esguichavam menos convenientemente.

Uns lavradores que iam no mesmo *americano*, riram muito da engraçada ideia de vêr um menino de loiça a fazer uma má creação.

E eu, olhando para o formidavel arvoredo que no declive da montanha se debruçava já sobre nós, não pude deixar de exclamar mentalmente:

— O' sacrosanta poesia da floresta consagrada a Deus, perdôa ao brazileiro que mandou ali pôr o menino de loiça, e perdôa aos lavradores a quem o menino de loiça provocou tamanha hilaridade!

Saindo do *americano*, subi no elevador, e achei-me de repente em pleno Bom Jesus do Monte, na grande paz bucolica do arvoredo, que a suavidade da manhã enchia de maior encanto.

Depois de entrar no templo, e de ir vêr o lago, fui a um *restaurant*, que fica perto do templo, tomar um copo de leite.

O criado que m'o serviu, indicou-me um lettreiro pregado na parede.

Dizia o letreiro:

Pirolito que bate, que bate,
Pirolito, que já bateu.
Quem gosta d'estes biscoitos,
E' ella, é elle, sou eu.

— Pois traga, disse eu ao criado, os biscoitos do pirolito.

E, provando os biscoitos, que tinham um sabor acre a herva doce, pensei em que era realmente preciso que toda aquella floresta fosse tão bella, aquella paizagem tão formosa, para que o ridiculo do menino de loiça e do annuncio dos biscoitos do pirolito não prejudicasse a emoção, o deleite, o encanto do visitante.

Descendo as escadas do santuario, encontrei uma novidade, que, apesar do meu espirito conservador, applaudi sinceramente.

A avenida que em zig-zags sóbe desde o portico até ao escadorio, foi rebaixada, para maior suavidade na subida, e ladrilhada, uniformemente, a mosaico.

Fizeram-se novos patins, um dos quaes de grande

raio, e construiram-se novas capellas, que ou estão ainda vasias ou já povoadas de judeus com cara de gente, o que não estava nas tradições do Senhor do Monte, onde, n'outro tempo, todo o judeu desafiava pela fealdade hedionda a colera dos romeiros ingenuos.

Quando eu vinha descendo o escadorio, ouvi grande grita de mulheres e homens.

De repente, passa por mim, correndo muito, uma rapoza, de pêllo eriçado, que ia fugindo á perseguição atroadora de alguns romeiros.

— Mata que é rapoza! gritavam elles.

Pobre rapoza! Ia de certo para o lyceu, cumprir o seu dever nos exames da segunda epoca.

Se eu fosse estudante, ter-lhe-ia atirado.

Outubro de 1893.

VIII

Outra vez em Braga

Qual foi o assumpto da semana... para os outros? Confesso francamente que não sei. Para mim, foi Braga, aonde cheguei n'um dia de chuva, dia triste e somnolento como a velhice de um conego.

É certo que, em attenção ao diluvio, eu poderia ter adiado essa pequena viagem «para quando o tempo o permittisse.» Mas toda a minha vida tenho tido por systema o esperar pelos acontecimentos, exceptuando apenas aquelles que directamente dependem da minha vontade. Disse a mim mesmo que partiria. Portanto, apesar da chuva, parti. Era uma semsaboria? Paciencia! Quem é que se não vai acostumando a semsaborias?

Pequena viagem, devia ser. Mas, na linha do Minho e Douro, não ha pequenas viagens. O horario dizia que chegariamos a Braga á uma hora e vinte

minutos da tarde. Não houve qualquer embaraço na marcha do comboio. Pois, apesar d'isso, chegámos a Braga ás duas... em ponto. Tal é a pontualidade n'uma linha do Estado.

Este mau costume do caminho de ferro pegou-se ao *americano,* em Braga. Logo contarei um caso, que justifica plenamente a hypothese do contagio.

Quando cheguei, estava-se levantando o mercado semanal no Campo da Vinha.

A chuva, cada vez mais intensa, punha em debandada os feirantes.

Uma vendedeira gritava para uma rapariga do povo:

— Ó moça! lebe lá a regueifa por oito bintens.

Ó moça! repeti eu mentalmente. E fui pensando n'uma coisa: que Lisboa tinha estragado esta palavra, tornando-a sinonymo de mulher perdida! Moça! A mulher nova e honesta, na flôr da idade e da virtude! Em Lisboa, moça vale tanto como rameira, a ultima degradação da mulher que se vende. Ao menos o Minho reza ainda pela velha cartilha portugueza, dá ás palavras a sua verdadeira significação. Em Braga ainda ha moças, que o merecem ser. E dizerem-se cobras e lagartos dos padres do Minho?! Calumnias!

O campo de Sant'Anna, que é o coração de Braga, estava paralysado pela chuva. Frio, morto. Ninguem. Debaixo da Arcada, que é o grande soalheiro bracharense, havia pouca gente. Ainda assim, ouvi lá, por delicadeza, dois ou trez boatos politicos, que os

jornaes da manhã, que eu tinha lido no Porto, já desmentiam.

A curiosidade da provincia alimenta-se principalmente de carapetões. É espantosa a sinceridade com que, fóra dos grandes centros, se acredita tudo o que dizem os jornaes.

E eu ouvi, por delicadeza, repito, porque nada me vai enfastiando tanto como ouvir fallar de politica. Para o Bom Jesus do Monte é que eu me tinha sobrescriptado; não para o soalheiro bracharense da Arcada.

Mas encontrei lá um amigo, archeologo distinctissimo, o dr. José Machado, e com isso me dei por bem pago de ter ouvido dois ou trez boatos politicos.

Um amigo, em Braga, n'um dia de chuva torrencial, é um achado feliz. Mas não foi só um amigo que eu encontrei; foram dois, foram trez — o conego Barroso, pessoa estimabilissima, e o Cunha Reis (Joaquim), que foi, nos seus tempos, um dos mais distinctos *sportmen* de entre Douro e Minho.

Com estes recursos, que a Providencia de Braga me deparou, pude aguentar a semsaboria de um dia e de uma noite de chuva.

Á noite fui ao Club... a nado. Muitos cavalheiros bracharenses estavam agrupados em torno da mesa de leitura. Sempre o jornal! O jornal é a esponja que absorve todos os ócios da vida de provincia.

N'aquella noite, quem não tivesse um jornal para lêr, era verdadeiramente infeliz em Braga.

Exceptuo-me a mim proprio. Eu tambem estava

em Braga, deante de quinze ou vinte jornaes, cuja politica já me não dá sensação nenhuma. Por isso me fui deitar para o *Hotel,* sem lêr nada, nem uma palavra. E adormeci tão profundamente como se tivesse lido muito.

Accordei ás cinco horas da manhã. Caía chuva a potes. Trez ou quatro sinos chamavam para a missa. Que heroicidade, Deus me perdôe! não é precisa para ir á missa ás cinco horas da manhã n'um dia de chuva!

Voltei-me para o outro lado, aborrecido por crêr que o mau tempo não me deixaria passar algumas horas no Bom Jesus do Monte.

Tornei a adormecer; a indignação fez-me somno. E tanta chuva era para indignar a gente. Accordei ás oito horas. A chuva cessára. O sol deixava cair sobre o Campo de Sant'Anna um alegre sorriso de reconciliação com os bracharenses. Tratei logo de aproveitar a boa disposição do sol.

Almocei, saí. Dei uma volta pela cidade. Na rua Nova do Souto, entrei n'uma livraria. Perguntei pelos donos da casa. Um rapazito que vigiava o estabelecimento, respondeu-me: «Estão na aldeia. Mas se o senhor quer alguma coisa vou chamar o caixeiro grande.»

Não, respondi eu, não chame ninguem, porque o americano deve estar a partir para o Bom Jesus do Monte, e eu não posso demorar-me.

Tão tolo era eu, que me fiava ainda na pontualidade do *americano* em Braga! O *americano* partiu

quando quiz, e eu tive de esperar por elle. Mas, á volta do Bom Jesus, é que foi ainda melhor!

Deviamos partir de lá ás duas e meia. Partimos depois das trez. A meio do caminho, parámos, sem que soubessemos porquê. Ao cabo de um bom quarto de hora tivemos, porém, a explicação do caso.

A machina foi substituida por uma parelha de muares. Devendo chegar a Braga ás trez horas, chegamos ás quatro menos um quarto. Tive portanto, se não quiz perder o comboio do Porto, de pagar o jantar no *Hotel* sem o comer — que é a peior maneira de jantar.

Faço esta prevenção aos viajantes incautos: não se fiem em Braga nos horarios, porque são lettra morta.

O caminho de ferro e o *americano* padecem lá da mesma molestia: preguiça contagiosa.

Mas todas estas contrariedades me foram compensadas pelo bem que eu estive no Bom Jesus do Monte, na mais suave e serena manhã que poderia ter desejado para bordejar no lago.

Nem frio, nem calor. Nem sol, nem chuva. Um ceu pallido, mas encantador de suavidade.

Trez ou quatro familias apenas, mas todas ellas passeiando em botes no lago. Á beira d'agua, um cego e o moço cantavam *Fados* á viola. Um corcunda, uma velha e um céguito de doze annos, Antonio se chamava elle, pediam esmola.

Que profundo contraste entre a belleza eterna da vegetação, ali, e a misera humanidade representada

pela velha, pelo corcunda e pelos dois cégos! Só Deus é grande... em si mesmo. Deus estava ali, nas arvores sempre verdes, na agua cantante, na montanha umbrosa e tranquilla, mas n'uma creança cega, que nunca pudéra ver as côres do céu e da terra, não podia estar. A miseria humana vi eu, menos ainda na velha e no corcunda, do que n'aquella creança que não tinha olhos.

Os botes deslisavam mansamente á superficie da agua.

O cego e o moço cantavam agora o *Fado do Hilario*, canção que se entende melhor na bôca do povo do que na do proprio Hilario, que lhe tira, á força de *fiorituri*, o sabor popular que é a alma dos *Fados*.

De vez em quando, um passaro descia a bicar na agua, e uma folha, que se desprendia da arvore, vinha morrer, ainda verde, no lago.

Os teus olhos são estrellas
Co'o fulgor dos arreboes.
Quem me dera com dois beijos
Apagar tão lindos soes!

E a voz dolente do cego espreguiçava-se n'um doce rythmo de amargura popular, pela bacia do lago.

Antonio, levantando a cabeça para o céu, que não via, deixando rolar, no logar das pupilas, duas contas de aço estaladas, parecia ouvir profundamente, por

uma provindencial compensação dos sentidos, a voz enternecida do seu collega em desgraça.

E á volta de tudo isto, a paz, a belleza, a suavidade eternas da montanha sagrada, que não envelhece jamais.

Só Deus é grande... ali.

Outubro de 1895.

XI

FATAUNÇOS

De todas as noticias relativas á *villegiature* de sua magestade a rainha D. Amelia nas Caldas de S. Pedro do Sul, uma, principalmente, me fez impressão, e de certo tambem a faria a todas as pessoas que não desconhecem os costumes das povoações ruraes no norte do paiz.

Refiro-me aos pormenores da visita da rainha á freguezia de Fataunços, que pertence ao concelho de Vouzella, e fica a mais de trez leguas de Vizeu.

Foi a rainha convidada a honrar com a sua presença esta povoação, e por bem empregado daria sua magestade o tempo que consagrou ao passeio a essa aldeia, em que eu apenas posso descobrir um defeito: o nome.

Fataunços não é, em verdade, uma denominação harmoniosa e poetica, mas sobram á terra predicados que descontem a dissonancia do nome.

É ameno o sitio, uberrima a terra, saudavel e

aprasivel, rica de agua e de sombra como todas as do valle de Lafões. A opulencia dos pastos enverdece copiosamente a vastidão dos prados, onde se criam vitellas que passam por ser as mais saborosas de Portugal.

Além do pittoresco da região, condecora-se Fataunços com algumas reliquias archeologicas, taes como a *Torre dos mouros*, solar da familia Lemos. O progresso levou á povoação o seu influxo civilisador com a creação de uma escola e bibliotheca, que em 1870 foram fundadas por um filho de Fataunços estabelecido como typographo no Porto.

Chamava-se esse benemerito cidadão José Lourenço de Souza [1], e justo é recordar o seu nome com o louvor que merece.

A rainha, espirito educado no gosto e cultura das bellas-artes, apreciaria certamente a formosura da paizagem, e o pittoresco das ruinas da torre mourisca. Boa e carinhosa para com as creanças, folgaria de encontrar ali uma escola construida segundo os preceitos da pedagogia e da hygiene, enriquecida de mais a mais pela adjuncção de uma bibliotheca.

Mas quero crêr que a recepção que sua magestade teve em Fataunços será, no espirito da rainha, uma recordação indelevelmente saudosa.

---

[1] Tinha as suas officinas typographicas na rua do Bomjardim, d'aquella cidade. Foi editor de muitas publicações, taes como *Almanach Portuense*, *Archivo juridico*, etc.

Está sua magestade habituada, desde que entrou em Portugal e soube conquistar as sympathias dos corações portuguezes, a ser recebida por toda a parte com enthusiasticas manifestações de carinho e respeito. Comtudo, nenhuma festa organisada em honra de sua magestade poz ainda mais a descoberto a sinceridade da alma portugueza na sua fé ingenua e espontanea, que ainda se conserva na vida simples e laboriosa da provincia, mas que totalmente se tem perdido nos grandes centros de população do nosso paiz.

O *Commercio do Porto*, descrevendo as festas realizadas em Fataunços, dá um pormenor, que, por extraordinario, não deve passar despercebido.

«Á entrada da localidade havia um arco ornado de lenços de seda e fios de contas de ouro. Grupos de camponezas cantavam canções populares.»

Foi justamente este pormenor, apparentemente vulgar, que chamou e demorou a minha attenção, tanto mais que eu sou um dos raros portuguezes que ainda não foram a Pariz, mas que menos mal conhecem as provincias de Portugal.

Desculpe-se-me esta vaidade á conta de amor pela terra em que nasci.

Deante d'esse arco ornado de lenços de seda e de contas de oiro eu descubro a cabeça e curvo-me respeitoso, porque elle é, na sua mais profunda significação, a maior homenagem que a camponeza do norte do paiz pode prestar a uma princeza querida e amada por o povo.

Não se diga por espirito politico, que inteiramente

affasto d'esta ligeira chronica e que não é manjar que me tente o apetite, que Fataunços jaz ainda n'uma ignorancia crassa, comparavel á que o arcebispo Dom Frei Bartholomeu dos Martyres foi surprehender nas alturas de Barrozo.

Como sabemos, ha vinte e cinco annos que em Fataunços funccionam uma escola e uma bibliotheca, e um quarto de seculo de instrucção alguma luz deve ter lançado no espirito d'aquelle povo, docil e bom, portanto disposto a deixar-se conduzir, se não para a bibliotheca, ao menos para a escola.

O que ali ha não é por certo a ignorancia primitiva, mas a primitiva candura, mas a fé immaculada, a sinceridade espontanea da alma portugueza.

As camponezas de Fataunços, encantadas com a rainha que tinham ido vêr a S. Pedro do Sul, quizeram expressar-lhe toda a estima, todo o enthusiasmo carinhoso que sua magestade lográra inspirar-lhes, e para traduzir quanto sentiam não acharam melhor meio do que arreiar com as suas mais ricas alfaias, *com todo o seu oiro*, o arco por baixo do qual a rainha devia entrar na povoação.

Os lenços de seda e as contas de oiro, dispostos em bambolins certamente graciosos, representam toda a historia da vida aldeã: os proventos colhidos no duro trabalho dos campos, ao sol, ao frio, lavrando a terra, ceifando a mésse, esfolhando o milho, padejando o trigo, malhando o centeio, pastoreando o gado, fornejando o pão, embarrelando o bragal, tecendo o linho, enxadando a gleba.

Todo o poema do trabalho aldeão, toda a chronica da cansada vida rural pendia em estrophes d'aquelle arco de triumpho, escriptas na seda dos lenços e no oiro das contas.

Era como se as mulheres de Fataunços quizessem dizer á rainha: «Toda a nossa existencia, com todos os nossos thesouros conquistados á força de trabálho, pertencem a vossa magestade. Vêde-os aqui, para que os honreis contemplando-os.»

Nenhum arco de triumpho esculpturado em marmore valeu ainda a significação d'aquelle arco.

A camponeza do norte do paiz é ciosa, avara das suas galas, especialmente do seu oiro. Mata-se para conquistal-as, e procura conserval-as como á propria existencia. Não se desfaria d'ellas para comprar um palacio, por mais barato que lh'o quizessem vender; mas da melhor vontade as emprestou para vestir festivamente com os seus lenços e com os seus collares o arco por onde a rainha devia passar.

Chega a ser encantadora esta sincera homenagem.

E ao mesmo tempo demonstra a honestidade dos costumes campestres do norte do paiz — a ausencia completa de gatunos, que pudessem pôr em risco a segurança dos cordões de oiro das camponezas.

Não faltou uma só conta, pela simples razão de não apparecer gatuno algum. E não appareceu, pela razão ainda mais simples de os não haver em Fataunços.

Ali vive-se trabalhando, lidando na industria primitiva da humanidade: a agricultura. A terra é a grande officina explorada por toda aquella população

rustica. E as alfaias, as joias que ali estavam expostas eram sagradas, porque representavam os tropheus do trabalho, os despojos opimos da eterna batalha ferida contra a terra subjugada.

Em Lisboa, n'esta occasião em que se preparam as festas antoninas, os arcos da rua do Oiro — que tanto oiro poderia exhibir — são de ferro. Os cestos com que estão gaveados os mastros da rua dos Retrozeiros são de palha... apenas doirada. A bisarma monstruosa das escadas de Santa Justa é uma coisa que não valeria a pena roubar, e ainda menos construir. Não ha, cautelosamente, nada de bom e valioso que os gatunos possam roubar, porque, se houvesse, nem Santo Antonio lhe valeria.

Em Fataunços o arco era de oiro, e não faltou uma só conta quando a festa acabou!

Ó Fataunços! ó ditosa e honrada terra, onde o Sacarrão é um mytho extranho, de que se ouve fallar com terror pela ideia associada da rapinagem alfacinha, de que esse grande cabo de guerra policial tem sido, por tanto tempo, o perseguidor heroico!

A rainha pode dizer que viu em Vouzella um retalho do paraiso terreal, sem a serpente biblica, que tentasse os camponezes a colherem o pomo de oiro prohibido, e pode ainda dizer mais que viu e ouviu o coração portuguez palpitar no peito de uma população ainda não degenerescida moralmente pelas ruins paixões de que enfermam as cidades policiadas.

As mulheres de Fataunços, em vez de estarem inquietas pelos seus lenços e pelos seus cordões, can-

tavam tranquillas, em honra da rainha, as canções populares da sua terra.

Sentiam-se felizes por terem enfeitado esse arco de triumpho com toda a riqueza das suas arcas.

E nenhum gatuno-Mephistopheles sorria velhacamente por de traz das arvores, espreitando a occasião de arrancar dois lenços de seda e dois cordões de oiro.

Manifestamente, a rainha comprehendeu a extranha originalidade de tudo o que tinha presenceado em Fataunços. Partiu d'ali encantada e commovida.

O *Commercio do Porto* conclue a sua narração dizendo:

«Em Fataunços tocou a philarmonica d'aqui, e na despedida sua magestade a rainha, vivamente impressionada, dizia não esquecer aquella localidade, onde prometteu voltar, e emquanto avistou Fataunços acenava da carruagem com o lenço.»

O lenço da rainha, despedindo-se dos lenços que ficavam pendentes do arco, dizia certamente no silencio eloquente de uma separação saudosa: «Nunca tinha visto isto, e nunca mais o poderei esquecer.»

Junho de 1895.

XII

GUARDA

Casualmente, ante-hontem á noite relacionei-me no *Caffé Chinez*, em Espinho, com um respeitavel cavalheiro da cidade da Guarda, ao qual, segundo um velho costume que já não posso perder, fui pedindo informações a respeito da sua terra.

A gente, em Lisboa, apenas conhece a provincia por certos homens e por certas guloseimas que a mesma provincia produz.

Assim, por exemplo, todos os lisboetas conhecem Aveiro por ser o berço de José Estevam e a patria dos ovos molles. Eu nunca fui a Paredes, mas houve tempo em que ninguem ignorava que o fallecido deputado José Guilherme era *o rei de Paredes*, e eu só conhecia essa localidade pelo homem que politicamente a representava. Por esse mesmo tempo, quem dizia—conselheiro Arrobas—era como se dissesse—Setubal—, e logo acudiam á imaginação, ao ouvir aquelle appel-

lido, as bellas laranjas, o excellente moscatel e os deliciosos salmonetes, de que Setubal se envaidece.

A respeito da cidade da Guarda, o que eu desde muito novo sabia era que por ali saía eleito deputado para todas as legislaturas o meu presado amigo sr. Telles de Vasconcellos, hoje par do reino. E tambem, nas cavaqueiras de Lisboa, ouvia dizer que a cidade da Guarda era farta, feia e fria. Quando queria saber mais alguma coisa via-me na necessidade de ir consultar *O Portugal antigo e moderno,* de Pinho Leal.

Mas, nos ultimos tempos, tem-se falado da Guarda segundo um novo ponto de vista, como estação propicia aos tuberculosos e foi, n'este sentido, que eu principalmente guiei as minhas perguntas.

—E' certo, perguntei, que estão muitos tuberculosos na Guarda?

—Infelizmente é certo, respondeu o cavalheiro por mim interrogado.

—Infelizmente, porque? Pois não dá lucro á cidade essa colonia de doentes, que ali vão passar alguns mezes do anno? Quantos tuberculosos calcula que estejam actualmente na Guarda?

—Este anno, não são menos de duzentos, certamente. Lucro dão, porque alugam, por dez e doze mil reis mensaes, casas cuja renda, paga aos mezes, era de trez ou quatro mil reis. Mas fazem a vida da cidade muito triste, e constituem um perigo pelo contagio.

—Mas então os tuberculosos não estão isolados?

—Não, senhor. Comquanto, na sua maior parte

arrendem casas para residir, a defeza do contagio não está devidamente garantida. Quando um tuberculoso sae ou morre, a casa que elle habitava, assim como os moveis e as loiças, não são sufficientemente desinfectados. Está ainda dependente da approvação do governo um regulamento sanitario, estabelecendo prescripções hygienicas, e bem preciso se torna que seja approvado quanto antes.[1] Mas alguns tuberculosos conseguem installar-se nos *hoteis,* seja porque a doença esteja ainda no primeiro grau ou porque chegam munidos de importantes cartas de recommendação, e n'esse caso o perigo do contagio é ainda maior.

— Mas disse-me que a presença dos tuberculosos entristecia a cidade.

— Muito. Ouvem-se tossir cavernosamente, a cada momento, de dia e á noite. Faz horror. Outras vezes encontram-se alguns, passeiando, mas já tão abandonados de forças physicas, que são seguidos por um criado conduzindo uma cadeira, em que de momento a momento precisam sentar-se para descansar, no meio da rua. Depois a gente affeiçoa-se a este ou áquelle tuberculoso, e tem pena de o ver definhar-se dia a dia até que morre. Incommóda ouvir os sinos dobrar a finado, e ainda mais deve incommodar os pobres tuberculosos que ficam esperando a sua hora.

---

[1] Foi approvado pouco tempo depois, em outubro de 1897. Mas quem, n'este paiz, pode crer na observancia de regulamentos ?

— Entre os habitantes da Guarda o contagio tem-se já manifestado?

— Sim, senhor. E não havia idéa na Guarda de ter morrido alguem tisico. Pois agora téem-se dado alguns casos. E é opinião de um illustre medico que dentro de dez annos o contagio ter-se-ha alastrado em toda a cidade.

— Desde que tempo é que os tuberculosos procuram a cidade da Guarda?

— Desde que a sciencia se convenceu de que as altitudes são favoraveis á conservação ou cura dos tuberculosos. Antigamente, como sabe, os medicos pensavam de outro modo: o que se recommendava aos tisicos era agasalho, cuidado com as correntes atmosphericas, *beefs* e vinho do Porto. No nosso paiz, foi principalmente o Sousa Martins...

— Bem sei. E parece racional a theoria que elle tão convictamente sustentou. Conhece a comparação de leque?

— Não estou lembrado.

— No prologo aos *Quatro dias na Serra da Estrella*, de Emygdio Navarro, sustentou Sousa Martins que o pulmão minado pela tuberculose era como um leque roído pela traça. Para conservar um leque assim damnificado, o que se faz? Toda a gente sabe. E' abril-o e expol-o ao ar livre. Mas onde é que as correntes atmosphericas poderão ser mais puras, e, portanto, mais salutares? Nas montanhas; nas grandes altitudes. Ora o pulmão, roído pela tuberculose, está no caso do leque; precisa ser beneficiado pelo ar puro e

livre das montanhas. Aqui tem, em poucas palavras, a theoria moderna. Mas diga-me uma coisa, perguntei eu, na Serra da Estrella não ha já um sanatorio?

— Em Manteigas ha algumas casas, que são alugadas pelos tuberculosos. Onde ha um sanatorio é na Covilhã.

— Mas se se pensasse a sério na construcção de um sanatorio na Serra da Estrella, já a cidade da Guarda se veria desaffrontada da concorrencia dos tuberculosos.

— Sousa Martins pensava n'isso, era o seu ideal, mas infelizmente a tuberculose victimou-o antes de realizado esse emprehendimento, que seria um grande serviço prestado á humanidade.

— Tinha visto ultimamente Sousa Martins?

— Não, senhor. Vi-o na Guarda quando elle ali foi assistir ao enterro do doutor Sobral, e por essa occasião lhe ouvi o notavel discurso que pronunciou.

— Mas, na Guarda, os tuberculosos não procuram distrair-se?

— Procuram os que podem fazel-o. Alguns chegam já tarde. Ainda outro dia um, que lá chegou com trez ou quatro criados, e que por isso parecia ser pessoa rica, foi mandado retirar immediatamente.

— Como se divertem?

— Passeiam. Vão á Praça ouvir a musica, nos dias em que a ha, e juntam-se ás vezes em grupos para tomar cerveja ou *groseille*.

— Gostam de conversar?

— Alguns. Outros, mais apprehensivos ácerca do seu estado, mostram-se concentrados. E até alguns namoram.

— Namoram as damas da Guarda?

— Não, senhor. Os tuberculosos namoram as senhoras que tambem ali estão atacadas da mesma enfermidade.

— E' o idylio á beira da sepultura!

— E'. Mas dizem os medicos que nos tisicos ha certa excitação amorosa, e por isso se comprehende que, n'aquelle estado de que não ha appellação possivel, o amor consiga distraíl-os.

— Estou agora a vêr, na imaginação, um d'esses idylios entre um tuberculoso e uma tuberculosa, amor sem esperança, porque nem elle nem ella podem contar com o dia de amanhã. Ahi está um bello assumpto para um romance.

— Porque não vae á Guarda para o escrever?

— Porque não estou para me impressionar muito pelos assumptos de que trato. Devo dizer-lhe, porém, que já esse assumpto me tinha passado pelo espirito. Contou-me um rapaz brazileiro, que esteve em Davos Platz, que lá o amor florescia entre os tuberculosos, como planta que encontrasse na ruina dos pulmões um terreno propicio. Namoravam-se no theatro, no casino, no passeio, amando-se como no vigor da saude. Não aproveitei então o assumpto por ter de o localisar n'um paiz extrangeiro. Mas agora, que se trata de uma cidade de Portugal, confesso-lhe que, se dispuzesse de mais paciencia para trabalhar, e se valesse

pena trabalhar com escrupulo, iria de proposito á dade da Guarda.

— Disponha-se a isso. Offereço-lhe uma casa, que a minha, e um *cicerone*, que sou eu.

— Muito obrigado. Mas não me decido por ora, em talvez nunca.

— Então em Lisboa não se sabia que a Guarda tá convertida n'uma numerosa colonia de tubercusos?

— Com tantos pormenores não se sabe; eu, pelo enos, não sabia.

— Pois já alguns tuberculosos de Lisboa téem tado na Guarda. Ainda outro dia lá morreu um, ue era titular ou da familia de um titular.

— Lembra-se do titulo ou do nome da familia?

— Não me lembro. O que posso dizer é que o adaver esteve em exposição, e que foi muita gente êl-o.

— A morte de um tuberculoso deve impressionar rofundamente os outros?

— Muito. Emquanto essa impressão dura, mosam-se mais abatidos e desanimados.

— Então, certamente, o sentimento amoroso é meos intenso?

— Tudo é providencial no mundo. Mas a impressão assa, e as distracções voltam. O amor torna a acantar os corações, e os olhares de um tuberculoso ncontram-se com os de uma tuberculosa n'uma effusão e ternura.

— Diga-me ainda uma coisa: a cidade da Guarda é tão feia como diz a lenda?

— Eu não acho... porque sou de lá.

— É fria?

— Fria, é. Quando eu vim para Espinho, já na Guarda era preciso andar de capote.

— Safa! Que a dizer a verdade aqui em Espinho chega a fazer-se ideia do que seja o frio na Guarda.

O meu interlocutor sorriu-se:

— Isso sim! disse elle.

— Mas não soffre com o frio da sua terra?

— Já estou habituado. Com o que eu soffro, pelo menos moralmente, é com a visinhança de um tuberculoso, que alugou casa perto da minha, e que passa toda a noite a tossir.

— Coitado!

— Incommodam-nos muito e, como já lhe disse, constituem um perigo imminente.

— Deviam tratar de adoptar todas as possiveis medidas de precaução.

— Esperamos pela approvação do regulamento. Mas a sua execução não deixa de ser dispendiosa. Parece que será preciso adquirir, por subscripção entre os proprietarios, uma estufa de desinfecção que, segundo ouvi dizer, custa 1:200$000 reis.

— Mas vão-se os anneis e fiquem os dedos.

— Pois está visto. E depois a prophecia é terrivel: que dentro de dez annos a Guarda será uma cidade de tuberculosos.

— Muito obrigado pelas interessantes informações que teve a bondade de dar-me.

— E o romance?

— O romance não se fará. Mas hei de indicar o assumpto a quem o quizer àproveitar.

Fica indicado.

Setembro de 1897.

FIM

INDICE

PAG.

Ao leitor 5

I

RIBATEJO

I — Rio acima 9
II — Alcochete 17

II

CASCAES

I — No principio de uma época balnear 27
II — Os maridos 34
III — A calçada d'Assumpção. 42
IV — Os excursionistas 49
V — O soneto de Cascaes 56

III

A CIGARRA 65

IV

O TERMO DE LISBOA. . . . 73

V

MAFRA

I — Na placidez do arvoredo 85
II — D. João v e a velha do Casal 93
III — Um Papa em Mafra 100
IV — A Tapada Real 108

VI

CARTAS DA ERICEIRA . . . 115

VII PAG.

AVEIRO 163

VIII

ESPINHO

I — A vida da praia 171
II — A dama da roleta 177
III — A romaria da Senhora da Ajuda. 185
IV — Historia de um fidalgo de Braga e do seu lacaio 194
V — Morte da señorita Olgado 202
VI — A anecdota do martello 210
VII — Despedida 217

IX

MATTOSINHOS E LEÇA

I — O porto de Leixões 225
II — Ainda o porto de Leixões 233
III — Os inglezes e o Porto 241
IV — O Senhor de Mattosinhos 248
V — As mulheres de Mattosinhos 255

X

CARTAS DO MINHO

I — Os caffés da Povoa. 265
II — Uma lenda religiosa 272
III — A população minhota 279
IV — Da Povoa a Barcellos 286
V — Á beira do Cávado 293
VI — Vinte annos depois 301
VII — Em Braga 309
VIII — Outra vez em Braga 317

XI

FATAUNÇOS 325

XII

GUARDA 333

DP
525
P5

Pimentel, Alberto
Sem passar a fronteira

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 12 02 04 005 2